Diário de Lisboa

ANO 56-N.º 19131 4$00

TERÇA-FEIRA 17 AGOSTO 1976

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

EXÉRCITO E JUDICIÁRIA NA OFENSIVA ANTITERRORISTA

● DOIS DETIDOS EM LISBOA

Altos responsáveis militares parecem dispostos a levar até ao fim as investigações e detenções relacionadas com os actos bombistas ocorridos no nosso país desde o Verão passado e, geralmente atribuidos (ou reivindicados) ao ELP/MDLP.

Enquanto a Polícia Judiciária alarga a sua acção no Norte e no Sul (há pelo menos dois detidos em Lisboa) surgem indícios de que o desencadear de toda esta operação foi antecedido de uma rigorosa planificação que vinha de há muito sendo delineada em altos escalões do Exército. Só assim se explica a boa conjugação de esforços entre a Polícia Judiciária Militar e Polícia Judiciária, que levou em poucos dias à captura de alguns dos mais activos responsáveis do terrorismo bombista.

Mantém-se, segundo julgamos, a disposição inicial das autoridades em levar as investigações até às necessárias consequências. Recorde-se o que o major Hugo Rocha, subsecretário de Estado da Administração Interna afirmou há cerca de uma semana que «ninguém culpado será ilibado, seja civil, doutor, soldado ou general».

Assim se explica também a detenção do comandante dis-

Continua na pág. 20

DL O PROBLEMA POLÍTICO DA SEGURANÇA PÚBLICA

Ao comunicado do MDP-CDE que, reproduzido fotograficamente, o «DL» publicou no sábado, dia 14 do corrente, deverá ser atribuída por todas as autoridades deste País, e em primeiro lugar pelo sr. Presidente da República, uma muito especial gravidade. Estávamos na presença de um atentado terrorista e de um crime de morte. O MDP-CDE, fundamentado numa informação divulgada por um jornal do Porto, referia o número de matrícula do automóvel Opel que estacionara junto da residência de Maria Rosinda de Sousa Moreira, em S. Martinho do Campo, Santo Tirso, minutos antes da explosão que a vitimou. O comunicado indicava, também, o nome do indivíduo que, habitualmente, era visto a conduzir esse automóvel: Ramiro Manuel Reis Moreira. O comunicado tem a data de 26 de Maio. Estamos em Agosto.

Esta incúria das autoridades atinge aspectos de gravíssima, irresponsabilidade ou consente mais severa interpretação. E é essa interpretação mais severa que nos é agora permitida pela detenção e pela imputação de responsabilidades culposas ao major Mota Freitas, comandante distrital da PSP do Porto.

Não devemos concluir, a partir de um facto aparentemente isolado, que a segurança das pessoas e dos bens, e a própria segurança das instituições democráticas correm um perigo iminente e irremovível. Mas devemos concluir que não existe garantia da segurança e que se verificam «casos» de cumplicidade culposa. Não devemos concluir que as forças de segurança estão contaminadas. Mas nada nos garante, neste momento, que estejamos perante um «caso» pontual. Pelo menos uma coisa é incontestável: a longa série dos actos terroristas praticados com a mais surpreendente facilidade e com a mais inquietante impunidade.

A dialéctica do «golpismo» e do «antigolpismo» tem sido muito ardilosamente manipulada, e nem sempre se terá tido em conta que se criava um clima prejudicial, poluído por facilidades, serviços mútuos, cumplicidades, duplicidades. Nalguns casos não se terá sabido onde acabava a segurança «partidária», ou «pública», e onde começavam as actividades marginais ou delituosas; nalguns caos não se soube se as armas estavam em «boas mãos» ou se eram utilizadas em «turvos negócios»; nalguns casos não se saberá quem paga e como foram obtidos os meios financeiros; nalguns casos não se saberá onde acaba a competição política portuguesa e onde começa a penetração da intriga estrangeira; nalguns casos não se saberá se estamos perante prática política ou se estamos perante provocação e aventureirismo. Um «anticomunismo» primário serve, frequentemente, de suporte teórico e de explicação de actividades de mais largo alcance: a luta contra as instituições democráticas, os ataques à descolonização e à reforma agrária, a apologia, clara ou apenas velada, de actividades públicas e clandestinas que têm por objectivo o «regresso» e a «desforra».

Sem espírito alarmista, antes com a noção da responsabilidade que nos cabe, o «DL» não pode deixar de sublinhar o significado político da nenhuma atenção que as autoridades civis e militares, que homens políticos com responsabilidades na governação, dispensaram ao «comunicado» do MDP-CDE. As prisões dos terroristas nortenhos vieram confirmar o «comunicado», abrir um vasto campo de especulação e justificar apreensões. Muitas operações policiais não têm tido sequência judicial, ou dessa sequência, como era normal, a opinião pública não tem sido informada. O envolvimento nas acções terroristas de pessoas e de organizações importa, também, que seja devidamente esclarecido. E um problema diferente — este do «terrorismo» — do problema da violência. Não deverão ser confundidos.

O problema da segurança pública carece de apreciação global. Ao ministro da Administração Interna cabe a firme adopção das medidas adequadas para a defesa das conquistas políticas, económicas e sociais do «25 de Abril», para a defesa do programa de vida democrática a caminho do socialismo que está inscrito na Constituição da República. Não estamos perante um simples problema de «ordem nas ruas». Estamos perante um *problema político*.

20 PÁGINAS

Novo comandante geral da P.S.P.

Toma posse na próxima quinta-feira o novo comandante geral da Polícia de Segurança Pública, general Neves Cardoso, informou esta manhã a Anop.

Segundo a Anop, a posse deverá ser conferida pelo ministro da Administração Interna, tenente-coronel Costa Brás, pelas dez horas da próxima quinta-feira.

O general Neves Cardoso desempenha desde 10 de Dezembro o cargo de director da Instrução do Exército, tendo já exercido as funções de comandante geral da P.S.P. logo após o 25 de Abril de 1974.

Apresentar-se-á agora na repartição de oficiais do Ministério do Exército para futura colocação. Anteriormente, o coronel Caldeira desempenhara as funções de director do Serviço de Justiça e Disciplina do Ministério do Exército.

Família de Marcelo Caetano na negociata do aeroporto

A um filho de Caetano foram dados cem mil contos «de sinal» pelos terrenos de Rio Tinto, provadamente impróprios para a construção do novo aeroporto. Entretanto, na Portela, as obras de restauração ultrapassam já os 600 mil contos

Pág. 11

O M.P.L.A. vai transformar-se em partido

Durante a visita que fez este fim-de-semana a Cabinda, o primeiro-ministro angolano, Lopo do Nascimento, referiu-se à possível transformação do M. P. L. A. em partido, fazendo notar que a organização, «como Movimento de Libertação, cumpriu o seu dever histórico, o de libertação da pátria».

Acrescentou a este respeito que o Directório Político do M. P. L. A. está a preparar documentos para a discussão de questões fundamentais numa próxima reunião do Comité Central do Movimento.

Definindo as características do futuro partido, Lopo do Nascimento acentuou que «só poderá ser um partido da classe operária, assente na ideologia do marxismo-leninismo».

O primeiro-ministro angolano, que se demorou cerca de 24 horas em Cabinda, mostrou-se satisfeito com a actividade desta província, «uma vez que se avança em todos os sectores», não se verificando a normal falta de quadros como noutros pontos do país. Afirmou a propósito que «a situação a nível de quadros é de tal modo favorável na província de Cabinda que se pode pensar em aproveitar alguns deles para outros pontos do país onde as carências são maiores».

Recorda-se que as operações de extracção de petróleo da «Cabinda Gulf Oil» se têm processado a um ritmo normal, estando prestes a atingir os volumes mensais de 1974.

Maternidade abandonada no Alto de S. João

Pág. 5

Volta a Portugal em Bicicleta

Joaquim Andrade 1.º em Vilamoura

Pág. 16

FIAT IBA, LDA. Black & Decker TOTOBOLA

pitralon 2000 Europeia VIAGENS • TURISMO clock cerveja

com o "D.L" na "VOLTA" (Págs. 16 e 17)

Nacional

Política de A a Z

UM NOVO PARTIDO

Vencida a prova da separação, assumida a ruptura com o grupo dirigente liderado pelo dr. Francisco Sá Carneiro, os dissidentes do PPD, após meses de troca de impressões, de sondagens, de negociações, decidiram transormar em «partido», com as vantagens e as consequências que de tal decisão decorrem, o «Movimento Social-Democrata». Surge, portanto, no horizonte politico português mais um «partido». Coube ao dr. Artur Santos Silva justificar as razões que compeliram os dissidentes do PPD a optarem pela fórmula de organização partidária. Disse o dr. Artur Santos Silva: «A nossa Constituição, mal e mesmo muito mal, quase só dá direito aos partidos de propor candidatos para os órgãos do poder, o que é contrário a uma verdadeira ética democrática, pois qualquer cidadão deveria ter a faculdade de propor ao sufrágio, acompanhado de um número significativo de eleitores, aqueles que deseja que o dirijam e governem. Mas no caso português apenas se pode intervir na vida política a reboque de um partido existente». Este condicionamento legal que limita fortemente a iniciativa política dos cidadãos, que dá aos «partidos» um papel privilegiado e desconhece os movimentos locais e regionais, reduz a vida democrática a um modelo discutível, exclui hipóteses de enriquecimento da participação cívica, e este caso do «Movimento Social-Democrata» veio chamar a atenção para um problema que, mais cedo ou mais tarde, terá que ser revisto. Por agora, e no que ao «Movimento Social-Democrata» se refere, o dr. Artur Santos Silva é claro: «Daqui resulta não poder o M.S.D., manter-se na atitude de mero movimento, vendo-se obrigado a converter-se não só numa associação política, mas em partido que será, obviamente, o Partido Social-Democrata (P.S.D.)».

DA EXPECTATIVA Á INTERVENÇÃO

A recomposição com um PPD submetido aquilo que os «dissidentes» classificaram de poder pessoal do dr. Francisco Sá Carneiro, não constituiu propriamente uma expectativa. Alguns «dissidentes» amoleceram, outros vergaram. Para a maioria a questão com a direcção do PPD tomava um cariz político nítido: o PPD virava à direita. Eles, «dissidentes», eram os verdadeiros «sociais-democratas» e deveriam, no quadro parlamentar, alinhar com o Partido Socialista. Na direcção do Partido Socialista preferia-se uma integração dos «dissidentes», ou, pelo menos, da maioria dos contestarios de Aveiro. E assim se criou, noutro plano, a experctativa. Não raros «dissidentes» do PPD, com justificadas razões, ou com adormecedoras ilusões, admitiram no período que mediou entge a «crise de Aveiro» a campanha para as «eleições legislativas», a eventualidade de figurarem como «independentes» na lista do Partido Socialista. Mas, e nalguns casos, contra a própria opinião de Mário Soares, a maioria dos quadros do PS não aceitou a presença nas listas socialistas dos «sociais-democratas independentes». Por maioria de razão, nenhum «independente-MSD» foi convidado para o «Governo PS» apesar do M.S.D. ter enfileirado na maioria presidendial de Ramalho Eanes. Estas decepções deverão ter contribuído não só para a decisão de se constituir em «partido», como para a resolução do M.S.D., se lançar na luta eleitoral para as autarquias locais.

A CRÍTICA

Em nome do novo partido o dr. Artur Santos Silva vincou: «A nossa atitude não é de ataque ao Partido Socialista ou ao Governo: é apenas uma atitude crítica». Lido pelo dr. José Augusto Seabra, um documento intitulado «Observações sobre os aspectos económicos do Programa do Governo socialista», elaborado por um grupo de economistas e de técnicos, definiu melhor, embora num aspecto particular, os contornos dessa atitude crítica. E o dr. Jorge Sá Borges, antigo ministro dos Assuntos Sociais, não deixando de reconhecer a importância da entrada em funções do I Governo Constitucional, sublinhou outros pontos fracos do Programa do Governo socialista. E, dentro da linha crítica referida pelo dr. Artur Santos Silva quanto às reais limitações da participação política, o dr. Sá Borges afirmou: «O Governo deve dar conhecimento a toda a gente, e não só à Assembleia da República, organizações ou partidos, mas a todo o povo português, o seu Programa, de uma forma explícita, de maneira a ele ficar a saber claramente os seus direitos e deveres». Esta reclamação contra os limites da participação política justifica, em grande parte, a linha de acção que o novo PSD preconiza.

A TÁCTICA

Na conferência de Imprensa, realizada no Porto, na qual se procedeu à apresentação pública do novo «partido», foi distribuído um documento em que se defende «uma participação democrática de todos os cidadãos nas eleições das autarquias». Os dirigentes do PSD consideram que as eleições para as autarquias são muito importantes para a institucionalização da democracia no nosso país. Reagem, também, contra tentativas para instrumentalizar as autarquias locais e denunciam o perigo do partidarismo subalternizar a vida local. Denunciam, igualmente, as tentativas de aproximação do CDS e do PPD, esse namoro que já deixou de ser discreto e ao qual alguns arrufos e remoques dão picante, com vista a uma coligação eleitoral para a conquista das autarquias locais. Essa coligação — na opinião do MSD — tem por objectivo reforçar as posições locais e provinciais da «direita».

O novo «partido» demarca-se do PCP, repetindo a acusação da utilização do MDP/CDE para a ocupação das autarquias locais na euforia da renovação antifascista. Mas o PS, também, é objecto de crítica. Os organizadores do PSD surpreendem, na prática política do PS, uma tendência para a «partidocracia», vício político grave «que tantas dificuldades

Continua na pág. 7

Liberdade de movimentos para António de Spínola

— Protestos continuam

«O Povo do nosso concelho não se esquece do 28 de Setembro e do 11 de Março. O Povo do nosso conelho não esquece as organizações terroristas — ELP, MDLP, CAP, etc. O Povo do nosso concelho sabe e não esquece quem são os chefes destas organizações terroristas. O Povo do concelho do Seixal há-de saber dar a devida resposta aos traidores do nosso povo e, desde já, exige a imediata prisão do criminoso Spínola e o seu rápido julgamento», sublinha um comunicado do Secretariado Provisório da Assembleia Popular do concelho do Seixal, dirigido à população local, a propósito do regresso ao país do presidente do MDLP.

Entretanto um matutino adiantou os interrogatórios do ex-general na 2.ª divisão do EMGFA, encontrando-se agora Spínola na situação de «liberdade plena». Isto significa que o antigo governador da Guiné terá de se apresentar na Polícia Judiciária Militar sempre que esta o entender, embora tenha completa liberdade de movimentos, podendo assim deslocar-se para qualquer ponto do país.

Entrentato, um matutino anunciava hoje que António de Spínola irá pôr à venda um livro intitulado «Ao Serviço da Pátria», a um preço superior a 200 escudos para uma edição que atingiria várias dezenas de milhares de exemplares. Especula-se já, porém, sob a real autoria do livro, dado que, como o «DL» afirmou em tempos, em primeira mão, não foi Spínola quem escreveu «Portugal e o Futuro», mas sim uma outra personagem, na altura muito próxima do ex-general. Aliás, segundo referimos também na altura, os mais importantes discursos de Spínola seriam de autoria alheia.

Entretanto as reacções à vinda do responsável do MDLP, continuam a chegar à nossa Redacção. É o caso da Assembleia Popular da 7.ª Zona que recorda: «os trabalhadores da 7.ª Zona têm ainda bem vivo na sua memória o bombardeamento spinolista ao Ralis, em 11 de Março de 1975, mesmo aqui no nosso seio do qual resultou a **morte** de um trabalhador». Depos de perguntar «como é que é possível que à sombra da bandeira da democracia regresse a Portugal e seja posto em liberdade, precisamente quem mais lutou contra a democracia, contra a Revolução», o comunicado daquela Assembleia Popular exige a «prisão e julgamento do fascista Spínola e a prisão e julgamento dos pides e outros traidores.

Também os trabalhadores da Ciesa-NCK, em Assembleia Geral efectuada no passado dia 13 tomaram posição contra o regresso de Spínola «confesso chefe do MDLP, movimento reaccionário, responsável por numerosas acções de sabotagem e destruição».

Recebemos ainda moções e comunicados de comissões de trabalhadores e de moradores da Marinha Grande, do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel, Cartonagens e Afins, Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Portalegre, CT da Garantia Funchalense, CT e delegados sindicais da Lever, trabalhadores do Sector C (Cabo Ruivo) da Petrogal, Cooperativa Agrícola 19 de Dezembro, etc...

Soares regressou do Algarve

Mário Soares regressou ontem via aérea a Lisboa. O Primeiro-Ministro tinha passado o fim-de-semana no Algarve, mais concretamente em Monte Gordo, tendo visitado a título particular outras localidades algarvias onde teve oportunidade de encontrar-se com dirigentes políticos locais, correligionários e amigos pessoais.

«Não há nenhum balanço a fazer sobre a minha visita ao Algarve» — disse Mário Soares à sua chegada ao aeroporto da Portela, falando aos jornalistas. — «Foram três dias passados em Monte Gordo, estirado ao sol do Algarve, em viagem de repouso, como o sol que tenho estampado na face pode testemunhar.»

O Primeiro-Ministro informou os jornalistas duma viagem de barco Guadiana acima, e bem assim dum encontro tido com Almeida Carrapato, governador civil de Faro, actualmente demissionário. Segundo Soares, Almeida Carrapato deverá continuar no desempenho do seu cargo, uma vez demovido das suas intenções demissionárias após os encontros este fim-de-semana tanto com o Primeiro-Ministro como com o ministro da Administração Interna, ten.-cor. Costa Brás, que esteve este fim-de-semana igualmente no Algarve, de onde regressou apenas hoje, para participar numa reunião do Conselho de Ministros.

Mário Soares esteve no Algarve acompanhado de sua mulher, a deputada M. Barroso.

SOARES RECEBEU A DUQUESA DE BRAGANÇA

D. Maria de Saxe-Coburgo Bragança, duquesa de Bragança, filha do penúltimo rei de Portugal, D. Carlos foi recebida pelo Primeiro-Ministro Mário Soares — revela o «Jornal de Sintra» na sua última edição. O encontro ter-se-á registado na semana passada, e a informação foi mais largamente difundida pela agência Anop, num telex de anteontem.

Herdeira do morgadio de Bragança, se se concluirem a seu favor os processos, que, com esse fim, estão correndo nos tribunais, D. Maria concedeu apoios a exilados políticos portugueses, nomeadamente em Paris e em Roma, tendo contactado várias individualidades, entre as quais Mário Soares, antes do 25 de Abril de 1974. O actual Primeiro-Ministro, aliás, foi advogado da filha de D. Carlos durante doze anos. No decurso do seu encontro com Soares, D. Maria teve oportunidade de fazer entrega duma exposição relativa aos processos actualmente em curso nos tribunais competentes.

A deslocação ao País da eventual herdeira do trono de Portugal, que viveu exilada grande parte da sua vida por imposição do regime salazarista, está ligada a assuntos referentes ao próximo casamento de sua filha, Maria Cristina.

G.D.U.P. DO FUNCHAL:

"Unir o povo contra o fascismo"

Recordando a «grave situação que se vive no nosso país», o GDUP da Juventude do Funchal afirmou recentemente, num comunicado à Imprensa, o seu repúdio pela série de medidas que foram tomadas pelas autoridades depois da eleição do general Eanes para a Presidência da República.

Para aquele Grupo Dinamizador de Unidade Popular, as referidas medidas «só vêm contra quem trabalha» e são a ameaça «da miséria, da fome, da guerra, da desgraça e da escravidão que tivemos durante 48 anos».

Os pontos mais salientes do comunicado de Imprensa daquele GDUP focam os seguintes aspectos:

. «Aumentaram 30$00 no gás, 2$00 em cada litro de gasóleo e 1$30 no petróleo, o que vai causar outros aumentos, como por exemplo, os preços dos bilhetes dos autocarros;

. «A Polícia actua cada vez mais contra os moradores pobres que ocuparam casas vazias há muitos anos; as acções de despejo aumentam dia para dia e muitos ocupantes pobres são obrigados a voltar aos buracos ou às furnas, sem haver quem consiga meter os senhorios na ordem...

«As comissões de moradores e de trabalhadores são atacadas pelos reaccionários e fascistas que sonham fazer delas órgãos donde partirão o apoio às suas medidas contra o Povo;

. «O desemprego aumenta e os capitalistas da CIP — Confederação dos Industriais Portugueses, dizem que há ainda muitos trabalhadores a trabalharem, que é preciso despedir mais; o Governo verga-se às multinacionais, cedendo aos seus interesses de aves de rapina e actuando contra os trabalhadores, lançando-os no desemprego ou disfarçando mal esta situação;

. «A situação de miséria aumenta dia a dia;

. «Os ataques bombistas tornam aparecer, como recentemente aconteceu na Intersindical; Gonçalves Rapazote, responsável pela PIDE durante muitos anos, que no 25 de Abril fugiu com 200 mil contos prepara-se para regressar; Spínola, que até 28 de Setembro de 74 e 11 de Março de 75 conseguiu enganar muito povo, esse fascista que tentou fazer dois golpes para voltar ao 24 de Abril, prepara-se também para regressar a Portugal e continuar a preparar golpes, vivendo a «liberdade em segurança» do seu amigo Eanes...

«Otelo é posto no banco dos réus e a burguesia, através da calúnia e da mentira, monta o relatório ao 25 de Novembro conforme lhe convém, para poder pôr Otelo na reserva, mandar para casa todos os oficiais e soldados antifascistas e sobretudo, destruir o movimento popular.»

. Em conclusão: o GDUP da Juventude do Funchal apela «para que todo o povo se una para não regressar ao fascismo, e para lutar pelo socialismo».

Mais adiante: «O povo não se deve deixar dividir pelos partidos e deve unir-se cada vez mais. Foi para unir o povo que o general Otelo se candidatou à Presidência, e é para desenvolver e solidificar essa unidade (que foi já em parte alcançada com os 800 mil votos em Otelo) que os GDUPs existem».

Jornal polaco comenta programa de Soares

. VARSÓVIA, 17 — (ANOP, PAP) — O jornal polaco «Trybuna Ludu», dedica no seu último número um artigo a Portugal no qual, depois de observar que o Primeiro-Ministro Mário Soares iniciou a aplicação do seu programa, salienta que «as primeiras semanas revelarão o seu espírito».

«Não há dúvida de que o programa contem alguns pontos positivos — escreve o diário, notando:

. «Todavia, há certos pontos no programa do Primeiro-Ministro Soares, que, embora pareçam positivos, à primeira vista, provocam ansiedade em sectores esclarecidos das classes operárias e campesina».

Juventude Socialista

. O último número do «Jovem Socialista», órgão central da J.S., relativo à segunda quinzena de Agosto, transcreve, na íntegra, as importantes declarações prestadas ao «DL» por Alverto Arons de Carvalho, e publicadas na nossa edição do passado dia 4 do corrente.

post-scriptum

As palavras venenosas de um pároco

O pároco da freguesia do Campo, do concelho de Viseu, ainda não aprendeu a reservar as missas para os assuntos religiosos e a deixar os assuntos políticos para os comícios.

Assim, apoiando-se em que «as verdades são para se dizerem lá vem vendendo o seu peixe, um peixe envenenado e que portanto arruína a saúde de quem, ingenuamente, lho compra e consome.

Disse ele, do altar, aquando da elaboração da Constituição democrática portuguesa, que nesta ficou consignado «o direito de matar» (referia-se ao aborto), bem como «o direito de o homem desunir aquilo que Deus uniu» (referia-se ao divórcio).

Por outro lado, na manhã do dia das últimas eleições presidenciais, quando estava mais do que encerrado o período da campanha eleitoral, e as pessoas já se preparavam para se dirigirem para os locais de voto, aquele pároco não deixou de fazer, do altar, as suas exortações: «Paroquianos, hoje é dia de eleições, é dever de todos vós ir votar. Mas façam-no com cuidado, não se enganem: o primeiro é do CDS, o segundo é dos socialistas e os outros dois são dos comunistas».

Toda a gente sabe que este pároco era grande paladino do fascismo já no tempo de Salazar e Caetano. Pois, aquando do glorioso 25 de Abril, logo traçou o seu programa, ali mesmo, do altar abaixo, em plena missa: «Paroquianos, eu cá não me desvio das minhas ideias de sempre, nem um milímetro».

Em breve virão aí as eleições para as autarquias locais. Que mais irá «comiciar» aquele pároco nas missas que deveriam ser consagradas apenas à religião?

J.N.C. — *VISEU*

●

Dois pesos, duas medidas

Agora que se resolveu prender alguns dos conhecidos bombistas destas bandas, vários dos que há muito apontados a dedo por organizações progressistas visadas nas suas acções, ocorre-me perguntar onde estão aqueles senhores que há pouco se levantaram repugnados perante o julgamento de Luanda, tentando demonstrar que eles, os criminosos mercenários internacionais, coitadinhos, até faziam aquilo inocentemente, apenas para ganharem a vida, etc., etc.

Que propõem agora estes falsos humanistas para os seus «camaradas» bombistas, que até sabiam bem o que estavam a fazer e não consta terem sido recrutados a xis por cabeça, para fazerem não sei quê, não sei onde?...

É que, reparem (coincidências!), os mesmos que condenaram os julgamentos e execuções de Luanda, até aprovaram, por várias formas, incluindo o escrever nas paredes «Franco Justiceiro», até aprovaram, repito, as execuções ordenadas por Franco, de alguns patriotas espanhóis, ocorridas há meses...

Afinal como vai ser? Que condenação irão aprovar agora para estes inimigos de qualquer humanismo (cristão, ateu, sei lá...), que ceifaram vidas inocentes, destruíram milhares de contos de património público e privado?

A absolvição, como pretendiam para os seus congéneres criminosos de Luanda?... ou a pena de morte que apoiaram deliberadamente para os patriotas bascos?

Ou limitar-se-ão a pedir justiça, sabendo de antemão como é a nossa «justiça» nesta fase que dizem para aí de «revolucionária»?

Valdemar Quinta Ferreira
— GUIMARÃES

●

«Vinte e cinco vezes mais indignado»

Faço referência ao «D.L.» de 5 do corrente e àquele grito de indignação de Manuel de Azevedo: «Vinte e cinco vezes mais indignado!».

Apenas vinte e cinco vezes? Que humanidade, que bondade, a de Manuel de Azevedo...

A sua indignação não terá medida, por mais que ele queira medi-la, porque é também a indignação do povo português. Aliás, dos povos de todo o mundo. Dos maltratados, subjugados às minorias ao longo dos séculos. Ao falar de «vinte e cinco vezes mais» M.A. perde-se no tempo e no espaço (espaço curtos das celas); dilui todo um infinito sofrimento de séculos em sentimento de perdão.

Não, Manuel de Azevedo! Não são «vinte e cinco vezes mais»! Não sei mesmo quantas serão, mas serão tantas que um ordenador levará anos, séculos, a determinar o seu somatório aproximado.

Somente o homem, na sua grandeza espiritual, dirá que são apenas «vinte e cinco vezes». Mas a justiça, essa, terá que estar alheia a sentimentos de vingança pessoal — que não é o caso — mas não poderá deixar de ser implacável, firme, exemplar.

E o povo que o exige. São todos os explorados, os torturados, de todos os tempos, que o reclamam!

Manuel C. de Brito
LISBOA

«D.L.» — Certo. A indignação pelo abuso do poder, pelas torturas, pelas deportações e assassínios não tem limites!

FOLHETIM ARTÍSTICO — **José-Augusto França**

A CRÍTICA E O SEU FUTURO

O último livro de Gillo Dorfles intitula-se «O Devir da Crítica» («Il Deivenire Della Critica») e recolhe uma trintena de artigos e ensaios publicados ao longo de quinze anos de exercício de crítica de arte — tarefa primeira e constante deste professor de estética da Universidade de Milão cuja obra, vasta e de aprofundada curiosidade, conta entre as mais lúcidas e criativas da cultura contemporânea.

Professor e crítico « militante» (o que quer dizer também militante como professor), Gillo Dorfles tem estado presente na história imediata da criação artística, sobre ela não só reflectindo como intervindo. Assim, de resto, há que fazer para não perder o pé ou a mão nesta movência de vagas e precipícios que a criação artística é, ou cada vez mais é, em aceleração de estímulos e engodo de modas. A menos que o crítico prefira ser um «connaisseur» ou um comentador distanciado, a favor de uma perspectiva que lhe permite outros acertos mas lhe retira o generoso prazer do risco e da aventura...

Ao longo da experiência activa de Dorfles muita água correu nos moinhos das artes, do informalismo à arte corpórea, passando pelo objectualismo, pela arte de computador, pelo conceptualismo, e não esquecendo «pops» e «ops». Tudo isto em quinze anos, espaço de tempo que, um século atrás, vi apenas definir-se e, dificultosamente, as propostas do impressionismo — onde uma pintura acabava para outra poder começar. Outra que pôde ser esta de agora, renegada em angústias, na busca, afinal eterna, do «ser», através das peripécias de um variadíssimo «sendo» ... Mas é nelas que a busca necessariamente se justifica e ganha sentido — e o crítico terá que, ao mesmo tempo, viver nos dois planos, temperando as paixões do segundo e algumas das suas leviandades, pela reflexão do primeiro. Ou a informação pela cultura.

Isso faz Gillo Dorfles, interrogando os fenómenos estéticos e o seu sentido possível, à luz de uma brilhante e sempre actualizadíssima rede bibliográfica que, em grande parte, a linguística lhe fornece. Mas não que ele confunda os planos e antes pelo contrário: num momento da cultura ocidental especialmente sensível a, ou motivado pelas ciências da linguagem, Dorfles mantém-se fiel à evidência das distinções de Carnap entre linguagem comum, linguagem estética e linguagem científica, e insiste no carácter «polisémico» (ou ambíguo) da linguagem estética, que o seu sistema de conotação (e não de denotação) garante. E logo no prefácio assegura que «uma boa crítica não é certamente baseada no uso de uma giria de preferência a outra» e considera que um dos piores enganos do crítico militante é o de «iludir-se de ter esclarecido e sistematizado uma situação histórico-estética através da aplicação de um bom receituário tomado de empréstimo a qualquer outra disciplina (literária, científica, psicológica, etc.) transferida mais ou menos habilmente para as coisas da arte».

Qual a função e os limites da crítica é, naturalmente, uma pergunta que Gillo Dorfles faz no seu ensaio introdutório para constatar o confluir da estética e da crítica na direcção de outas ciências humanas, como a antropologia, a sociologia, a semiótica num movimento contrário àquele que, em meados dos século XVIII, deu independência à nova ciência estética, quando a criação artística se desvinculava, em situação iluminista (que o autor poderia referir aqui), da religião e dos mitos exteriores. A necessidade de novos valores independentes e próprios promoveu a estética (e a crítica), como uma necessidade de integração antropológica a leva a outra situação globalista. A que, aliás, os «intermedia» (ambiente, «videotapes», etc.) imediatamente convidam, exigindo mais informação e ginástica mental dos críticos em exercício, obrigados a rever as categorias das artes visuais, entre artes, antiartes e «artacções»...

Outra importante questão que o autor aborda é a das relações entre semiótica e crítica para sublinhar que a semiótica das artes visuais «deve ser sempre tratado como uma semiótica aplicada a obras de arte» e não como uma semiótica da visualidade», ao contrário do que sucede no caso da literatura. E de certo assim é, mas também deveria sê-lo na literatura, se se realizar a consciência da própria obra literária... Daí tira Dorfles conclusões sobre a escassa aplicação à linguagem visual da «gramática generativa» de Chomsky o que parece discutível, se atendermos às últimas reflexões de Pierre de Francastel que, reticente perante o engodo semiológico, viu, porém, no pensamento chomskiano, um caminho fecundo para as artes visuais. Mas sem esquecer, como afirma Dorfles, que «querer reconduzir a ópera pictórica ao nível de um signo verbal (...) é absolutamente arbitrário e contraproducente».

Interrogando-se, num ensaio final e conclusivo, sobre a história da arte como história da filosofia, Gillo Dorfles (que recusa a identificação), frisa o papel transistórico dos sistemas formais (ou o conjunto dos «gestaltemas») e sobretudo aquilo que, aliás, deve estar na base de todo o pensamento válido em matéria de sociologia da arte que é o papel informativo e documental do objecto artístico que permite reconstruir o próprio pensamento filosófico de uma época se o soubermos ler, na sua exigentíssima significação...

... E só assim o mérito do crítico (voltemos ao prefácio deste livro cheio de interesse) residirá em estabelecer «relações inter-recorrentes entre criatividade artística e actividade social, entre realizações de obras de arte (...) e aqueles elementos que (para além de «modas efémeras» e «manipulações mercantis») designam uma situação existentiva que constitui a própria base da actividade pensante do homem numa particular estrutura epocal.»

OS PROBLEMAS DA JUSTIÇA E O PROGRAMA DO GOVERNO

ALFREDO JOSÉ DE SOUSA

O programa do primeiro Governo constitucional, com os debates cruzados que tem suscitado, está debaixo da mira dos cidadãos mais ou menos interessados pelo destino deste País.

Os especialistas dos vários sectores nele contemplados não escondem a sua frustração ou regozijo, conforme os quadrantes políticos, pelas medidas projectadas para a resolução dos respectivos problemas, que são muitos e complexos, ninguém o ignora.

Uma das áreas menos agitadas, não obstante a magnitude dos problemas que urge resolver, e a curto prazo, foi a que contempla as alterações da legislação codificada, a administração da justiça, os tribunais, ao fim e ao cabo.

Tratada ao nível das generalidades, sem o conveniente pormenor nem a profundidade necessária, pelo programa, as poucas questões levantadas na Assembleia da República foram desde logo respondidas pela palavra fácil do discurso elegante do Ministro da Justiça. E por aqui se ficou!

Três lacunas, das muitas que tem (recordenamento geográfico-judiciário, custo da justiça e assistência judiciária, recrutamento e preparação dos magistrados e funcionários judiciais, nível de remuneração dos mesmos, regime jurídico da propriedade cooperativa, etc.), se apontam à nossa reflexão.

A feição individualista do direito das obrigações, vigente, de raiz napoleónica, continua inalterada nas genéricas e escassas considerações do programa quanto a reformas no sector.

Uma das conquistas irreversíveis da Constituição foi a instauração de um amplo sector público da propriedade dos meios da produção através das nacionalizações de empresas antes pertencentes ao sector privado.

O tipo de conflitos de interesses eventualmente surgidos no giro económico das empresas nacionalizadas pôs problemas específicos cuja solução não deve merecer o mesmo tratamento de fundo e de processo dos conflitos de interesses privados.

O não cumprimento de contratos de fornecimento de uma empresa nacionalizada para com outra, o seu cumprimento defeituosos ou fora de prazo, a cobrança das dívidas de uma para com a outra, a responsabilidade dos gestores em tais factos, o necessário condicionamento da liberdade contratual, etc., não podem ser submetidos ao mesmo regime jurídico-privado previsto na legislação actual, civil e comercial, concebida para conflitos de interesses entre cidadãos ou empresas privadas. Isto porque estão em causa valores sociais, interesses do Estado entre os seus vários departamentos, que ao fim e ao cabo passam pela correcta execução do Plano «art.º 91.º da Constituição», em que as diversas acções das empresas do sector público se hão-de inserir de modo decisivo.

É, pois, omisso o programa quanto à regulamentação de fundo das relações jurídico-económicas entre as empresas do sector público e o modo da resolução dos seus conflitos. Continuarão os tribunais a ter que se debruçar sobre tais questões? Porque não deixá-las na alçada de comissões inter-sectoriais de arbitragem? É que tudo se passa no seio dos vários departamentos do Governo...

Uma segunda lacuna é a ausência de qualquer projecto respeitante à institucionalização dos Juízes Populares expressamente referidos no art.º 217.º da Constituição e no programa do Partido Socialista.

Inúmeras questões que atafulham os nossos tribunais podiam ser conciliadas na alçada de juízes populares, ao nível de aldeia ou bairro. Pequenas ofensas ou danos pessoais e patrimoniais, pequenos conflitos de vizinhanças, seriam mais justamente derimidos por juízes de paz eleitos pelos vizinhos, muito mais conhecedores da idiossincracia dos conflituantes que qualquer bem formado juíz de toga.

Isto sem prejuízo, como é óbvio, de posterior recurso para a jurisdição de instância. Seria a restauração dos homens bons do concelho, desde que resguardados os perigos do caciquismo.

A terceira lacuna respeita ao órgão de cúpula da gestão do poder judicial, o Conselho Superior da Magistratura, cuja lei orgânica terá de ser publicada por imperativo constitucional até final do corrente ano.

Os tribunais, cuja eficiência como defensores da legalidade democrática passa pela composição e funcionamento de tal órgão, mantêm as suas estruturas organizativas e hierárquicas quase inalteradas.

Diferentemente dos demais órgãos de siberania, que extraem a sua legitimidade do sufrágio directo e universal — Presidente da República e Assembleia da República e por via deles o Governo — ou de carácter revolucionário da sua origem — caso do Conselho da Revolução —, os tribunais só na Constituição podem buscar a legitimidade para «administrar a justiça em nome do Povo».

Com efeito os juízes são nomeados, colocados ou transferidos pelo Conselho Superior da Magistratura, e não eleitos, como sucede em maior ou menor grau em certos países capitalistas — p. ex. Suíça e Estados Unidos — e nos países socialistas. O que representa, porém, um grande avanço em relação ao anterior regime, no qual ao Governo competia pôr

Continua na pág. 4

Geral

Portugal Seyschells

Portugal e as Seyschells estabeleceram relações diplomáticas ao nível de embaixador.

Um comunicado conjunto hoje divulgado em Lisboa pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros dá conta que o acordo se estabeleceu no desejo «de reforçar as relações de amizade e de cooperação entre os dois países» dentro do «respeito dos princípios da Carta da Organização das Nações Unidas».

Oficina de Reparações Auto Mecânica Geral de Belarmino, Rodrigo e Serra, Limitada

Certifico, que por escritura lavrada hoje, neste Cartório Notarial de Loures, a cargo da Notária Licenciada Aldina Ester Ribeiro da Silva Graça, de fls. 69, verso a fls. 72, do livro de notas para «escrituras diversas» número E-487, foi constituída entre Belarmino Manuel da Conceição, Flamiano Serra Ferreira, Rodrigo Martins Forte e José Cândido Lourenço de Oliveira, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º: A sociedade adopta a denominação de «Oficina de Reparações Auto Mecânica Geral de Belarmino, Rodrigo e Serra, Limitada», vai ter a sua sede no lugar de Bemposta, freguesia de Bucelas, deste concelho de Loures, conta de hoje o seu início e durará por tempo indeterminado.

2.º: O seu objecto é o exercício da actividade de oficina de reparação de automóveis e de outras actividades em que os sócios acordem.

3.º: O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de cem mil escudos, e corresponde à soma de quatro quotas iguais de vinte e cinco mil escudos, pertencentes a cada sócio.

4.º: A gerência, dispensada de caução, e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, pertence a todos os sócios que, desde já, são nomeados gerentes, sendo sempre necessário as assinaturas de dois gerentes, em conjunto, para obrigar validamente a sociedade em todos os seus actos e contratos.

5.º: A cessão de quotas, total ou parcial, entre os sócios é livremente permitida, mas a favor de estranhos só com prévio e expresso consentimento da sociedade.

6.º: Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios, com o mínimo de oito dias de antecedência.

Está conforme ao orginal, o que certifico.

Loures aos sete de Julho de mil novecentos e setenta e seis.

O Ajudante
Júlio Barros

MADEIRA

VIAGENS ESPECIAIS em AVIÃO FRETADO

desde 3 040$

1 a 5 OUT (4 noites)
29 OUT a 1 NOV (3 noites)
30 NOV a 8 DEZ (8 noites)

(feriados de OUT-NOV-DEZ)

Europa

a experiência ao serviço do turismo

Os Não-Alinhados estão fartos de pressões

JORGE TIMOSSI Exclusivo Prensa Latina

As pressões ou actos de agressão dos países imperialistas contra os não-alinhados a fim de conter o seu crescente papel nas relações internacionais, é um dos temas de especial importância na Quinta Conferência, em curso em Colombo.

Esses ataques e campanhas de intimidação levados a cabo nomeadamente pelos Estados Unidos, com o auxílio de outros países capitalistas desenvolvidos, têm relação com as mudanças produzidas no âmbito internacional, durante os últimos anos.

Entretanto, as pressões não são novas para o Movimento, ainda que tenham sido muito incrementadas, recentemente, em certas partes do mundo, com especial incidência sobre os países dos Caraíbas.

O não-alinhamento sempre foi opositor à interferência nos assuntos internos dos estados e, desde a Declaração de Bandung, em 1955, até à Quarta Conferência, em 1973, em Argel, sublinhou que essas pressões e interferências são inaceitáveis e estão em contradição com a Carta das Nações Unidas.

Denúncias específicas neste sentido foram feitas durante a reunião de ministros dos Negócios Estrangeiros do Gabinete de Coordenação, em Maio-Junho últimos, em Argel, e a Conferência de Colombo deverá considerar as declarações da Guiana, Jamaica e Barbados sobreas tentativas contra a estabilidade dos seus governos.

Espera-se que a Conferência de Colombo denuncie também as ameaças de novas agressões contra Cuba, por parte dos Estados Unidos, em razão da sua ajuda a Angola para que este novo país africano repelisse a invasão da África do Sul e derrotasse os movimentos fantoches.

No espaço de tempo decorrido entre a Conferência de Argel e a actual verificaram-se diferentes formas de pressão e de agressão além das efectuadas nas Caraíbas. É o caso do Chile, Médio Oriente, Chipre, Indochina, Angola e América Latina em geral.

Segundo informações de algumas delegações à Quinta Conferência, o projecto de declaração política final reconhecerá que a interferência imperialista se reveste de múltiplas formas: política, económica, militar e até no uso dos meios de comunicação social. Além dessas formas tradicionais de intervenção, existem outras, exercidas contra os países não-alinhados, como o torpedeamento da estabilidade interna, a agitação artificial de velhos litígios fronteiriços e a utilização de empresas multinacionais como instrumento de subversão. Um desses elementos que seguramente serão analisados é as actividades criminosas desenvolvidas contra diversos chefes de estado e governo de países não-alinhados, que foram expostas publicamente no próprio Congresso norte-americano.

O tema tem actualidade visto que, a escassos dias do início da Quinta Conferência, o criador da «desestabilização», Henry Kissinger, passou pelo Irão, Afeganistão e Paquistão. Os dois primeiros são membros plenos do Movimento dos Países Não-Alinhados.

O arcebispo Makários, presidente cipriota, é acolhido no aeroporto de Colombo, pelo presidente do Sri Lanka, William Gopallawa, ao centro, e pelo primeiro-ministro, senhora Sirimavo Bandaranaika

TAREFA DA CIMEIRA:

Reforço da solidariedade económica

85 PARTICIPANTES

São os seguintes os países que participam na Cimeira dos não-alinhados, em Colombo, na qualidade de membros plenos:

. Afeganistão, Argélia, Angola, Argentina, Bahrein, Bangladesh, Benin, Butão, Botswana, Birmânia, Burundi, Camarões, Cabo Verde, República Centro Africana, Tchade, Comores, Congo (Brazzaville), Cuba, Chipre, Egipto, Guiné Equatorial, Etiópia, Gabão, Gâmbia, Ghana, Guiné, Guiné-Bissau, Guiana, União Indiana, Indonésia, Iraque, Costa do Marfim, Jamaica, Jordânia, Camboja, Quénia, Coreia do Norte, Koweit, Laos, Líbano, Lesotho, Libéria, Líbia, Madagáscar, Malawi, Malásia, Mali, Malta, Mauritânia, Maurícias, Marrocos, Moçambique, Nepal, Niger, Nigéria, Oman, Panamá, Peru, Qatar, Ruanda, São Tomé e Príncipe, Arábia Saudita, Senegal, Seychelles, Serra Leoa, Singapura, Somália, Sri Lanka, Sudão, Suazilândia, Síria, Tanzânia, Togo, Trindade e Tobago, Tunísia, Uganda, Emiratos Árabes Unidos, Alto Volta, Vietname, República Árabe do Iémene, República Democrática Árabe do Iémene, Jugoslávia, Zaire e Zâmbia.

A Organização de Libertação da Palestina (OLP) é também membro pelo da conferência.

A constituição do departamento de coordenação de 25 membros do Movimento Não-Alinhado foi concluída hoje, excepto por uma disputa sobre quais os países que deveriam receber os dois últimos assentos asiáticos.

Os seus membros, eleitos numa base sub-regional da África, da Ásia, da América Latina e da Europa são:

. África: Argélia, Niger, Nigéria, Libéria, Guiné, Tchad, Zaire, Angola, Zâmbia, Botswana, Sudão, e Tanzânia.

Ásia: Organização da Libertação da Palestina (OLP), Síria, Iraque, Índia, Sri Lanka, Bangladesh ou Afganistão, Indonésia, Vietname ou Coreia do Norte.

América Latina: Cuba, Peru, Guiana e Jamaica.

Europa: Jugoslávia.

ORDEM DO DIA

A ordem do dia da quinta Conferência Cimeira dos Não-Alinhados, que se iniciou ontem é a seguinte; abertura da conferência; eleição da presidência da conferência; estudo do projecto de recomendação da conferência ministerial para admissão de novos países membros, observadores e convidados; aprovação da ordem do dia; relatório do presidente da quarta sessão dos chefes de Estado ou de Governo dos países não-alinhados; recomendações da reunião preliminar dos ministros de Negócios Estrangeiros, em Colombo; organização dos trabalhos, revista geral e apreciação da situação política internacional e da tarefa dos países não-alinhados, com atenção especial sobre: a) A África do Sul e as outras questões coloniais; b) A situação do Próximo-Oriente. c) A questão palestiniana. d) A questão de Chipre. e) A questão da Coreia. f) As questões latino-americanas. g) O oceano Índico, zona de paz. h) As implicações internacionais de defesa. i) A ingerência nos negócios internos dos outros países. j) O desarmamento e a segurança internacional.

Vão ser examinadas questões sobre a situação económica internacional e os problemas de desenvolvimento, com atenção especial para as sexta e sétima sessões especiais da assembleia geral das Nações Unidas, o estabelecimento de nova ordem económica internacional, à reunião dos ministros das Finanças de Kingston, à conferência das Nações Unidas sobre Alimentação e População, à segunda conferência da «Unido», à quarta conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento e a conferência de Paris sobre a Cooperação Económica Internacional.

Exame e estimativa das medidas para o reforço da solidariedade económica e de colaboração entre os países não-alinhados e os outros países em via de desenvolvimento, com uma atenção especial para as seguintes questões:

. a — Programa de Lima, sobre assistência mútua e solidariedade. b — Resoluções da conferência de Dakar.

c) Comérico e política da assistência.

d — Economia e produção alimentar.

e — Colaboração sobre o plano financeiro e monetário.

f — Industrialização, ciência, tecnologia e utilização da energia nuclear para fins pacíficos.

g — Investimentos estrangeiros.

h — Empresas multinacionais e centro de informação sobre as mesmas.

i — Festão das empresas do sector público.

j — Fundos de solidariedade para o desenvolvimento económico e social dos Países Não-Alinhados.

k — Assistência para a reconstrução do Vietname, do Camboja e do Laos.

l — Auxílio aos países expostos a pressões económicas estrangeiras.

m — Exame da opinião dos países coordenadores sobre o programa de acção de cooperação económica entre os Países Não-Alinhados e os outros países em via de desenvolvimento, aprovado na cimeira de Argel.

n — Conferência das Nações Unidas sobre o direito marítimo.

— Estratégia de consolidação da paz e da segurança internacionais e medidas para o reforço da solidariedade e de assistência mutua entre os Países Não-Alinhados, visando a possível resistência eficaz às mudanças, às pressões, à agressão, tendo em conta os seus elementos políticos e económicos.

— Medidas para a promoção da cooperação e da coordenação entre os Países Não-Alinhados nas tarefas internacionais, reforço da tarefa das Nações Unidas e promoção da cooperação e da solidariedade dos Países Não-Alinhados e da coordenação das suas acções nas Nações Unidas e, mais em geral, sobre a cena mundial.

— Futuras reuniões dos Países Não-Alinhados, incluindo a data e o local onde se realizará a próxima cimeira. A constituição e o mandato da comissão de coordenação.

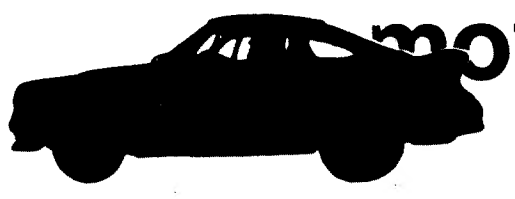
— Outros assuntos.

VIAGEM À BULGÁRIA

por ocasião da Grande Festa Nacional

Organizada pela Associação Portugal-Bulgária

Vai realizar-se de 6 a 13 de Setembro, com visitas a várias cidades búlgaras, incluindo também a Catedral Alexandre Nevsky, um complexo agro-industrial, uma fábrica têxtil e as comemorações da Revolução Socialista de 9 de Setembro. Preço: 9.500$00, com todas as despesas incluídas. Informações e inscrições: R. do Crucifixo, n.º 33. Telefs.: 363294/328856 323633 324296.



motor revista

Os problemas da Justiça

Continuação da pág. 3

e dispor dos juízes na medida directa ou indirecta das suas conveniências.

Ao programa do Governo, o Conselho Superior da Magistratura não mereceu melhor atenção que a citação do prazo constitucional para a publicação da respectiva lei orgânica. E impunha-se que sobre ele se detivesse com suficiente pormenor, quer pela exiguidade desse prazo, quer pela grande importância de tal órgão!

. É que, além de tudo, assiste-lhe uma função específica de marcado reflexo político. Quatro dos nove membros da Comissão Constitucional serão juízes, três dos quais designados pelo Conselho Superior da Magistratura e o quarto pelo Supremo Tribunal de Justiça.

Ora a Comissão Constitucional é o órgão de consulta obrigatória do Conselho da Revolução cuja função de maior relevo é a de garante do cumprimento da Constituição.

Garante, quer pela declaração da inconstucionalidade dos diplomas a publicar — inconstitucionalmente jurídica —, quer sobretudo pela vigilância activa tendente a evitar a **omissão** de medidas legislativas necessárias à execução das normas constitucionais — inconstitucionalidade política. Este último ponto é o que mais assusta as forças da direita e explica a campanha para renovar, melhor se diria, envelhecer a composição do Conselho da Revolução.

É no exercício conveniente da fiscalização da inconstitucionalidade por omissão — só a nossa Constituição, ao que sabemos, consagra tal modalidade, e nisso está uma das suas originalidades — que radica o último mas decisivo instrumento deste processo revolucionário incompletamente assumido.

A composição substancial da Comissão Constitucional passa, pois, pela composição, organização e funcionamento do Conselho Superior da Magistratura.

É certo que a elaboração da lei orgânica deste último é da competência reservada da Assembleia da República. Todavia, dado o curto prazo a que está sujeita, não fica fora das previsões que o Governo venha a ser autorizado a elaborá-la ou tome a iniciativa de a propor à Assembleia.

Estipula a Constituição que o Conselho Superior da Magistratura deve «incluir membros de entre si eleitos pelos juízes». Qual a proporção dos membros eleitos? Eleitos pelos juízes de que instâncias? Os membros não eleitos poderão não ser juízes? Designados por quem? Tudo questões que poderiam e deveriam ter cabimento no programa.

Constituições há, como a da Argélia, recentemente plebiscitado, em que a par de juízes eleitos o Conselho Superior da Magistratura, presidido pelo Presidente da República, engloba membros do executivo e do legislativo. Como será entre nós?

AO CONTRARIO DA ALFREDO DA COSTA

Maternidade fechada na Fundação Júlia Moreira

. «Onde é que eu vou pôr as parturientes no próximo ano?» — perguntava-nos insistentemente o dr. Montargil, director dos Serviços de Obstetrícia da Maternidade Alfredo da Costa, quando ali estivemos uma manhã.

«Responda quem puder» escrevemos então. Afinal, respondemos nós. Um leitor do «DL» telefonou-nos e deu a sugestão: vão à Fundação Júlia Moreira, no Alto de S. João.

Eo que vimos, poucos cidadãos o sabem, é um verdadeiro insulto às grávidas, às mães, deste País. Enquanto as mulheres parem nos corredores e fazem o trabalho de parto sentadas na sala de espera da Maternidade Alfredo da Costa, à espera de uma cama vaga, aqui na Fundação Júlia Moreira, mais de cem camas estão vazias. Cem camas de uma Maternidade que está fechada.

Recordamos que o dr. Montargil nos disse que pelo facto de terem desaparecido as trinta camas particulares,na Maternidade Alfredo da Costa, deixava-se de fazer cerca de dois mil partos por ano. Pois, com cem camas vazias, quantos partos se poderiam fazer por ano?

. Ofuncionamento da Maternidade da Fundação Júlia Moreira, doada há cerca de um ano ao Estado, significava o descongestionamento da Maternidade Alfredo da Costa e postos te trabalho. Mas, mais importante que tudo isto: é o direito das mulheres e das crianças a uma perfeita assistência.

UMA EXIGÊNCIA UM DIREITO

A Fundação Júlia Moreira já existe há bastante anos. Foi sendo sempre ampliada pelos seus fundadores. Contam-nos que uma parte da Maternidade já funcionou. A creche sempre ali existiu. Depois do 25 de Abril foi ocupada pela Comissão de Moradores do Alto de S. João. Também ali se continua a dar consultas a grávidas e vacinas. Duas médicas asseguram o trabalho.

Depois, há todo um edifício com óptimas condições. É com profunda tristeza que percorremos corredores e corredores, enfermarias umas atrás de outras. Profundo silêncio naquelas salas. Condói ver aquilo. Sobretudo para pessoas que, como nós, vimos e ouvimos o que se passa na Maternidade Alfredo da Costa.

Dezenas e dezenas de camas, com os respectivos colchões, estão encostados às paredes, enquanto na Alfredo da Costa, as parturientes estão na sala de espera, nos corredores e, por vezes, em cobertores no chão.

Entrámos numa das enfermarias. Espaçosa. Tem uma porta para uma enorme varanda. Sobre o Tejo. De salientar que esta Fundação, aliás a Maternidade, conta com um enorme parque verde. Disse-nos o leitor que nos telefonou; «é o maior espaço verde da zona oriental da cidade». Isso não sabemos, mas o que podemos afirmar é que é um extraordinário parque para a convalescença das parturientes. Agora, apenas lá brincam as crianças da creche.

Bom, fechemos a porta da enfermaria. Continuemos a ver as instalações. Elevador amplo para as macas. Um outro para as refeições.

Uma sala de operações, como a fotografia documenta, muito boa. Aquecimento central, gerador próprio, gabinetes,consultórios, instalações sanitárias, cozinhas, enfim, tudo o que é necessário para uma Maternidade. Para quando a sua entrada em funcionamento? É uma exigência e um direito das mulheres deste País.

O EQUIPAMENTO

Claro que a entrada em funcionamento daquela Maternidade necessita de um investimento de alguns milhares de contos para o equipamento e manutenção daquele estabelecimento hospitalar. Terminar ainda algumas obras; fazer outras adaptações. Mas o mais dispendioso está feito: as instalações. Que estão fechadas. Um luxo a que a nossa assistência não se pode permitir. Até na miséria, somos perdulários.

Mas para que não se diga que não damos sugestões, aqui fica outra. Já «descobrimos» uma Maternidade. Quanto ao dinheiro, talvez sirva aquele que o Estado deve à Previdência.

Portanto, a continuar fechada, Lisboa conta com mais um «monumento». A acenar sempre com a velha promessa: «Vamos fazer». Está no Programa ou, então, está no orçamento, eesclarecem asentidades. Passam os programas e os orçamentos e as coisas não se fazem.

VANDALISMO?

Ainda a propósito da Fundação Júlia Moreira, quem são os autores dos verdadeiros actos de vandalismo que ali se estão a praticar? A Comissão de Moradores ocupou uma parte, a da creche. Mas, e depois? Quem partiu dezenas e dezenas de vidros? Quem cortou os fechos das portas? arrancou os candeeiros das paredes? Quem tirou os colchões de dentro dos plásticos? Quem passa ali noites e noites? Há espalhadas cápsulas de cerveja pelos corredores.

Quem vai lá de noite e anda «pelas paredes», pois são evidentes as marcas de sapatos nas paredes? Estas são perguntas a que se deve uma resposta. O património é nosso. Aquela instituição foi doada ao Estado. Não pode ser destruída por puros actos de vandalismo. Como nos contava uma pessoa: vão para ali crianças e mexem em tudo. Com um arame já chegaram a espetar os fetos que ali se encontram em álcool (eram para investigação), pois queriam saber se eram de carne ou de plástico!

. E a história daquele vendedor de peixe, què entra por uma das muitas janelas partidas e vai, com uma mangueira, buscar água para lavar o peixe.

Cem camas vazias. Um insulto às mulheres que parem os seus filhos na Maternidade Alfredo da Costa em situação que já denunciámos

Claro que isto só é possível, porque a Maternidade está fechada. Não há autoridade. Tudo está ao abandono. E só não o está completamente, porque ali continuam os trabalhadores que estão ali há anos. Concluindo: temos ali uma Maternidade fechada que serve de divertimento a alguns«E nós a pensarmos que neste País ninguém se preocupava com a «ocupação dos tempos livres» da juventude!!!» Desabafo de alguém que conhece as condições em que, no nosso País, as mulheres têm os filhos. Acreditamos que o actual ministro dos Assuntos Sociais desconheça a existência desta Fundação. A maioria dos lisboetas também o ignora.

Mas não gostaríamos de continuar a fazer «descobertas arqueológicas». Queremos as maternidades a funcionar.

Aqui deveria funcionar uma lavandaria. Pois a mangueira que se vê apenas serve para lavar...peixe

Quem são os responsáveis por estes actos? Vê-se a caixa de peixe na fotografia. Aqui devia funcionar, ao que pensamos, um consultório

Um parque espaçoso rodeia a Fundação. Um óptimo local para uma convalescença das parturientes

Empresas pouco interessadas nas Feiras Internacionais

. Os industriais portugueses mostram-se pouco interessados em alargarem os seus mercados externos através da participação das suas empresas em feiras internacionais, e isto apesar do Fundo de Fomento da Exportação custear 50 por cento do total das despesas, quando não mais, por vezes, segundo se depreende de declarações prestadas à ANOP por dirigentes do FFE.

Para além disto, o FFE considera que as verbas de que dispõe para este efeito, cerca de 40 mil contos, é insuficiente, na medida em que cada feira importa em montantes variáveis entre 800 contos e 2 mil contos.

Actualmente, e por via das potencialidades exportadoras nacionais e da possibilidade de colocação dos produtos nos mercados externos, a representação portuguesa nas feiras internacionais baseia-se em certos sectores, designadamente, os produtos alimentares (com predominância do vinho), têxteis (confecção, fios algodão), mobiliário calçado cerâmica e metalomecânica, para além de outros.

Portugal deverá participar, através do Fundo de Fomento de Exportação — FFE — em dezasseis feiras internacionais que se realizam até ao final deste ano. A esta participação, que em quatro casos se fará apenas por «Bureaux» de informação, seguir-se-á, em Janeiro, a presença na Semana Verde de Berlim dedicada a produtos alimentares, em Atlantic City, numa feira especializada em cerâmicas e vidros.

Durante o corrente ano, Portugal teve a participação mais elevada de sempre nas feiras internacionais, cifrando-se num total de 44 presenças, das quais, 15 em «Bureaux» de informação que se destinam a estudar os mercados pouco conhecidos — aliás, de acordo com um informador da direcção de feiras do FFE, este número vem na sequência da política que tem vindo a ser seguida no sector, desde 1973, e que no ano passado já havia garantido, através de uma verba de 30 mil contos, a participação de Portugal em 28 feiras. Ainda segundo a mesma fonte, a verba do Fundo para este ano, deve atingir os 40 mil contos, soma que não deverá ser ultrapassada em 1977.

MINI OU MAXI SEMANA EM LONDRES
FÉRIAS ... NEGÓCIOS
PARTI...
Domin... 4as feiras
Agosto ... 11,15,18,22,25,29
Setemb... 12,15,19,22,26,29
Preços excepcionais desde* 3.150$
*a vantagem dos voos especiais
Milhares de pessoas dizem com satisfação: fui a Londres numa daquelas viagens baratas da abreu!
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu fundada em 1840
LISBOA ... PORTO ... COIMBRA ... FARO ...
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

ESCÓCIA E LONDRES
Partidas semanais de Julho a Outubro
● Avião + Autopullman
● Hotéis com banho + Refeições
● Várias visitas de Cidades e Lagos
● Guia acompanhante
1 ou 2 Semanas
RESERVAS E INFORMAÇÕES
abreu fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 27012
FARO Rua Con. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

NO PORTINHO DA ARRÁBIDA o DIARIO DE LISBOA vende-se no QUIOSQUE ARRÁBIDA

SOCIEDADE

No dia vi... sete de Julho de mil novecentos ... tenta e seis, no Décimo Quinto C... Notarial de Lisboa, perante mi... ancisco da Silva Guitarreiro, p... ajudante do mesmo Cartório, ... pleno exercício de funções, ... edimento, por motivo de licença ... férias, do respectivo notário Lic... lo Aurélio Assis Ferreira, comp... um, como outorgantes:

PRIMEIR... O Sr. ANTÓNIO DE CARVALHO ... TISTA DOS SANTOS, natural de ... freguesia de Ajuda; E

SEGUND... ... Sr. ARTUR MANUEL DE ... ONCELOS CASAIS natural d... ... oa, Freguesia de Camões, ... solteiros maiores, residentes ... cidade na Avenida Conse... Fernando de Sousa, n.º 27-4.º ...

E disser... minuta exibida:

Que constitu... n, entre si, uma sociedade comer... por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos ... seguintes:

PRIMEIR... A sociedade adopta a firma «C... HO & CASAIS, LIMITADA», te... sede, provisoriamente, na Av... nselheiro Fernando de Sousa, ... vinte sete, quarto andar, fre... Campolide, nesta cidade, p... ser transferida para outros lo... simples deliberação dos sócios.

SEGUND... O seu objecto é a exploração d... estabelecimentos comerciais e ou ... ais, designadamente similares ... ustria hoteleira, ou de qualquer ... actividade em que os sócios ac...

TERCE... A duração da sociedade é por t... ndeterminado, contando-se o se... início a partir desta data.

QUARTO O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de duzentos mil escudos e está representado e dividido por duas quotas de valor igual, pertencendo uma a cada um dos sócios.

QUINTO Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios poderão, contudo, fazer suprimentos à sociedade, nas condições deliberadas em assembleia geral.

SEXTO A cessão de quotas depende do consentimento da sociedade.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — O sócio que pretender alienar a sua quota avisará a so... e o outro sócio com a anteced... mínima de oito dias, por meio ... ta registada, declarando o nom... adquirente e as condições d...

PARÁ... EGUNDO — A sociedade re... o direito de preferência n... podendo amortizar ou adqu... a pelo valor do último bal... vado, acrescido dos eventu... não distribuídos, e quand... usar daquele direito é es... ao outro sócio que a pod... os mesmos termos.

PA... RCEIRO — Se a socied... erar no prazo de dez ... a recepção da carta refe... fo primeiro, o direito ... outro sócio que, ca... no prazo também de ... derar-se-á dado o con... a cessão.

PA... ARTO — No caso de fa... interdição de um sócio a sociedade continuará com o sobrevivo ou capaz e os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito, devendo estes nomearem um entre si que a todos represente na sociedade.

PARÁGRAFO QUINTO — O estatuído no parágrafo anterior só funcionará caso a sociedade não queira accionar o direito de amortizar ou adquirir a quota do falecido ou intertido nos termos do parágrafo segundo deste artigo, direito que lhe é, desde já, conferido.

SÉTIMO — A gerência da sociedade e a sua representação ficam a cargo de um conselho de gerência constituído por um máximo de quatro membros, que poderão ser sócios ou não.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — Ficam desde já nomeados gerentes os sócios fundadores.

PARÁGRAFO SEGUNDO — A gerência pode ser remunerada de acordo com o que ficar estipulado em assembleia geral.

PARÁGRAFO TERCEIRO — Para a sociedade ficar validamente obrigada são necessárias as assinaturas de dois gerentes, ou a de um gerente conjuntamente com a do procurador de outro.

PARÁGRAFO QUARTO — Os gerentes ficam dispensados de prestar caução, mas não poderão obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor ou em quaisquer outros documentos estranhos aos negócios sociais, ficando o gerente que o fizer obrigado a indemnizar a sociedade perante a qual responde pessoal e ilimitadamente pelas obrigações que tiver assumido.

OITAVO — Nenhum sócio poderá por si ou por interposta pessoa exercer actividade igual à explorada pela sociedade sob pena de responder pessoalmente pelos prejuízos que lhe causar.

NONO — Nos casos em que a lei não exija formalidades especiais as assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios e expedidas com, pelo menos, oito dias de antecedência.

Fiz a advertência da obrigatoriedade do registo deste acto, no prazo de três meses.

Arquivo uma certidão passada pela Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, pela qual verifiquei não se encontrar ali matriculada firma igual ou semelhante à da sociedade agora constituida

Verifiquei, também, a identidade dos outorgantes, pelos seus bilhetes com os n.º ... 391 070 e 202 592, emitidos em 13 de Junho findo e em 23 de Julho ... 1973, pelo Arquivo de Identificação de Lisboa.

Esta escritura foi lida e explicado o seu conteúdo aos outorgantes, em voz alta, na presença simultânea de ambos.

António de Carvalho Baptista dos Santos,

Artur Manuel de Vasconcelos Casais

O ajudante

Franc... da Silva Guitarreiro

Estatística: Série A. Q. Conhecimento n.º 884... ete n.º 2. Conta registada sob o n.º 98.

Estrangeiro

O governo de Ian Smith pode ser derrubado dentro de meses

Um nacionalista rodesiano declarou numa entrevista publicada recentemente em Belgrado que o Governo minoritário branco de Ian Smith poderia ser derrubado dentro de meses se não houvesse qualquer intervenção externa.

«Se os Estados Unidos e a Grã-Bretanha não intervierem, a queda de Smith poderá ser uma questão de meses, não de anos» — afirmou Henri Maconi, representante da política externa do Alto Comando do do Exército de Libertação do Zimbawe (Z. L. A.) ao jornal «Politika» da capital da Jugoslávia.

Acrescentou que havia 6000 guerrilheiros nacionalistas negros na Rodésia e 22 000 adeptos armados estacionados em Moçambique.

O Z.L.A., sob a chefia política do antigo nacionalista preso Robert Mugabe, é responsável pelo recente incremento nos combates na colónia secessionista.

O exército, conhecido como a «terceira força», surgiu como um novo grupo de combate durante o último ano. Os respectivos recrutas são nacionalistas negros descontentes com a disputa política das duas facções do principal grupo nacionalista — o Conselho Nacional Africano (A.N.C.), chefiadas pelo bispo Abel Muzorewa e Joshua NKomo.

«Musorewa e NKomo já não têm qualquer influência» — sublinhou Maconi.

Afirmou ainda Maconi que a população negra da Rodésia apoiava o Alto Comando do Exército porque desejava libertar o Zembabwe.

Por outro lado, o informador da Z.L.A. declarou que os dirigentes do exército não podiam aceitar a espécie de negociações efectuadas recentemente entre Smith e NKomo.

(Convém lebrar que as conversações entre SMith e NKomo, dirigente da facção «interna» do A.N.C., para negociar uma transferência pacífica de poder para a maioria africana, fracassaram em Março passado.)

«Aqueles que desejam negociações com Smith, desejam de facto manter o domínio económico e político da minoria branca, mas sob uma nova forma» — disse Maconi.

Isso (segundo Maconi) era inaceitável por duas razões:

«Primeira, o poder deve estar nas mãos da maioria; segunda, o grande capital deve ser transferido para as mãos dos trabalhadores.»

Joshua Nkomo: fracasso com Smith em Março último. Presentemente, «sem qualquer influência» no Conselho Nacional Africano

Declarou também Maconi que o Z. L. A. não queria que os brancos partissem. «Sob um regime de maioria negra — disse — estabelecer-se-ia uma Rodésia socialista e não alinhada.

REABERTURA DO RESTAURANTE 7 MARES
NO DIA 12/8/76
EM PORTIMÃO
RESTAURANTE
1.ª Categoria
ABERTO
das 19.00 às 2.00 h.
Cozinha Portuguesa
No BAR
Pianista privativo
Organizações
FERNANDO BARATA

Soldados cubanos deixam Angola

Algumas unidades militares cubanas regressaram recentemente de Angola — soube-se hoje junto de fontes geralmente bem informadas de Havana.

Segundo os informadores o calendário de retirada de tropas prometido por Fidel Castro numa carta ao primeiro-ministro sueco, Olof Palme, em finais de Maio, e da qual foi informado o secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, está a ser respeitado.

Fidel Castro assegurou na carta que o regresso de tropas se processaria ao ritmo de 200 homens por semana.

Decorreram já onze semanas desde a data da carta e tudo parece indicar que foram já mais de quatro mil os soldados que regressaram a Cuba depois de terem permanecido mais de meio ano em Angola.

Sabe-se no entanto, que Fidel Castro, quando da visita de Neto a Cuba, lhe prometeu auxílio militar de todas as vezes que a jovem nação africana dele necessitasse.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO SUL

MOÇÃO

Os Corpos Gerentes do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Sul, reunidos em 14 do corrente, vêm publicamente manifestar o seu veemente repúdio pela entrada em Portugal do conspirador do 28 de Setembro e 11 de Março ex-general António de Spínola, exigindo o seu julgamento e bem como o dos seus comparsas bombistas do M. D. L. P.

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS

A Direcção

Setúbal, 14 de Agosto de 1976

PUB

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

COMUNICADO

A Direcção do Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Setúbal reunida em 12 de Agosto 76, vem protestar enérgicamente contra a libertação do fascista SPÍNOLA. Esta é mais uma prova da conciliação dos poderes constituídos com o fascismo, a juntar à libertação vergonhosa dos PIDES e à brandura no combate ao terrorismo fascista.

Só o povo português poderá levar até ao fim o desmantelamento do fascismo, pois os nossos governantes parecem mais interessados que ele regresse.

PRISÃO PARA O FASCISTA SPÍNOLA E PARA OS PIDES!
NÃO DEIXEMOS O GOVERNO E TRIBUNAIS INSULTAREM O POVO PORTUGUÊS!

A Direcção

Nacional

Mão criminosa no fogo que ameaçou o paiol da N.A.T.O.

. «Tudo aponta para a natureza criminosa do sinistro», afirmou esta manhã, ao nosso jornal, um elemento da GNR de Almada, ao referir-se ao violento incêndio que, ao princípio da tarde de ontem, deflagrou no pinhal da Palmeira, colocando em sério risco o Depósito de Munições da Nato de Lisboa (DMNL).

No fogo, que mobilizou durante sete horas as corporações de bombeiros de Setúbal, Almada, Sesimbra, Trafaria, Cacilhas e Palmela, ficaram calcinados cerca de 30 quilómetros quadros de matagal e arvoredo.

Devido às rápidas medidas tomadas, o paiol existente no DMNL nunca chegou a estar em perigo. Também não há vítimas a lamentar.

ALDEIAS AMEAÇADAS EM PAMPILHOSA

Entretanto, de acordo com informações que recolhemos, ao princípio da manhã junto dos Serviços Florestais da Lousã continua a lavrar com grande intensidade o incêndio que, desde domingo, tem vindo a destruir os bosques ribeirinhos da Pampilhosa da Serra.

O fogo que se estende ao longo de duas frentes, entre Trilhão, Machio, Relvas, e Aldeias, chegou a por em perigo, durante a madrugada as povoações de Vales Pereiros e Maria Gomes.

No combate ao sinistro colaboram catorze equipas, apoiadas por forças militares de Leiria e Tomar, e ainda brigadas aéreas e terrestres dos Serviços Florestais da Lousã, cujo pessoal, segundo afirmou ao «DL» o seu director eng. Lino Pires, se encontra completamente exausto, depois de um esforço contínuo de vários meses em resposta a inúmeros apelos.

Despejo dramático em Vila da Feira

PORTO, 17 — O tribunal de Vila da Feira julgou favoravelmente uma acção de despejo proposta por uma senhoria, retornada de Angola que embora não necessite de casa para habitação, agiu ao abrigo do decreto-lei que lhe permite assim proceder.

Assim e a concretizar-se este despejo (mais um), uma família de quatro pessoas de Vila Verde, Mouros, ver-se-á atirada para a «vala comum» dos desalojados — a rua. E o mais grave na presente situação é que o chefe de família, desempregado há cinco meses, de há muito está tuberculoso. Esta a situação dramática de quatro pessoas vítimas da incúria governamental.

Paredes apolíticas na Marinha Grande

MARINHA GRANDE, 17 — As paredes desta vila, repletas de cartazes de propaganda política afixados ao longo dos dois últimos anos, estão a ser limpas por um grupo de jovens de vários países que se encontram, desde o passado dia 8, num campo de trabalho. Os jovens, que regressam aos seus países de origem no próximo dia 28 e que têm estado alojados a expensas da Turicoop com apoio da Região Militar do Centro, preparam-se para construir placards em vários pontos da vila.

Política de A a Z

Continuação da pág. 2

criou ao País, durante o liberalismo e a Primeira República». Da orientação crítica deste documento, e de outras declarações anteriores dos militantes do MSD, deduz-se que os «sociais-democratas» vão organizar, com energia e empenho, a luta para a conquista de posições nas juntas de freguesia, nos Municípios, nas administrações regionais. A «crítica» às administrações existentes não os obrigará a alianças com os influentes locais e caciques da «direita». O Partido Social-Democrata propõe-se fazer um percurso longo para o poder dirigindo-se directamente ao «País real». São palavras do documento onde se definem aspectos da sua táctica: «Os militantes do MSD, em contacto com os quadros competentes, devotados e honestos que já se têm empenhado na luta pela resolução dos problemas locais, quer oficialmente, quer a título de dedicação pessoal, apresentarão, no devido tempo, as suas propostas ao povo português em geral e ao povo de cada região, de cada concelho a freguesia, lá onde tiverem possibilidade de servir as populações». Só aparentemente esta posição é vaga. Trata-se de ganhar voz em Lisboa com base num poder local e regional que deverá ser renovado e democratizado. Depende das estruturas partidárias e das forças democráticas que este caminho para o Terreiro do Paço não seja obstaculizado pela «partidocracia», que esta actividade concorrencial legítima não venha a contribuir para o reforço local e regional da «direita». Não será só o PSD responsável pelo que poderá resultar da sua campanha eleitoral para as autarquias locais. Também o «Governo PS» está posto à prova. E ao teste não se furtarão os democratas, os antifascistas, toda uma «esquerda» que aspira a ter presença e voz. Os «dissidentes» do PPD, agora organizados em «partido», terão que ser atraídos para formas de cooperação que reforcem o «centro-esquerda» e que isolem, definitivamente, a «direita».

A «partidocracia», e outras formas de orgulho político, são de rejeitar, são de condenar. A «partidocracia» mostra, aliás, na prática, as contingentes limitações humanas da retórica pluralista.

ACIDENTE DE AMARELEJA

Houve grave negligência na montagem da praça

. O trágico desmoronamento das bancadas da praça de touros desmontável de Amareleja, é mais um episódio a juntar à lista negra dos acidentes motivados pela ânsia do lucro em detrimento da segurança do público.

Com efeito, e apesar de, até ao momento, a comissão de inquérito nomeada pelo governador-civil de Beja, coronel Carvalho Ferreira, não ter ainda dado por concluído o seu trabalho, tudo ter havido grave negligência na montagem de uma estrutura metálica por si já deficiente, havendo a salientar nesse sentido o facto de alguns cabos de aço terem sido substituídos por simples arame, e de alguns materiais-base da estrutura revelarem uma acentuada falta de resistência.

Todo este conjunto de factores, aliado a uma deficiente concepção original da praça, parece ser a razão do dramático acidente da Amareleja, em que, como já noticiámos, há a lamentar 3 mortos e cerca de 400 feridos.

A possibilidade de haver um maior número de vítimas parece ter sido evitada por um guarda da G. N. R., que, num momento em que o pânico era indescritível, abateu o touro que estava a ser nesse momento lidado e que, amedrontado pela invasão da arena, marrava a torto e a direito sobre aqueles que ali tentavam procurar refúgio. Lembre-se que, quando do ruir da bancada da sombra, toda a estrutura metálica desabou em leque, ficando apenas as trincheiras e o curro de pé.

Logo que o clima de pânico acalmou, os feridos começaram a ser evacuados para o hospital mais próximo em Moura, tendo em seguida os mesmos sido redistribuídos por vários estabelecimentos hospitalares.

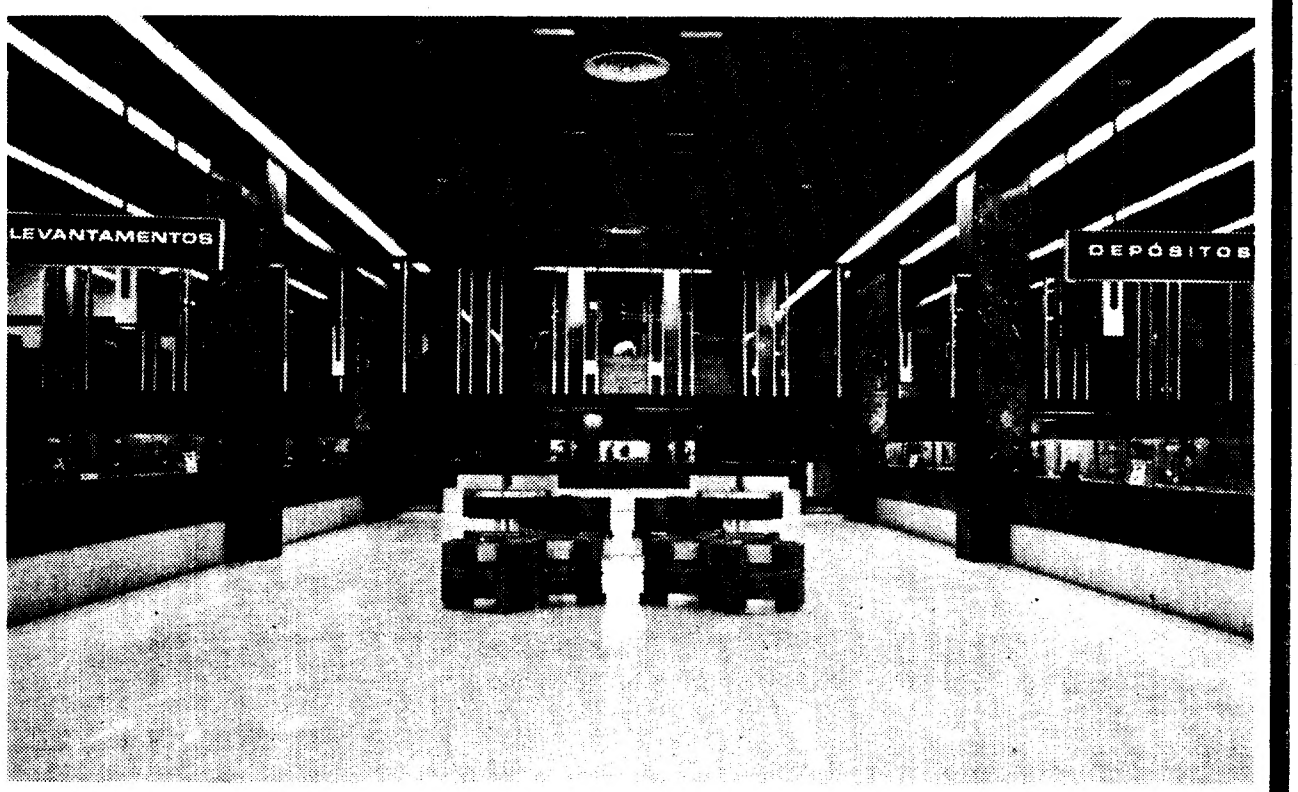
Os feridos graves foram transportados para o Hospital de S. José, em Lisboa, onde ainda se encontram internadas nove pessoas em estado considerado grave. Segundo conseguimos apurar naquele estabelecimento hospitalar, dois feridos encontram-se num estado desesperado, prevendo-se que não venham a resistir aos ferimentos causados.

Fogos reais

Começa hoje e deverão prolongar-se por mais três dias exercícios de fogos reais no Campo Militar de Santa Margarida. Participam nas manobras aviões, helicópteros e tropas pára-quedistas.

100 ANOS 1876 / 1976

Para servir o público cada vez melhor.



a CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
acaba de inaugurar
AGÊNCIA CENTRAL DO CALHARIZ
Largo do Calhariz - Lisboa-2

Espaço. Mais espaço
Eficiência. Mais eficiência
E muito mais comodidade!
No Edifício Sobral (antigo Palácio Sobral),
a nova Agência Central da Caixa Geral de Depósitos

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

PUB

CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PARA A UNIDADE

De há muito que centenas de dirigentes sindicais, das mais diversas correntes de opinião sindical, efectuam encontros para análise da situação real do Movimento Sindical Português. Dos debates havidos, uma questão apareceu como fundamental e comum a todos os representantes dos trabalhadores que participaram nessas reuniões:

A NECESSIDADE INADIÁVEL DE SE CONSTRUIR A AUTÊNTICA UNIDADE DO MOVIMENTO SINDICAL, PARA A QUAL É ESSENCIAL A REALIZAÇÃO DO CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS.

Entretanto, a esmagadora maioria dos Trabalhadores Portugueses e ainda muitas Direcções Sindicais não estão informados sobre estas questões, que pretendemos sejam objecto da mais ampla divulgação através da Imprensa e das próprias Organizações Sindicais:

— PORQUÊ O CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS?
— DE QUEM PARTE A SUA INICIATIVA?
— QUE PASSOS FORAM JÁ DADOS?
— O QUE É NECESSÁRIO FAZER-SE IMEDIATAMENTE?

Urge pois dar respostas concretas a estas questões.

O Movimento Sindical Português está disperso por quase quatrocentos Sindicatos, alguns de muito reduzida dimensão e sem qualquer tipo de ligação com as outras organizações dos trabalhadores do mesmo ramo ou indústria, **não existindo uma estrutura que garanta, democraticamente, a UNIDADE de todos os trabalhadores**, numa luta comum pela resolução dos problemas que cada Sindicato tem à sua frente.

A Intersindical, não pode ser considerada nesta estrutura, pois nela não estão filiados a maior parte dos Sindicatos Portugueses, e isto porque o seu Congresso de Julho de 1975, foi meramente representativo duma corrente de opinião.

Entretanto, os trabalhadores, contestaram as Direcções Sindicais que participaram nesse Congresso, o que originou a sua substituição democrática por Direcções de outras linhas de actuação sindical.

Assim, «as palavras de ordem» e as orientações do Secretariado ou do Plenário da Intersindical não são hoje aceites pela esmagadora maioria dos trabalhadores portugueses!

Manter esta situação é continuar a jogar na **Dispersão** e na **Divisão** sindicais. Ao contrário, é necessário que sejam criadas condições para a construção de uma verdadeira CENTRAL SINDICAL UNICA DEMOCRÁTICA E INDEPENDENTE, representativa, à partida de todos os Sindicatos e Trabalhadores Portugueses.

Esta, de facto, a principal necessidade de carácter organizativo sentida por todos os trabalhadores e expressa pelos dirigentes sindicais que contestam FRONTALMENTE a tendência sindical organizada, à volta e no seio da Intersindical.

Daqui, portanto, a proposta: partir de um Congresso verdadeiramente democrático para construir progressivamente a UNIDADE SINDICAL.

Sob esta óptica, foram contactadas as Direcções Sindicais que contestam a orientação do Secretariado da Intersindical e lutam intransigentemente pela autonomia e independência dos Sindicatos, pela democracia no seio das organizações dos trabalhadores e pela unidade sindical forjada na base de princípios e regras discutidos e aceites por todos os trabalhadores portugueses.

Destes contactos viria a resultar, no Porto, em 14 de Fevereiro, a eleição desta COMISSÃO DE REDACÇÃO que exprimiu publicamente a necessidade de um CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS, de um CONGRESSO PARA A UNIDADE.

A Comissão de Redacção constituiu-se, deste modo, no primeiro motor para o **CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS — PARA A UNIDADE.**

Posteriormente, em 26 de Março deste ano, o Secretariado da Intersindical afirmou, em Coimbra, a sua intenção de convocar o II Congresso da Intersindical, para adaptação da sua estrutura às modificações operadas pelos trabalhadores no seio do Movimento Sindical Português.

Esta proposta do Secretariado, iludia a questão de fundo da construção da verdadeira Central Única, tendendo a perpetuação da liderança e hegemonia da tendência sindical organizada na Intersindical, sobre o Movimento Sindical Português. Contudo, o Secretariado da Inter viria a ser obrigado a modificar a sua posição e, após diligências dos Sindicatos dos Bancários do Sul e Ilhas e dos Trabalhadores de Escritório de Lisboa, no dia 1.º de Maio, pronunciou-se perante os milhares de trabalhadores reunidos em Lisboa, por um Congresso **ABERTO** a todos os Sindicatos. A esta mudança não foi estranho o grande impacto que as ideias contidas na CARTA ABERTA desta Comissão de Redacção produziram no seio dos Sindicatos Portugueses.

A partir de então, foram encetadas reuniões periódicas entre esta Comissão de Redacção e o Secretariado da Intersindical, ao longo das quais, de um modo informal, foram debatidos diversos problemas relacionados com o CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS — PARA A UNIDADE.

Simultâneamente, promovemos a realização de sucessivas reuniões que tiveram lugar em Coimbra (26 de Junho, 7 e 8 de Julho, 21 e 22 de Julho), para as quais convocámos as Direcções Sindicais subscritoras da CARTA ABERTA e todos os dirigentes que, entretanto, demonstraram interesse em discutir conjuntamente aquele documento.

Estas reuniões possibilitaram o encontro de uma plataforma unitária entre diversas correntes de opinião e apesar de caluniadas de «divisionistas», provaram a todos os «incrédulos», que a UNIDADE é de facto POSSÍVEL e que a actual situação de CISÃO é, sobretudo, ANTINATURAL.

Mas estas reuniões não só permitiram o generalizado reconhecimento de que o Secretariado da Intersindical é unicamente representativo de uma das tendências com expressão no Movimento Sindical, como depois da clarificação desta realidade irrecusável, justificaram que outro importante passo em frente fosse dado: a Comissão de Redacção e o Secretariado da Intersindical puderam convocar, em conjunto, as reuniões distritais que, em 26 e 27 de Julho, tiveram lugar em Braga, Porto, Coimbra, Covilhã, Faro e Lisboa, que culminaram na reunião geral de sindicatos filiados e não filiados na Intersindical, sem carácter deliberativo, de 29 do mesmo mês.

Na nossa perspectiva, todas estas reuniões tiveram por único objectivo a pré-definição de linhas gerais para assegurar a organização e a realização do **CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS — PARA A UNIDADE**, na base dos referidos princípios de autonomia e independência dos Sindicatos, de democracia e da unidade sindicais.

Ao longo de todo este processo, foram já superadas através do diálogo aberto muitas questões sobre as quais não havia acordo. Outras não o foram ainda, mas queremos acreditar que o Secretariado da Intersindical continua disposto a encontrar neste diálogo, leal e francamente, as plataformas necessárias para que os problemas de fundo que se mantêm sejam honestamente ultrapassados e, em breve, haja condições para que todos os trabalhadores dêem as mãos, ponham fim à actual situação de cisão e de dispersão do Movimento Sindical Português.

Dentre estes problemas de fundo, consideramos essenciais os seguintes:

1 — Estará a Intersindical unicamente interessada na realização do seu 2.º Congresso, ou reconhecerá a necessidade da realização do CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS — PARA A UNIDADE?
2 — O Secretariado e a Intersindical aceitarão ou não a necessidade de se constituir uma COMISSÃO NACIONAL ORGANIZADORA do Congresso para a Unidade que reflicta, de facto, legítima e claramente, a existência de diversas correntes de opinião sindical com efectiva expressão no seio das nossas organizações de classe?
3 — Em que data se realizará o Congresso, para que se possibilite a mobilização e a participação activa e consciente de todos os trabalhadores?

PRIMEIRA QUESTÃO

As Direcções Sindicais subscritoras da CARTA ABERTA reconhecem já que alguns milhares de trabalhadores concedem legitimidade à Intersindical. Mas verificam, também, que são igualmente milhares os que não lhe reconhecem essa mesma legitimidade e não aceitam que a Intersindical continue a ser a barreira que se opõe à construção de uma autêntica CENTRAL SINDICAL UNICA, DEMOCRÁTICA E INDEPENDENTE.

Esta CENTRAL SINDICAL, que institucionalizará livre e democraticamente a UNIDADE, é fundamental à consolidação da **DEMOCRACIA** e das **LIBERDADES** dos trabalhadores: é fundamental, portanto, à edificação de um PORTUGAL NOVO E SOCIALISTA onde não haja lugar à opressão ou qualquer forma de exploração.

Mas este projecto não é compatível com as actuais divergências e, a superação não se poderá verificar se houver lugar a quaisquer sentimentos esmânicos que só conduzem, na realidade, à cristalização de posições e ao aprofundar de perigosa divisão.

Por isso dizemos que é preciso respeitar a vontade da grande maioria dos trabalhadores portugueses; que é preciso continuar a fazer tudo o que torne possível a realização do CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS — PARA A UNIDADE!

Se os trabalhadores e as direcções sindicais que contestam a política da Intersindical ou discutem a sua legitimidade, não têm para já, o direito de organizarem e realizarem o **CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS**, também este direito não assiste aos trabalhadores ou direcções sindicais afectas à Intersindical. Esta, através do seu Secretariado, poderá apenas e tão só convocar o seu 2.º Congresso... para o qual convidará ou não os Sindicatos Portugueses não filiados.

Porém, a verificação de qualquer destas hipóteses faria recair sobre esses dirigentes sindicais em que os trabalhadores depositaram confiança a grave responsabilidade histórica de contribuirem para se perpetuar a actual situação de CISAO SINDICAL, e de trairem os interesses que devem defender.

Todos teremos de lutar, porque, repetimo-lo a UNIDADE, é condição essencial a garantia das instituições democráticas, das liberdades, da consolidação e aprofundamento das conquistas dos trabalhadores, da construção, enfim, da verdadeira sociedade sem exploradores nem explorados.

Há que coroar de êxito os passos positivos já dados a partir da publicação da CARTA ABERTA, em direcção da UNIDADE, sendo já evidente que o Secretariado da Intersindical, quando aceitou a abertura do seu Congresso a todos os Sindicatos, reconheceu necessariamente que a verdadeira UNIDADE não é possível através de um qualquer Congresso dos Sindicatos afectos e filiados na Intersindical, seja ele o II, o III ou o XXX Congresso!

SEGUNDA QUESTÃO

Entretanto, o CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS — PARA A UNIDADE precisa de uma estrutura que o organize.

A COMISSÃO NACIONAL ORGANIZADORA, responsável exclusiva pela organização e realização do CONGRESSO, precisa de ter legitimidade e autoridade bastante para que seja reconhecida por todos os trabalhadores qualquer que seja a corrente de opinião sindical que julguem ser a correcta. Por isso mesmo, a COMISSÃO NACIONAL ORGANIZADORA terá que ser **paritária**, numa base de Direcções Sindicais afectas ao Secretariado da Intersindical, Direcções Sindicais que o contestam e Direcções Sindicais que o não aceitam e na qual participem as correntes de opinião sindical com efectiva expressão no Movimento Sindical Português. Esta, a garantia mínima de que todos os trabalhadores terão intervenção na preparação do CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS — PARA A UNIDADE, de que os golpismos terminaram, de que a DEMOCRACIA será a regra e a UNIDADE o OBJECTIVO.

TERCEIRA QUESTÃO

O Congresso da Intersindical, realizado em Junho de 1975, foi uma reunião de direcções sindicais presidida por representantes do aparelho de Estado.

O Congresso de todos os Sindicatos — para a unidade terá que ser preparado sob uma escrupulosa independência no qual participem não só as direcções sindicais mas também os trabalhadores de forma consciente e activa. Isto passa pela necessidade de se proceder à ampla e eficiente mobilização dos próprios trabalhadores, e esta mobilização só será possível se a COMISSÃO NACIONAL ORGANIZADORA se revelar, à partida, aos olhos de todos esses trabalhadores, capaz de salvaguardar a ampla e livre discussão de todos os problemas e a expressão de todas as correntes de opinião com efectiva implantação nas organizações sindicais.

Uma tal mobilização e a necessidade de uma prévia e exaustiva discussão de todas as teses e documentos que vierem a ser debatidos no CONGRESSO, impõe que ele não se realize senão no início de 1977.

Para esta Comissão de Redacção estas questões são fundamentais para que a UNIDADE NÃO SEJA JAMAIS UMA QUESTÃO ABSTRACTA mas resulte de facto construída da acção voluntária e consciente dos milhares de trabalhadores portugueses que lutarão lado a lado pela resolução autêntica dos seus problemas e interesses, que são comuns.

PELA ORGANIZAÇÃO DEMOCRÁTICA DOS TRABALHADORES!
PELO CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PARA A UNIDADE!

Lisboa, 13.8.76

COMISSÃO DE REDACÇÃO DA CARTA ABERTA

Nacional

Os exames recomeçam em Setembro

O curso visa a formação de educadores para trabalharem com as crianças dos 4 aos 12 anos. A par de uma formação teórica (estética e psicopedagógica) e teórica-prática (movimento, música, drama, expressão plástico-visual, poético-literária e prático-artesanal), o curso proporciona ainda o contacto-trabalho directo com as crianças.

Em princípio, para as provas de admissão, será dada a preferência a candidatos com formação pedagógica ou artística anteriores. Podem concorrer contudo, candidatos com o sétimo ano completo ou equivalente, ou sem habilitação própria, desde que tenham mais de 25 anos.

As provas escritas do curso geral para a segunda época de exames realizam-se de 13 a 17 de Setembro; do curso complementar, de 13 a 21 do mesmo mês. Para o efeito, as inscrições decorrem de 24 do corrente até ao dia dois do próximo mês.

Por outro lado, informa o MEIC em nota, as provas de exame da segunda época serão realizadas no mesmo estabelecimento de ensino em que o examinando prestou as da primeira época.

EDUCAÇÃO PELA ARTE

Começam em Setembro as provas de admissão para o curso da Formação de professores de Educação Pela Arte, a cargo do Conservatório Nacional e integrado já no âmbito da nova Faculdade de Pedagogia.

A ilha de S. Miguel vai ter um motel

PONTA DELGADA, 17 — Um grupo de investidores açorianos apresentou às autoridades locais um projecto para um motel a construir na ilha de S. Miguel, que terá acomodações para 72 pessoas.

O motel, que terá uma piscina coberta ou descoberta, e um restaurante, custará cerca de vinte mil contos e deverá iniciar a sua actividade no próximo mês de Maio.

Os investidores, dentre os quais se destacam Álvaro Zanit de Melo Achmeann, Abel Macedo, Hans Rief, William Rieff e Teotónio do Canto Brum, já contactaram o presidente da Câmara de Ponta Delgada e os presidentes da Junta Geral do Distrito e da Comissão Regional de Turismo.

O "Espírito Santo" vai ser reparado

ANGRA DO HEROÍSMO, 17 — A bordo da lancha «Alabarda» da Marinha de Guerra, regressou ontem a Angra do Heroísmo o comandante Correia dos Santos, que se deslocou a Velas para elaborar o relatório do inquérito sobre as causas do naufrágio do barco-misto «Espírito Santo» que, conforme noticiámos, naufragou na passada sexta-feira. De acordo com as primeiras informações obtidas, parece que o naufrágio se poderá atribuir à má distribuição do ferro que seguia a bordo e que terá levado o barco a adornar, todos os passageiros na amurada, assistindo à partida.

O «Espírito Santo» que se afundara à saída do porto de Velas e fora levado para junto do molhe deste porto pelo «Rovuma», chegou cerca das 18.30 a Angra, agora rebocado pela traineira «Marisousa», a fim de ser reparado.

A chegada do barco naufragado a Angra foi o assunto do dia na cidade e atraiu ao cais centenas de açorianos interessados em ver com os seus próprios olhos o estado em que se encontra o barco a que recorrem para as suas deslocações entre as ilhas «de baixo».

Entretanto, os seis últimos passageiros feridos no naufrágio regressaram ontem à tarde a sua casa livres de perigo, encontrando-se ainda hospitalizado Manuel Joaquim das Neves, mestre do «Espírito Santo», sujeito a uma forte depressão nervosa.

Quebra nas exportações do Porto

A exportação de Vinho do Porto registou no ano transacto uma quebra de 13,2 por cento relativamente ao ano anterior. O número de hectolitros exportados em 1975 foi de 379.492 hl, contra 437.085 hl em 1974.

Este decréscimo da exportação do nosso afamado vinho deve-se à crise económica internacional que, reduzindo o poder de compra das populações, provoca uma retracção no mercado consumidor.

Acresce ainda que o consumo nacional em 1975 foi sensivelmente igual ao de 1974, do que resulta a percentagem para menos do volume global comercializado, se reduzir a 12,2 por cento.

Nos últimos meses de 1975, verificou-se uma recuperação nas exportações visto que em Agosto desse ano a percentagem para menos verificada em relação a igual período do ano transacto cifrava-se já em 28,7 por cento facto sublinhado no comunicado do Instituto do Vinho do Porto para a vindima de 1975.

Por outro lado, continua a verificar-se um aumento da exportação do vinho engarrafado, que constituiu, em 1975, 26 por cento do montante global das exportações do produto, contra 24 por cento em 1974.

CÃO

Perdeu-se, zona do Lumiar. Grande, castanho e branco.
Quem encontrar — Telefones 790086; 674952; 661201.
Ou entregar Estrada da Torre n.º 35-1.º

Trabalho

Negociações dos conserveiros começaram hoje

. Foram reatadas esta manhã no Ministério do Trabalho as negociações do C. C. T. dos trabalhadores da indústria conserveira, interrompidas há algumas semanas por divergências entre os representantes dos trabalhadores e do patronato.

Presentes à mesa das negociações representantes dos três sindicatos nacionais e das associações patronais, além do representante do M. T. Os principais pontos de divergência são a reivindicação de garantia de 45 horas de trabalho semanais (os trabalhadores conserveiros laboram 32 horas semanais durante 8 meses e 24 nos outros 4) e a concessão de subsídios a 100 por cento.

Os trabalhadores entretanto mantém a última forma de luta adoptada, ou seja, a retenção das conservas nas fábricas, até que o conflito seja sanado. Os sindicatos, no entanto, divulgaram já publicamente em comunicado a sua preocupação pela forma como as negociações irão decorrer, denunciando a pouca pressão do M. T. sobre o patronato e a não disposição deste de aceitar as reivindicações dos trabalhadores sem condições.

530/76 EM CAUSA

"Verdadeiro atentado à estabilidade de emprego"

— considera o Sindicato da M. Mercante, Aeronavegação e Pescas

«Mimoseou-nos o VI Governo, já com um pé na cova, com um decreto-lei que constitui um verdadeiro atentado à estabilidade de emprego dos trabalhadores e que vem pôr em sério risco a maioria dos nossos associados» — assim se exprime a direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca, em recente comunicado no qual se exige a revogação do Decreto-Lei n.º 530/76, que permite a dispensa temporária de pessoal, a redução da laboração e o congelamento da contratação colectiva nas empresas em crise.

Os mecanismos previstos naquele diploma, consoante análise dos serviços de contencioso deste sindicato, assentam no pressuposto de a laboração de uma empresa qualquer decorrer em condições económicas «não aceitáveis», traduzidas no subemprego do pessoal ao seu serviço. Os objectivos que se assinalam são a manutenção dos postos de trabalho e a eventual criação de outros.

O decreto-lei prevê quer a reconversão das empresas, quer a adopção de medidas administrativas de carácter temporário. A iniciativa da reconversão cabe às empresas interessadas. Quanto às medidas administrativas nada se diz; conclui-se portanto, que a iniciativa caberá tanto às empresas como ao Governo.

Para agintir os objectivos constantes do plano de reconversão, repvê-se a dispensa temporária de trabalhadores e a redução do tempo de laboração. No primeiro caso, o diploma nada diz sobre o *estatuto* do trabalhador nesta fase; «é de recear, portanto, que não havèndo prestação de trabalho, esteja a entidade patronal dispensada do pagamento da sua contraprestação — o pagamento do ordenado» (concluem os serviços de contencioso deste sindicato). Quanto à redução do tempo de laboração, o diploma é omisso acerca dos limites a observar, embora pareça acautalado o montante do salário mínimo nacional.

As medidas administrativas são temporárias e podem ser utilizadas separada ou conjuntamente. Entre outras, prevê-se: redução de laboração até ao limite de três dias por semana, congelamento da contratação para a empresa em causa ou outras medidas de saneamento orçamental, transferência dos trabalhadores para diferentes postos de trabalho na mesma empresa. O diploma não exclui o recurso aos despedimentos colectivos.

É permitida a intervenção dos «órgãos representativos dos trabalhadores»: dar parecer (não vinculativo) acerca do projecto de reconversão e «acompanhar» a execução do projecto.

ALERTAR

À semelhança do que tem sido feito por outros sindicatos, e pelo movimento sindical no seu conjunto, a direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante alerta os trabalhadores para os perigos decorrentes do Decreto-Lei n.º 530/76 e pede a sua revogação.

O Sindicato explica razões:

. — «nas empresas onde, à custa de árdua luta, os trabalhadores conseguiram impor tabelas salariais e demais reivindicações, vêem agora, ou podem vir a ver, por aplicação deste decreto, as suas conquistas esmagadas e espezinhadas por quem, até agora, não pôs em prática planos de reestruturação elaborados por trabalhadores, os únicos que estudaram e tantaram pôr em prática medidas tendentes à salvaguarda dos seus postos de trabalho»; . . — «vem este decreto permitir o despedimento sem justa causa, sem indemnização, disfarçado de dispemsa temporária»;

. . — «é, por outro lado, uma porta aberta ao patronato reaccionário, que poderá aniquilar aqueles trabalhadores que sempre se lhe opuseram, saneando-os e semeando a divisão»;

. . — «permite o congelamento da contratação colectiva de trabalho por um prazo ilimitado»;

— «Nega-se o direito aos postos de trabalho e, até, ao salário, contrariando frontalmente a Constituição».

Conclui o Sindicato de tudo isto:

. «Este decreto não é matéria de lei; é um documento do defunto *provisório* que visa abrir caminho ao *definitivo*, que, no seu plano de acção tem em vista cortar qualquer comparticipação estatal nas empresas nacionalizadas, exigindo das mesmas a sua auto-suficiência.

«Se, quanto a este objectivol o poderíamos considerar correcto, a verdade é que se torna evidente que poucos meses depois, e tendo em conta que a crise não é a de uma empresa isolada mas do próprio sistema ainda capitalista, vão surgir declarações de crise em avalancha, fazendo, deste modo, com que todos os trabalhadores continuem a pagar, e agora mais intensamente, a crise de uma classe decadente.»

ALVALADE DO SADO

Readmissão pára o trabalho

— tomate em risco de se estragar

. A readmissão de um trabalhador na Empresa de Concentrados de Alvalade (ECA), de Alvalade do Sado, sem que a Comissão de Trabalhadores e a Comissão Administrativa saibam quem a ordenou, está na origem de uma paralisação naquela empresa. Assim, encontram-se parados 340 dos 380 trabalhadores da ECA, o que pode levar a uma maior deterioração do tomate para concentrado que ali se encontra.

A situação originada pela readmissão deste trabalhador, António Carraço, que se encontrava suepenso há cinco meses, por não cumprir ordens e ter chegado a agredir um engenheiro, é agudizada pelo facto de o Ministério do Trabalho, não ter ainda divulgado o resultado do inquérito oportunamente ordenado. Foi assim que se desencadeou o movimento de paralisação, na terça-feira, quando o referido trabalhador se apresentou no seu local de trabalho, sem passar nem pela C. T. nem pela C. A..

Em comunicado distribuido pela Comissão de Trabalhadores da ECA, recordam-se as perturbações ocorridas nos últimos meses na fábrica e explicam-se as diligências feitas junto do Ministério do Trabalho no sentido de resolver o problema surgido com a readmissão do referido trabalhador suspenso.

Entretanto, o resultado do inquérito que os trabalhadores pretendem conhecer deve chegar brevemente à ECA, o que está de acordo com uma promessa do Ministério do Trabalho de que tal seria cumprido.

No mesmo comunicado a Comissão de Trabalhadores lembra à administração da empresa e aos Ministério do Trabalho e da Agricultura e Pescas, os prejuizos causados pela situação criada e os prejuizos que dela podem resultar.

Segundo nos afirmou esta manhã um membro da Comissão de Trabalhadores da ECA, a paralisação não envolve cerca de 40 trabalhadores da secção de moagem de tomate que ontem laborou durante cerca de oito horas, sem que tivesse «saído» uma lata de concentrado devido ao mau estado da matéria-prima». Mas, afirmou-nos o informador, o tomate quando deu entrada na fábrica já se encontrava em muito mau estado. Só que poderá vir a agravar-se ainda mais, se o trabalho não for retomado em pleno».

BORDADEIRAS DA MADEIRA

Patrões lançam o caos

. O Sindicato das Bordadeiras da Ilha da Madeira denunciou o comportamento antitrabalhadores do grupo de trabalho constituído para estudar a reconversão do sector.

No comunicado agora emitido, o Sindicato relata que aceitou fazer parte do grupo constituído em Abril passado, como representante dos trabalhadores. A sua função era a de pressionar o andamento dos trabalhos, zelando entretanto pela manutenção dos postos de trabalho e evitando manobras contrárias aosinteresses dos seus associados. Apesar disso, o grupo encontra-se parado há dois meses, aguardando um relatório do técnico nomeado para o grupo pela Junta Governativa, dr. Zacarias da Silva, «homem forte do Grémio e da confiança dos patrões». Enquanto o dr. Zacarias não apresenta o relatório pelo qual se responsabilizou, os patrões vão entregando avisos de despedimentos colectivos aos trabalhadores, pagando com grande atraso os subsídios e recusando-se até a pagar diuturnidades.

«O atraso dos trabalhos no grupo de reconversão», conclui o Sindicato, «e a ofensiva do patronato aparecem, pois, como acções conjugadas no sentido de lançar a indústria no caos, pôr no desemprego milhares de trabalhadores e liquidar as suas conquistas.»

na forja

CORONADO: DIRIGENTES SINDICAIS VÃO AO MINISTRO

Dirigentes do Sindicato de Vestuário do Porto encontram-se amanhã de manhã com o ministro do Trabalho, com o objectivo de discutir o problema da Coronado, que se arrásta há longos meses, mantendo-se impedidas de trabalhar as 36 operárias saneadas.

Esta será a primeira entrevista daqueles dirigentes com Marcelo Curto, depois de ter assumido o cargo de ministro.

Entretanto começam a surgir suspeitas na fábrica de que há fuga de matéria-prima por parte da administração, facto que começa a intrigar algumas operárias sobre quais são os objectivos do patrão.

DELEGAÇÃO SINDICAL SOVIÉTICA

Encontra-se em Portugal, a convite do Inatel, uma delegação do Conselho Central dos Sindicatos Soviéticos que assim retribui viagem idêntica à União Soviética de uma delegação do Inatel, em 75. As viagens têm por objectivo o estabelecimento de acordos de intercâmbio nos campos do Desporto, Cultura, Turismo Social, Férias e Informação.

AUMENTO DE DESEMPREGO

No ano passado, aumentou em 20 por cento o custo de vida, enquanto os vencimentos subiram apenas 5 por cento e a taxa de desemprego sofreu agravamento, segundo informação colhida no relatório do Centro de Estudos e Planeamento. O agravamento do desemprego verificou-se por estabilização da taxa de emprego e aumento da população activa. O estudo também informa que o défice da balança de pagamentos se agravou em 11 milhões de contos em relação ao ano anterior tendo aumentado em proporção considerável a divida externa, devido aos empréstimos contraídos a outros países.

C.M.L.: PLENÁRIO AMANHÃ

Os trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa vão reunir amanhã, às 18 e 30, no Pavilhão dos Desportos, para decidir as medidas a tomar face ao mutismo das entidades responsáveis relativamente ao caderno reivindicativo aprovado, em R. G. T., no passado dia 1 de Julho.

Dos cinco pontos do caderno, destacam-se a exigência do horário máximo de quarenta horas semanais, entrada dos trabalhadores para um quadro único, subsídio de férias e de Natal no mínimo de 8000$00, subsídio de almoço de 50$00 diários e concessão de passes nos transportes públicos.

A Organização Pró-Sindical dos Trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa afirma que «da Presidência da Câmara para o Ministério da Administração Interna e desta pára aquela, da Secretaria de Estado para a Direcção-Geral e inversamente, de Gabinete para Gabinete, o caderno reivindicativo e a direcção da Organização pró-Sindical têm viajado, deparando sistematicamente com a burocracia dos Serviços, a permanente ausência e desprezo por parte dos responsáveis...»

. Por estes motivos, os trabalhadores, «fartos de esperar», irão amanhã decidir o prosseguimento da sua luta.

GREVE DAS FARMÁCIAS PODE SER ANULADA

. A greve dos ajudantes de farmácia, marcada para amanhã, poderá vir a ser anulada hoje, no caso de se chegar a acordo, em nova reunião que se efectuou a partir das 10 e 30, no Ministério do Trabalho e por iniciativa deste departamento governamental. Em alguns sectores do Ministério admite-se que o diferendo poderá ser ultrapassado nesta reunião.

Três pontos estão na origem da impossibilidade de se chegar a acordo na elaboração do novo C.C.T. dos ajudantes de farmácia: o quadro de densidades, o pagamento do trabalho extraordinário e a classificação das farmácias em tipo A ou tipo B, o que determina vantagens para os trabalhadores dos estabelecimentos.

A proposta da Associação Nacional das Farmácias no que se refere ao quadro de densidades originaria o não pagamento com iguais salários a funcionários de igual categoria, com o mesmo trabalho e no mesmo estabelecimento. Por outro lado, o pagamento das horas extraordinárias a ser feito de acordo com o patronato, não só representaria um aumento de encargos para o público (por agravamento das taxas de abertura das farmácias depois da meia-noite), como seria feito por metade do que está previsto na legislação em vigor.

Nacional

DOMINGO DE VERÃO, NA BEIRA BAIXA

Retornados, emigrantes e alfacinhas: nunca houve tanta gente nas aldeias de Portugal

Daniel Reis

Milhares e milhares de foguetes estralejaram anteontem nos céus de Portugal, entre as sete e as oito horas da manhã, acordando os cidadãos para as inúmeras festas que, nos domingos de Verão, se repetem nas aldeias rurais, mormente no centro e Norte do País.

Ainda há dias, em plena Beira Baixa, vimos queimar umas cem dúzias só na alvorada, à média de um foguete por três segundos, durante uma hora inteira. Enquanto isso, uma banda de música de aldeia vizinha já percorria as ruas levando aos ouvidos ensonados os mesmos sons de clarinete e trombone que de há muitos anos oferece aos pais e avós dos vivos.

Nunca houve tanta gente nas aldeias, ouve-se repetir este ano de terra em terra. Fácil é prová-lo ao entrar em Bogas de Cima (concelho do Fundão, sede de freguesia raramente assinalada nos mapas), onde assistimos a uma dessas festas e onde se enchem as ruas com «estrangeirados» e as praças com automóveis de matrícula angolana, francesa e alemã.

Pelos dias da festa adiante — como é de regra, os festejos principiam na tarde de sábado e prolongam-se até noite dentro de segunda para terça — isso mesmo confirmaria quem há anos atrás se habituara a ver as ruas desertas, muitos campos incultos, casas vazias ou habitadas por crianças, mulheres e velhos.

Agora as casas dos que tinham demandado África à procura de melhor vida, estão de novo habitadas. Homens, mulheres e crianças, hábitos, estranhamente «estrangeirados» voltaram. Não se vê um palmo de terra por cultivar, como nos anos que precederam o grande êxodo para a França e a Alemanha.

«FRANCESES» E «ALFACINHAS»

Entrado Agosto, e sobretudo na semana da festa anual, para isso marcado com meses e meses de antecedência, chegaram também os «franceses» e os «alfacinhas», ou seja, os que abalaram para longe dos campos, para próximo do cimento e do asfalto, para os bairros pobres de Paris e Lisboa. Na pacatez do largo principal, a «Eira», onde outrora se malhava o centeio que hoje já não cresce nas encostas, carros, de matrícula angolana, matrícula francesa, dão o tom novo à terra, provavelmente um pouco como por todo o centro e Norte do país rural minifundiário.

Notas de cem francos (na gravura, canto inferior esquerdo) valorizaram as «ofertas» dos emigrantes ao padroeiro da aldeia. O leilão anima as tardes de domingo e segunda e constitui sempre, o momento mais vivo das festas populares na Beira-Baixa

No alto da freguesia, alindada a preceito, a capela e o largo que a rodeia constituem o ponto central das festas de Verão

Esse tom é também evidente nos leilões de ofertas, ponto alto da festa, quando se jogam escudos e francos para a caixa do patrono da freguesia, no caso S. Sebastião.

A festa principia na noite de sábado.

Os arcos de papéis coloridos, sobre estacaria revestida de verdura (ervedeiros e canas) são colocados pela tarde. Rapazes e raparigas ajudam os mordomos (encarregados da organização, ano a ano mudados) a alindar as ruas e o largo da festa.

Topograficamente há um esquema que é respeitado em quase todas as aldeias: a meio fica a igreja matriz e na parte mais elevada, ou mesmo no alto de um morro vizinho, ergue-se a capela do santo padroeiro, anualmente festejado no Verão e por quem a generalidade das gentes tem um respeito e uma confiança quase míticas.

Volvei os olhos à terra/ mártir S. Sebastião/ contra fome, a peste e a guerra/ sêde a nossa protecção é a quadra mais cantada na procissão das velas, iniciada na igreja paroquial ao escurecer. Antes já uma instalação sonora («a aparelhagem», que anda de festa em festa, de feira em feira) enche os ares de cânticos religiosos. Mulheres descalças, geralmente com crianças pela mão, de vela acesa, cumprem as promessas feitas ao longo dos anos: o filho que fez a guerra nas colónias e regressou inteiro, o marido que todo o ano trabalhou debaixo da terra nas minas de volfrâmio e não sofreu desastres, o irmão que, fugido a salto, pôde regressar a Portugal depois do 25 de Abril, uma doença que não teve consequências graves, tudo se promete e cumpre.

Percorrendo as ruas, a massa humana que canta e reza, pela noite fora, enquanto o fogo-de-artifício sobre nos céus, de tempos em tempos, traz consigo o andor do santo até à igreja paroquial. No dia seguinte, antes da missa, percorrerá caminho inverso regressando à capela onde permanece todo o ano. Na noite de sábado para domingo há quem cante nas ruas, quem continue a alindar largos, quem converse horas e horas contando as últimas dos locais distantes onde trabalha.

BILHETES DE 100 FRANCOS NOTAS DE MIL

No domingo, pelas sete horas, é a alvorada. Não raro o foguetório entra em compita com o foguetório de aldeias vizinhas, atrás dos montes, onde porventura também haja festa. A fama é para todo o ano e fica com quem aguentar mais tempo o fogo. Ou seja: quem mais dúzias de foguetes queimar, e quem mais dinheiro gastou a comprá-las.

A meio da tarde de domingo — ultrapassada a missa, a procissão e o sermão da praxe, onde uma vez mais se conta, de trás para a frente, a vida do santo — começa a venda das ofertas, exactamente no largo da capela cimeira à aldeia.

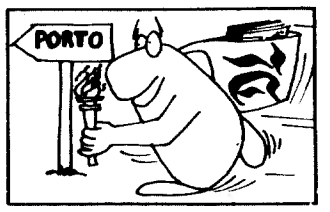
Carne de porco e cabrito, bolos, fruta, presunto, coelhos, pássaros, batatas, azeite e milho, tudo vai a leilão, revertendo o dinheiro para o «santo», isto é, para as despesas da freguesia. Hoje é frequente as ofertas serem valorizadas com notas de mil escudos, com bilhetes de 100 francos. Salta nessa altura a emulação entre os emigrantes e entre os citadinos, todos aldeões desterrados: durante o ano trabalham em circunstâncias ingratas em terras estranhas, mas, quando à volta se aglomeram todos os outros que também emigraram, ninguém quer ficar a perder. E sobem, assim, os lanços até seis e sete contos. Uma dúzia de melros assados foram este ano arrematados por quatro contos e quinhentos!

Dois aspectos da procissão, à luz crua do sol da serra

OS QUE FUGIRAM À GUERRA

Há anos, ai pela década de cinquenta, princípios de sessenta, a comissão e os mordomos tinham de trabalhar duramente para que a festa, no seu total, rendesse de três a quatro mil escudos. Hoje ultrapassa os cem e atinge não raro os 120, os 150 mil. Decorre o leilão, toca a música, reúne-se o povo. Simultaneamente há quem espraie a vista sobre os pinhais vizinhos, cansado de olhar cimento e automóveis, ano fora, nas cidades. Há quem dance, enquanto a banda de música interpreta velhas melodias ressuscitadas nas pautas que a emigração deixara ao esquecimento e hoje voltam a ser lidas pelos músicos amadores que estão a regressar e a organizar as bandas. Há quem se dessedente, bebendo tinto ou cerveja, com receita para o grupo desportivo. Há quem reforce o namoro iniciado por carta. Há quem abrace velhos conhecidos, como os muitos que fugiram à guerra colonial e emigraram jovens e hoje estão de volta, ainda que só por alguns dias.

Depois vem a noite e o baile a preceito. Depois vem a manhã e o reinício da festa já em ritmo decrescente. Depois é o fim da tarde de segunda-feira e o começo da debandada. Os foliões das aldeias vizinhas já entretanto tinham partido. A mesa das ofertas baixa de entusiasmo. São vendidos por grosso os cereais. Os últimos bolos, a derradeira filhó desaparecem. Pelos dias da semana os emigrantes adestram malas e viaturas para o regresso à terra dos francos onde ainda é necessário continuar: o preço dos quintais subiu, a casa nova que vai construir-se custa caro, o chão de milho que apetece comprar, para trabalhar o resto da vida, está pela hora da morte.



Nacional

AEROPORTO PARA A GAVETA

UM FILHO DE CAETANO NA "GOLPADA" DE RIO FRIO

TEXTO: MANUEL GERALDO FOTOS: RUI PACHECO

O campino diz-nos com um ar de confiança no olhar: **Avancem à certa, amigos, porque os bois em manada não marram!** Às 10 horas da manhã cacimbosa, os sobreiros e a lezíria irradiam um halo de solidão. E no aramado de dezoito mil hectares de Rio Tinto deslocam-se bovinos e não aviões supersónicos de muitas turbinas. Nem tão pouco se adivinham britadeiras, «bolldozers», escavadouras ou o vazear esforçado de centeas de operários. Apenas o trotear de dois cavalos, diluído pelo areal, o disparar discreto da nossa objectiva fotográfica, e os berros de algumas dezenas de bois em preparo as fainas de redondel ou para os eléctrodos de qualquer matadouro municipal.

O repórter está ao corrente da situação. Mas é para o leitor que ele dirige as suas interrogações. De forma a transmitir-lhe uma realidade que os factos ocorridos em 1969, com a compra pelo Governo de Marcelo Caetano de cerca de um nono da herdade de Rio Tinto para construção do novo aeroporto de Lisboa, não deixariam adivinhar neste Agosto quente de 1976. Mas a verdade sobre mais uma «golpada» do Estado Novo aí está, na narrativa que se segue.

— **Pois é, amigos, até que os aviões apareçam, o que nesta altura já seria caso de espantar, cá nos vamos estretendo com os bois** — De novo a palavra do campino, em ribatejano cantante. De novo como cenário os terrenos que integram a herdade de Rio Tinto, a 50 quilómetros de Lisboa, alcançando na sua imensidade feudal os concelhos de Palmela e Alcochete.

Domínio de cavaleiro tauromáquico e agrário, Samuel Lupi, e de suas duas irmãs, uma das quais casada com um filho de Marcelo Caetano, o eng. Miguel Caetano. Lugar onde o regime fascista, então nos primórdios da sua «primavera política», decretou mandar construir o novo aeroporto de Lisboa, em substituição do ultrapassado aeródromo da Portela de Sacavém, na altura já com quatro décadas de existência. Decreto dimanado do Ministério das Obras Públicas, então sob a direcção do engenheiro Rui Sanches (sobrinho de Marcelo Caetano), que conduziu ao pagamento de cem mil contos como sinal, (a título de expropriação), à família Lupi. Os restantes duzentos mil estavam previstos ser entregues no momento da escritura, acto que só não teve aplicação jurídica, porque, entretanto, surgiu em cena no tablado político português o 25 de Abril. A semelhança do que iria acontecer, aliás, com muitas outras negociatas fraudulentas e especulativas, sobretudo no sector da construção civil e da venda de terrenos, que o movimento vitorioso dos capitães obrigou a ficarem na casca.

Segundo conseguimos apurar, os terrenos expropriados, apenas uma percela ínfima de Rio Tinto, (demasiado soltos e com ventos cruzados, para além dos cinquenta quilómetros que os separam de Lisboa), não possuem as condições mínimas para a efectivação do espectacular empreendimento.

Pejados de pastos secos e sobreiros dispersos, onde outrora medraram parcos vinhedos, eles continuam a representar, em termos agrícolas, a «parcela maldita» do imenso condado.

Os Lupi, aproveitando as suas ligações familiares e de classe com Marcelo, fizeram uma jogada característica dos tempos do fascismo. Ganharam cem mil contos, e só não foram trezentos mil porque o fascismo caiu a tempo, por um terreno que não valia nem metade. E o povo que se lixasse, pois ia ficar sem esse dinheiro todo, ainda por cima por um terreno que não servia o plano para que se destinava, indo situar um aeroporto a mais de cinquenta quilómetros do local onde deveria ser construído, — afirmou à nossa reportagem um elemento do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Santarém.

UM GABINETE FANTASMA

Paralelamente à expropriação dos terrenos de Rio Tinto, foi criado o chamado Gabinete do Novo Aeroporto de Lisboa, que passou a funcionar nas antigas instalações da Ponte sobre o Tejo (hoje 25 de Abril, depois de ter sido Salazar), na Rocha de Conde de Óbidos, possuidora de personalidade jurídica e ampla autonomia administrativa, e incumbida de promover e coordenar toda a actividade relacionada com a construção do (embora viciado de base) importante complexo.

E apesar de sete anos já terem decorrido (com o projecto que lhe deu vida no rol das peças de museu), este Gabinete, que poderíamos apitetar de fantasma, continua a ter personalidade orgânica e funcionários permanentes. Assistido por um conselho técnico consultivo, em cuja constituição figuram o director-geral da Aeronáutica Civil, um representante da Secretaria de Estado da Aeronáutica, e representantes «das entidades interessadas e especialistas de reconhecida competência nos diversos sectores abrangidos pela obra», tem como subdirector o engenheiro António Francisco de Aguiar.

A título de curiosidade, poderemos acrescentar que para o aeroporto então planeado se projectava ocupar uma área máxima de 6 400 hectares (embora numa primeira fase não ultrapassasse os 2 400 hectares). As obras iniciais orçariam em cerca de seis milhões de contos, sendo de vinte e cinco milhões o seu custo na fase final de acabamento. Por outro lado, logo que entrasse em funcionamento empregaria cerca de vinte e dois mil trabalhadores.

Mas como todos estes planos, bem dentro do espírito de «fachada» em que os governantes dos 48 anos do Estado Novo eram perdulários, acontece que o aeroporto da Portela de Sacavém continua a receber anualmente sete mil aviões, a descarregar quatro milhões e meio de toneladas de mercadorias e um milhão e meio de quilos de correio. Isto, quando na altura da sua fundação em 1930 o volume previsto não ultrapassava os 2 900 aviões por ano, com a equivalente diminuição nas mercadorias recebidas em idêntico período.

Em números redondos, atingem já seiscentos mil contos as despesas gastas até agora em obras de restauração, facto que se poderia ter evitado se o projecto de Rui Sanches não representasse sobretudo uma artimanha destinada a aumentar consideravelmente o pecúlio do clã caetanista e seus apoios mais proeminentes, de que Samuel Lupi era um caso exemplar.

Pela «expropriação» destes terrenos áridos de Rio Tinto, em que o então ministro das Obras Públicas Rui Sanches planeou substituir bois, por aviões supersónicos, receberam Samuel Lupi e o seu cunhado Miguel Caetano, sobrinho de Marcelo, cem mil contos. Sinal dos trezentos mil que lhes deveriam ser entregues à data do início das obras

O PERIGO DE FECHAR OS OLHOS

Mas, para além da superlotação do aeroporto da Portela, outros problemas igualmente delicados surgem a cada momento. Entre os mais graves conta-se o alargamento meteórico e incontrolável da cidade de Lisboa, que ameaça estrangular o nosso principal aeródromo comercial. O que, em termos de segurança, avoluma em cada dia que passa o espectro de uma tragédia, pois os aviões quase roçam os prédios mais elevados das zonas de Alvalade, Olivais e Encarnação.

Há dias, quando andava numa daquelas rodas giratórias da Feira Popular, tive a sensação de que um «boeing» me ia arrastar pelos ares, tão baixo voava naquele local , foi o desabafo, passe o humano exagero emocional, de uma leitora do «DL», em carta, enviada à nossa Redacção.

Por outro lado, a construção de um bairro semicalndestino num morro paralelo à Avenida do Brasil (vulgo 2.ª circular) veio agravar ainda mais a já de si dramática situação.

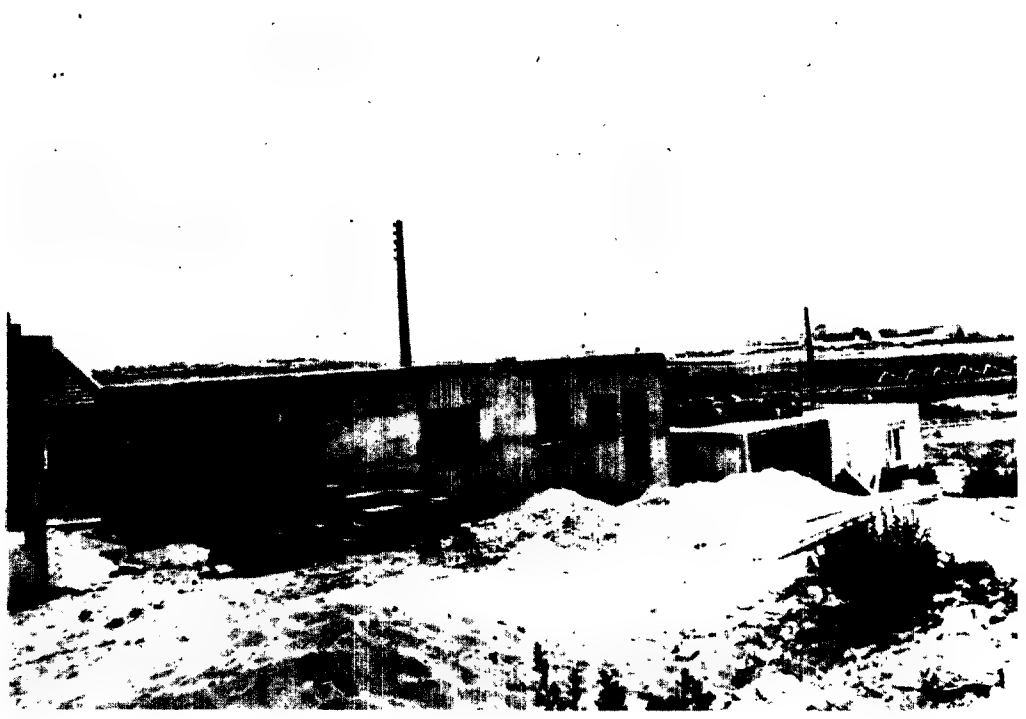
A localização do bairro, mesmo no enfiamento da pista 03, para utilização de aterragens e descolagens, sobretudo nos dias ou noites de nevoeiro cerrado ou em casos de avarias mecânicas, já mereceu um ofício da nossa parte à Câmara, até hoje sem resposta, na sequência de críticas constantes de vários pilotos referiu-nos o director do aeroporto, coronel-aviador Fernando Gouveia.

O bairro, sem esgotos nem electricidade, é constituído por pequenas vivendas, orçadas em cerca de trezentos contos por unidade, e começou a tomar forma há cerca de um ano, após a ocupação do morro por algumas dezenas de pessoas sem habitação, na sua maioria refugiados das ex-colónias.

O fechar de olhos da Câmara, conforme conseguimos apurar, tem-se situado na expectativa de uma rápida mudança (e esta rapidez nunca deverá ser inferior a três ou quatro anos), de uma rápida mudança do aeroporto para outra zona mais ampla e segura, que fontes que reputamos de fidedignas nos garantiram poder estar localizada nas proximidades da Fonte da Telha, onde os peritos julgam estar reunidas as condições ideais para um empreendimento desta natureza, com a vantagem da proximidade em relação a Lisboa. O que, nem de longe, sucedia com as longínquas paragens de Rio Tinto, inventadas por Rui Sanches.

Desdenhando o interesse nacional, como era seu timbre, Marcelo Caetano e seus pares não tiveram escrúpulo em apropriar-se de milhares de contos do erário público e, simultaneamente, verem-se livres de terras, pouco rentáveis: Matando, como soe dizer-se em giria popular, «dois coelhos numa só cajadada».

Assim «legislava» o fascismo. Para que conste e não esqueça aos portugueses de fraca (ou alienada) memória.



Com a construção deste bairro semi-clandestino, situado no enfiamento da sua pista para aterragens e descolagens de emergência, o Aeroporto da Portela viu agravar-se o seu grau de operacionalidade e segurança

Se tudo tem decorrido conforme os planos de Rui Sanches e seus conselheiros mais próximos, dentro de três anos aí estava o nosso principal aeroporto situado a 50 quilómetros de Lisboa. De igual modo, dezasseis milhões de contos teriam saído dos cofres do Estado. Com a natural satisfação dos capitalistas estrangeiros (e seus aliados nacionais).

A título de registo retrospectivo, poderemos referir que, em 25 de Abril de 1974, o financeiro João Rocha já se encontrava na corrida com uma empresa formada para o efeito, denominada Sociedade Construtora do Aeroporto SARL. Outros «tubarões» já tinham acorrido ao chamamento do sobrinho de Marcelo Caetano, tais como a Lisbon Airport Associates Aerial, Cofina, Canadian Internacional Projecto Managers, Novopor, Santos Dumont, Aeroplan e Consórcio Euro-Americano. Projectistas, construtores e financiadores, faziam ainda parte destas organizações, abrangendo firmas de várias nacionalidades, a saber: norte-americanas (33), francesas (8), brasileiras (4), espanholas (4), holandesas (4), suíças), (4), canadianas (3), italianas (3), inglesas (2) e luxemburguesas (2).

A «fachada» estava em marcha. Só que o MFA derrubou as principais estruturas fascistas, e do imenso bolo a distribuir, só Samuel Lupi e o filho de Marcelo, Miguel Caetano, conseguiram colher a tempo cerca de cem mil contos.

O tiro, desta vez, tinha-lhes saído pela culatra...

Estrangeiro

A queda de Tell Al Zaatar, campo de refugiados palestinianos no Líbano, que suportou um terrível cerco por parte das forças cristãs de direita, pode ser o princípio do fim da Resistência Palestiniana no Líbano. Há seis anos, na Jordânia, quando tudo levava a crer que o regime hachemita tinha os seus dias contados e que na Jordânia nasceria uma pátria palestiniana progressista, o rei Hussein tornou-se o carrasco desse povo, expulso da sua terra para que Israel nascesse como Estado judaico. Hoje é no Líbano — praticamente o último reduto dos palestinianos — que a ameaça de extinção parece concretizar-se. A entrada da Síria no conflito veio lançar mais um elemento de perturbação no conturbado mundo árabe. Regime considerado progressista, Damasco interveio em força favorecendo as direitas cristãs contra os interesses não só do povo palestiniano mas do mundo árabe, em geral. A direita libanesa canta vitória por agora. E a esquerda em resposta promete uma guerra total de libertação popular. O futuro breve nos dirá se uma vez mais a vitória pende para o lado errado.

Palestina: a morte sem pátria

O massacre de Tel al-Zaatar

BEIRUTE (IPS) — Caminhar sobre as ruínas do campo de refugiados palestinianos de Tel al-Zaatar fez-me finalmente perceber por que razão choravam os sobreviventes do sector Oriental.

A primeira coisa que me chocou ao aproximar-me do campo foi o fortíssimo «cheiro a morte». Então, quando entrei, pude ver elementos das forças de direita saqueando o pouco que sobra de Tel al-Zaatar. Os saqueadores usam máscaras para despistar o mau odor. Metros adiante descobriam-se os primeiros cadáveres.

Cadáveres, devo dizer, espalhados por todo o lado: na área de entrada, no campo. Uns restos irreconheciveis de mulher eram levantados por um guindaste que os transportava para a vala comum. Sobre os telhados deparava-se com outros despojos humanos. Por exemplo: o que sobrava de uma segunda mulher jazia ao pé do que sobrava do filho (?) com o estômago aberto. Vi também restos de um homem idoso, de uma mulher de idade aproximada, de uma mulher jovem, de crianças.

O Partido Nacional Liberal, cujos dirigentes me acompanharam ao campo, afirmaram-me que aqueles corpos eram de gente assassinada nas últimas 72 horas, durante a ofensiva final das forças reaccionárias. Um guerrilheiro falangista gabava-se de ter abatido 40 pessoas como vingança pela morte de um amigo.

Uma visita a Tel al-Zaatar permite depreender que os corpos das mulheres, das crianças, dos velhos e dos militares são o resultado de um genocidio indiscriminado. Numa pequena zona do campo há um montão de corpos de civis, 20 ou 30, massacrados no mesmo lugar e ao mesmo tempo.

É impossivel calcular quantas pessoas morreram nos últimos dias em Tel al-Zaatar. Aderentes do Partido Liberal disseram-me que o número poderia andar entre os 14 000 e os 22 000, isto no que se refere a cadáveres dispersos, pelo campo.

Perguntei o que tinha acontecido aos refugiados que se haviam escondido nos subterrâneos ou fora do campo.

«Foram capturados. Os libaneses foram entregues aos falangistas. Mulheres e crianças palestinianas foram entregues à Cruz Vermelha e os homens jovens foram fuzilados ali mesmo» — eis a resposta que me deram.

Toda a resistência terminou. Só se vêem falangistas e alguns católicos munidos de salvo-conduto percorrendo o local em busca de televisores, rádios e outros objectos com algum valor. Frequentemente há recontros armados entre os saqueadores.

Entretanto vários palestinianos e libaneses não-cristãos, apanhados na rua em Beirute, foram imediatamente passados pelas armas. Um ou outro teve sorte e logrou fugir para a montanha.

A queda de Tel al-Zaatar é a maior catástrofe que jamais os palestinianos sofreram. Cenas de violência desenrolaram-se em bairros de Beirute, onde palestinianos e libaneses protestavam pela urgência da evacuação do campo. O «arranjo» serviu apenas para os falangistas o atraiçoarem, disparando sobre centenas de refugiados. De acordo com fontes palestinianas o anúncio do acordo fez sair dos abrigos a maioria dos internados em Tel al-Zaatar, sensiveis às palavras ouvidas por altifalantes. Até mesmo os enviados da Liga Árabe e da Cruz Vermelha foram surpreendidos pelo ataque falangista.

O dr. Kholi, da Liga Árabe, relatou o modo como viu o coronel sírio Ali al-Madani e outros dois oficiais dessa nacionalidade dirigindo a operação de exterminio. Interrogado pelo enviado da IPS, o dr. Kholi sublinhou que tinha almoçado com o coronel sírio.

Observadores testemunham que a fronteira sírio-libanesa foi fechada para evitar que notícias do massacre chegassem a Damasco.

JIM MUIR

Mais de três mil civis assassinados em 18 horas

BEIRUTE (IPS) — O que realmente aconteceu em Tel Al Zaatar continua a não se conhecer com suficiente clareza. Pode dizer-se que em menos de 18 horas as forças isolacionistas cristãs mataram um pouco mais de 3000 civis palestinianos indefesos. Muitos outros morreram durante os 52 dias de cerco ao campo de refugiados.

Iniciando o avanço sobre o campo, os falangistas foram chamando a população por meio de altifalantes: um «tratado de paz» tinha sido «assinado» e quem saísse dos abrigos seria transportado para um «lugar especial». Centenas de mulheres, crianças, jovens e velhos sairam realmente dos esconderijos. Foram metralhados sem remissão.

O massacre começou de forma indiscriminada. As tropas cristãs deambulavam pelo campo assassinando e roubando. Inúmeros chefes de família, ou mulheres com filhos, eram lançados ao chão: as metralhadoras acabavam com eles.

«Podem sair» — dizia alguém.

Uma vez fora do campo, os infelizes a quem se garantira a libertação daquele inferno tombavam por sua vez crivados de balas.

Todos os homens entre os 15 e os 50 anos foram mortos imediatamente.

O ORGULHO DE MATAR

Os raros sobreviventes de Tel Al Zaatar foram capturados nas ruas de Beirute e fuzilados. Centenas de cadáveres de mulheres e crianças puderam ser contados nas imediações de Tel Al Zaatar.

Quando os jornalistas e correspondentes estrangeiros chegaram, as tropas falangistas, orgulhosas, contavam que tinham morto no dia anterior pelo menos umas 2000 pessoas.

O que realmente aconteceu em Tel Al Zaatar não foi o primeiro massacre levado a cabo pelas forças isolacionistas cristãs. Nos campos de Dbaye, em Karatina, em Maslakh, nos bairros de Ghawarneh e Albasha as forças reaccionárias cometeram crimes idênticos há seis meses. A diferença está em que durante toda a guerra civil do Líbano nunca se tinha visto um crime tão desproporcionado — e num só dia!

As tropas palestinianas revolucionárias quiseram evitar o massacre, e para tanto firmaram com os falangistas um acordo mediante o qual se faria a evacuação da população civil de Tel Al Zaatar. Mas quando a «solução» foi anunciada aos habitantes, logo os falangistas, como cães selvagens, se lançaram sobre mulheres, crianças e velhos. Os sírios, pelo seu lado, enviaram o coronel Ali Al Madani, com dois adjuntos, supervisar o massacre.

A responsabilidade do sucedido em Tel Al Zaatar deve ser assacada aos homens de Damasco, que tiveram nas suas mãos a possibilidade de impedir a carnificina. Mais de 3000 civis morreram nos três últimos dias do assalto e outros 2000, pelo menos, nos dias precedentes.

A Síria participou nos massacres

BEIRUTE — IPS) — A medida que os repórteres saem do campo de Tel al-Zaatar, vão sendo conhecidas as influências da Síria nos massacres e na queda do campo de refugiados, em toda a sua extensão. Além da participação de um coronel sírio que dirigiu as acções contra Tel al-Zaatar, Ali Al Madani, soube-se da presença de outros observadores ocidentais, inclusive jornalistas, que testemunharam como as infiltrações sírias estavam no próprio campo, auxiliando as tropas de extermínio. O Governo da Síria não apenas deu apoio militar e político ao assédio do campo como também planeou o traiçoeiro ataque final. Agentes sírios, dentro de Tel al-Zaatar, desmoralizavam os defensores e os moradores, incitando-os a renderem-se. Dezenas de sobreviventes do campo de refugiados palestinianos descrevem como esses agentes sírios distribuiam passes dados pela «Falange» para os colaboracionistas. Desta maneira, também foram denunciados os defensores, palestinianos e libaneses, os quais, uma vez ocupado o campo, foram sumariamente executados. Jornalistas estrangeiros, assim como a Imprensa libanesa informaram que a Síria encerrou as suas fronteiras com o Líbano, devido às demonstrações de descontentamento, em várias cidades sírias, pela intervenção. Esse descontetamento alastrou-se até Latakia, onde Hafez Assad agora reside. Informações seguras dizem que existem movimentos sírios junto à fronteira com o Líbano e intensas concentrações em Sofar, Jezzin e Jeida Yabous. Paralelamente, a rádio de Israel anuncia que as autoridades sionistas bloqueiam a rectaguarda das forças nacionalistas do Líbano.

TORM LINES

n/m. «TORM ALIPE» em 21 do corrente

Para:

BARCELONA — ALGER
MALTA e ALEXANDRIA

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES S. A. R. L.
Praça Duque da Terceira, 4 Tel. 36 60 56 / 36 22 66
Lisboa 2 Portugal

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA
DEPART. DE CONFECÇÕES
Av. João XXI, 5-D — R. Infantaria 16, 55-C — LISBOA

DE FÉRIAS COM O Diário de Lisboa

Aceitam-se assinaturas de férias pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 4$00 por exemplar

NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA

Estrangeiro

"GOLPE BAIXO" EM KANSAS CITY

Acusações de suborno contra serviços de Reagan

. KANSAS CITY (MISSOURI), 17 — Um antigo governador do Estaod de Illinois, Richard Ogilvie, alegou ontem, à noite, que a dois partidários do presidente Ford tinham side oferecidos subornos para se transferirem com armas e bagagens para o campo de Ronald Reagan.

A alegação foi imeditamente desmentida por Reagan, que está emepnhado numa renhida luta com Ford para conseguir a nomeação do Partido Republicano, que poderá ser decidida por votação, amanhã.

«É uma falsidade. Penso que cheira muitíssimo mal», observou o antigo governador da Califórnia.

Ogilvie, um partidário de Ford, recusou-se a identificar os dois delegados, aos quais, asseverou, fora oferecido um suborno, há cerca de duas semanas. Acrescentou que comunicara o incidente ao acusador público de Kansas City.

Marie Goodlow, que pertence à delegação do Illinois, afirmou, mais tarde, que um indivíduo que se identificou como partidário de Reagan lhe dera uma boleia num automóvel e lhe oferecera 2 500 dólares para mudar o seu voto.

A alegação de suborno registou-se quando a convenção aplaudia oradores atacando o candidato presidencial democrata Jimmy Carter.

Delegados aclamaram também quando o senador Howard Baker, do Tennessee, mencionou o escândalo Watergate e desafiou o Partido Democrático a enfrentar o que classificou como os esqueletos que tem no seu próprio armário.

O discurso foi editado pela Casa Branca, após colaboradores da campanha de Ford decidirem que o texto original continha demasiadas referências ao caso Watergate.

Ford mostra-se preocupado por o seu perdão ao ex-presidente Nixom por causa do escândalo Watergate poder prejudicar as suas probabilidades eleitorais.

Entretanto o último inquérito a opinião pública Louis Harris, mostra que o candidato democrata a eleição presidencial, Jimmy Carter, ultrapassa largamente o actual presidente Ford. Em caso de elição imediata entre Carter e Ford, o candidato democrata obteria 61 por cento dos votos e Ford, 32 por cento.

Jimmy Carter (à direita) e Walter Mondale: o primeiro e um conservador do Sul, o segundo, um liberal do Norte. Juntos constituem o «ticket» do Partido Democrático dos EUA, que concorrerá às presidenciais

LÍBANO

Tropas sírias ameaçam progressistas na montanha

BEIRUTE, 17 — (FP, / e «DL») — A Síria parece apostada em destruir a Resistência palestiniana e em apoiar as tendências separatistas dos meios mais reaccionários do Líbano.

No seu primeiro noticiário desta manhã, a Rádio Falangista anunciou que as tropas sírias chegaram às imediações de Bhamdun — centro de vilegiatura a vinte quilómetros desta capital. Esta progressão efectua-se a partir de Sofar, ponta avançada ocupada pelas colunas blindadas sírias quando da sua macha sobre a capital em princípios de Junho.

Outra forças sírias, lembra a Rádio Direitista, tomaram na segunda-feira a aldeia de Hammana, a poucos quilómetros de Sofar, ocupando assim a principal via de reabastecimento das forças palestino — progressistas na frente Aintura-Mtein-Sannine (a uns 30 quilómetros da capital).

Se forem confirmadas as informações do avanço sírio, haverá então uma séria ameaca sobre Aley, onde se encontra o Quartel-General do Comando das Forças Palestino-Progressistas operando na região montanhosa.

A «Vox do Líbano» revela que «importantes concentrações» de forças sírias foram observadas nas estradas para Aley. A rádio falangista acrescenta que «reforços de tropas sírias, incluindo unidades de carros de combate e blindados, tinham penetrado no domingo em território libanês pelo posto fronteiriço de Masna» (a 60 quilómetros a Leste de Beirute).

Este avanço sírio — claramente destinado a atingir o QG do comando palestiniano-progressista na montanha — está em conformidade com os planos direitistas ontem denunciados pela emissora progressista. Informava esta que os cristãos encaram a possibilidade de proclamar um Estado Federal libanês, semelhante ao da zona turca de Chipre, antes de 23 de Setembro, data em ue tomará posse o novo presidente, Elias Sarkis.

Segundo a mesma rádio, se falharem as negocições cristãs-progressitas para pôr termo à batalha nas montanhas, a Síria intervirá militarmene a proveito dos cristãos libaneses. A rádio afirma ainda que a Síria se prepara para cortar o apoio logístico das forças progressitas a operar na montanha.

Enquanto isto, notícias não confirmadas oficialmente informam que na passada quinta-feira, soldados sírios atacaram em Damasco instalações da FPLP, matando um funcionário e prendendo todos os outros.

Argentina concede tudo ao capital estrangeiro

BUENOS AIRES, 16 (ANOP, FP, R. «D(»)) O governo militar da Argentina, chefiado pelo general Jorge Rafael Videla, acaba de promulgar uma lei, pela qual os investimentos estrangeiros passam a receber facilidades até então desconhecidas, sob o pretexto que «reduzem o custo social do processo de capitalização do país e aceleram a sua taxa de crescimento». A lei, proposta pelo ministro da Economia, Alfredo Martinez de Hoz, conhecdio pelos seus diversos cargos de direcção em várias multinacionais, e que recentemente visitou diversos paises da Europa para «negociações», anula as disposições anteriormente tomadas, que permitiam a retirada de um máximo de 12,4 por cento dos lucros obtidos sobre o capital registado. Agora, as firmas estrangeiras gozam de total liberdade de venda, compra e exportação de divisas correspondentes aos lucros realizados.

A remessa de lucros e o repatriamento de capital em completa liberdade, que agora as empresas estrangeiras passa a gozar na Argentina, é um dos pontos que fazem prever o agravamento da situaçao deste país em relaçao aos seus pares do Pacto Andino, cuja actuacao já é tao dificultada pelas atitudes assumidas por Augusto Pinochet, do Chile. Enquanto isso a polícia anuncia a morte do chefe militar dos «Montoneros», «Gato, El Negro», na provincia de Córdoba num fim de semana onde foram mortos nove guerrilheiros, segundo informações oficiais, em três operações diferentes. Em Bahia-Blanca terão sido mortos mais três.

Entretanto, sabe-se agora que os dois funcionários da Embaixada de Cuba em Buenos Aires, há dias desaparecidos, Jesus Cesar Arias e Crescêncio Galaniana, «escolheram a liberdade do Ocidente», de acordo com informações dadas pela agência norte-americana Associated Press. Os dois haviam desaparecido quando saíam da residência do embaixador, nos arredores da capital. A «opção» foi revelada através do envio ao director da Associated Press em Buenos Aires, William Nicholson, de duas cartas, com assinaturas ilegíveis, e dos documentos dos desaparecidos. Estranhamente, o director da agência norte-americana recebeu os documentos e a carta pelo correio. Os dois cubanos não solicitaram asilo político às autoridades argentinas, nem há notícias de que eles tenham aparecido em qualquer lado. A ilegibilidade das assinaturas é um indício que corrobora os boatos dos últimos dias, os quais indicam que os funcionários cubanos foram raptados por um comando anticastrista. O resto, é propaganda, tanto mais que seria difícil alguém escolher a «liberdade do Ocidente» logo na Argentina de Videla, onde desde o início do ano já morreram mais de 800 pessoas por razões políticas.

África do Sul: prisões e violência policial

JOANESBURGO, 17 — (R e ANOP) — Um sacerdote, que dirige uma otganização eclesiástica agricana, foi o último negro de destaque a ser preso pela Polícia de Segurança sul-africana, a seguir a dois meses de agitação em localidades africanas.

A Polícia de Segurança confirmou ontem, à noite, em Port Elizabeth que detivera o rev. Mzwandile Magina, de 38 anos, presidente da Associação das Igrejas Africanas Independentes, não fornecendo qualquer razão.

Foi também preso um membro de uma organização de mulheres negras, tendo sido ainda noticiada a prisão de um dirigente estudantil universitário.

Jeanie Noel, dirigente da Federação das Mulheres Negras, foi detida em sua casa, na cidade costeira de Durban, por quatro agentes fardados da Polícia de Segurança — anunciou a sua mãe.

Na Cidade do Cabo, a Polícia prendeu também o dirigente estudantil Pieter Geldenbloem, do Conselho Discente da Universidade do Cabo Ocidental — anunciou a Associação de Imprensa Sul-Africana.

Outro estudante desta Universidade, Russel Bothman, foi dado como desaparecido, julgando-se que tenha sido igualmente dtido pela Polícia de Segurança.

Encontram-se ainda detidos cerca de cinquenta dirigentes negros sul-africanos, na sequência dos distúrbios raciais ocorridos, recentemente, nos segregados subúrbios negros de Joanesburgo e da Cidade do Cabo.

Os detidos incluem Winnie Mandela, esposa do militante negro Nelson Mandela, que cumpre uma pena de prisão perpétua desde 1964, sob a acusação de ter conspirado para derrubar o Governo.

Entretanto, a Polícia sul-africana anunciou ogtem diversos incidentes violentos, envolvendo estudantes mulatos em protesto contra a detenção de colegas seus, bem como outros manifestantes que exprimiam solidariedade com os negros dos subúrbios da Cidade do Cabo.

A Polícia, armada de bastões, fez dispersar um grupo de 700 estudantes que se manifestavam no exterior de um tribunal, no subúrbio branco de Bellville, onde dez estudantes foram acusados de violência pública e fogos postos, em distúrbios ocorridos na semana passada.

No subúrbio mulato de Grassy Park, estudantes mulatos interroperam as suas aulas para manifestarem solidariedade com as localidades de Nyanga, Langa e Guguletu.

A Polícia de choque foi também chamada ao liceu de Alexander Sinton, para mulatos, no subúrbio de Crawford, onde os estudantes se encontravam fora das salas de aula, trocando das autoridades e levantando os punhos.

Entretanto, a frequência às escolas, nos subúrbios da Cidade do Cabo, registou cifras entre 20 e 50 por cento.

Marcha fúnebre em Madrid

"Voltaremos amanhã"

MADRID, 17 (F.P. e R) — Cerca de mil pessoas participaram na noite de ontem no centro de Madrid numa «marcha fúnebre» organizada pela «associação Democrática da Juventude» em memória de Javier Verdejo Lucas, morto na sexta-feira passada em Almeria por um guarda civil.

Os manifestantes, que percorreram as principais artérias do centro da capital espanhola, traziam uma braçadeira preta e desfilaram com o braço levantado, fazendo com os dedos o sinal de vitória. A marcha desenrolou-se sem incidentes e os manifestantes dispersaram, gritando «voltaremos amanhã».

A Agência Europa Press anunciou entrentato que nos últimos dias a polícia procedeu na Andaluzia à detenção de 14 pessoas filiadas no Partido Comunista Espanhol Reconstituído. O PCE Reconstituído é uma formação minoritária, de tendência maoista, que reivindicou os atentados da segunda quinzena de Julho e do começo de Agosto.

Enquanto isto, nos últimos três meses regressaram a Espanha, no âmbito das medidas de amnistia, cerca de 400 exilados bascos. Cerca de 200 encontravam-se no País Basco Francês e os restantes noutras zonas da França e na Bélgica.

Explosão no Ulster

BELFAST, 17 — (R.) — Perderam a vida duas pessoas e mais 17 ficaram feridas, ao explodir ontem, à noite, um automóvel armadilhado num dos piores ataques de guerrilheiros perpetrados na Irlanda do Norte, há várias semanas.

A deflagração, fora de um bar no Sul de Armagh, foi a última escalada de violência durante a semana, em que morreram quatro crianças ao serem apanhadas no meio do fogo de soldados e guerrilheiros.

Greve contra a venda do "France-Soir"

. PARIS, 17 — (R./ «D. L.») — Novo conflito surge na Imprensa francesa. Desta vez são os jornalistas do «France Soir», o vespertino parisiense de grande circulação, que entram em greve, numa tentativa de evitarem que um «grande patrão» se sirva do seu poderio para fins políticos.

A greve foi suscitada pelo facto de a direcção do periódico estar em negociações para vender metade das acções da companhia ao editor do diário «Le Figaro».

Adquirido há um mês por Paul Winkler, o «France Soir» ameaça agora ir cair nas mãos de Paul Hersant, o qual proprietário já de «Le Figaro», ficará assim com um imenso poder susceptivel de ser usado para fins políticos.

Hersant sustenta porém, que usaria os 50 por cento das acções que pretende adquirir do «France Soir» em dificuldades financeiras — para dirigir as suas vendas e administração, deixando os assuntos editoriais a Paul Winkler.

Nos últimos 2 anos, a tiragem do «France Soir» baixou de 1 500 000 exemplares para 600 000, e o pessoal foi informado de que o acordo com «Le Figaro» envolveria impressão conjunta por modernos métodos tecnológicos.

Resta acrescentar que Hersant é conhecido pelas suas opiniões conservadoras, em oposição a muitos jornalistas, favoráveis à esquerda.

Espectáculos

Jornadas de Cultura Popular em Ferreira do Zêzere

O Centro de Cultura e Recreio de Ferreira do Zêzere organiza na Casa do Teatro, de amanhã até 5 de Novembro, as II Jornadas de Cultura Popular, de que constará o seguinte programa:

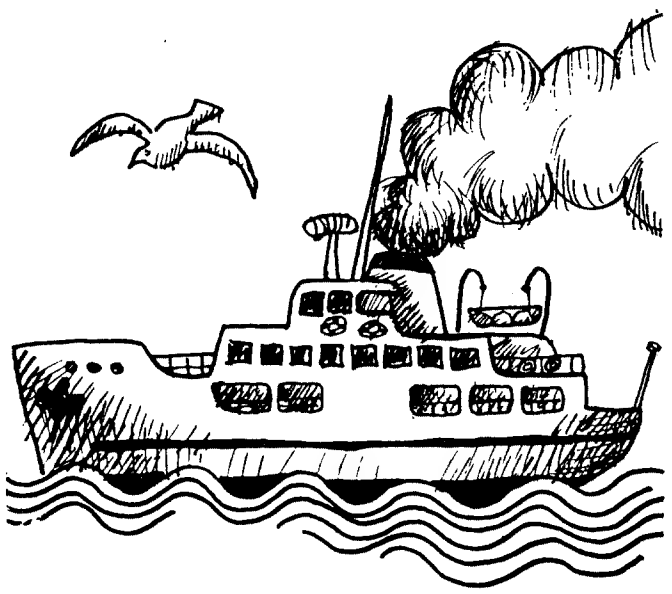
Agosto: Dia 18, às 21.00 horas, cinema, «Deus, Pátria e Autoridade» de Rui Simões; Dia 21, às 21 horas, teatro, «O Dispensário» de Sean O'Casey e «Auto do Curandeiro» de António Aleixo, interpretados pelo Centro de Iniciação Teatral de Abrã; Dia 29, às 21 horas, teatro, sete peças em um acto, interpretado pelo Grupo de Teatro da Frazoeira.

Setembro: Dia 4, às 21 horas, teatro, «As mãos de Abraão Zacut» de Luís Sttau Monteiro (interpretado pela Sociedade Dramática de Carnide); Dia 8, ás 21 horas, cinema (a indicar em programa oportuno); Dia 11, às 21 horas, teatro, «O rei Mirlitão» de Pierre Gamarra (interpretado pelo CITEC de Montemor-o-Velho); Dia 18, às 21 horas, teatro «Anfitrião, Júpiter e Alcemena» de António José da Silva (o judeu) (interpretado pelo TAC-T. Amador Combate, do Cartaxo); Dia 19, às 21 horas, Rancho Folclórico de Pias, na Sociedade Filarmónica Ferreirense; Dia 22, às 21 horas, cinema, (a indicar em programa oportuno); Dia 25, às 21 horas, teatro, «Canto da Hora Presente» de António Cláudio (interpretado pelo GATPA-Grupo Amador de Teatro do Povo de Almeirim; Dia 26, às 21 horas, concerto, Chorus Aurius, de Vila Nova de Ourém.

Outubro: Dia 2, às 21 horas, teatro, «Guilherme Tell tem os olhos tristes» de Alfonso Sastre (interpretado pelo Veto-Teatro Oficina de Santarém); Dia 3, às 21 horas, teatro, «Povoação vende-se» de Andrés Lizagarra (interpretado pelo Proscenium, de Lisboa); Dia 5, às 21 horas, teatro, «Enterrai os mortos» de Irwin Shaw (interpretado pelo Grupo de Teatro do Orfeão de Leiria); Dia 9, a partir das 8 horas no Campo de Futebol do Sport Club Ferreia do Zêzere, desporto infantil, fantoches, pintura, convívio, exposição, ofi. Criança de Santarém; Dia 10, às 16 horas, teatro infantil, «O mundo maravilhoso do mestre André» (interpretado pelo VETO-Teatro Oficina de Santarém); Dia 16, às 21 horas, teatro, «Monserrate» de Emannuel Robles (interpretado pelo Grupo Recreativo Vilaverdense).

Novembro: Dia 5, às 21 horas, concerto, pelo Choral Phidelius de Torres Novas.

Uma cena da peça «As mãos de Abraão Zacut», de Luís de Sttau Monteiro, que fará parte do programa das II Jornadas de Cultura Popular de Ferreira do Zêzere



Cruzeiro a Troia

Dias 25 de Julho
8 e 22 de Agosto
5 e 19 de Setembro

Uma iniciativa do GITUS
levada a efeito
numa das modernas embarcações
dos Caminhos de Ferro Portugueses

Preços adultos 150$00
crianças 70$00
Suplemento para almoço 50$00

Horário estação do Terreiro do Paço
embarque 08.00 horas
desembarque 20.30 horas

bilhetes à venda
nas estações de Lisboa
no GITUS
(telef. 53 98 71-36 25 01-68 11 78)
e no teu Sindicato

Caminhos de Ferro Portugueses

Filme sobre o fascismo proibido na Argentina

O filme italiano de Carlo Lizzani sobre os últimos dias do regime fascista, que devia ser apresentado na Argentina com o título de «Mussolini: Último Acto», foi proibido pela censura.

O jornal «Crónica» de Buenos Aires comentou a medida: «A priori não se pode discutir a decisão, mas pode tecer-se considerações sobre ela, tendo em conta que o filme, se bem que referido a um regime do passado, universalmente condenado, é um documento com actualidade que teve a aprovação de um país amigo como a Itália.»

«TABU» É ESCÂNDALO

O realizador sueco Vilgot Sjoeman, autor de filmes escandalosos nos anos sessenta, (o primeiro foi «Alskarinna»), decidiu escandalizar ainda mais com o seu último filme: «Tabu», que se encontra na fase de montagem e é interpretado por Viveca Lindfors, Gunnar Bjoernstrand, Kjell Bergquist, Licka Sjoeman, Frank Sundstrom e Halvar Bjoerk.

O produtor é o finlandês Jorn Donner.

FILME SOBRE JUDY GARLAND

Com a ideia de fazer um filme de grande espectáculo, o produtor norte-americano Milton Sperling adquiriu os direitos cinematográficos da biografia de Judy Garland, escrita por Gerald Frank.

A intérprete ideal seria Liza Minnelli, filha da desaparecida actriz e do realizador Vincent Minnelli, mas a protagonista de «Cabaret» já disse repetidas vezes que jamais interpretaria a figura de sua mãe fosse no cinema ou no teatro.

ANTHONY PERKINS É NOTÍCIA

O actor norte-americano Anthony Perkins é o autor do argumento de um filme «Policial Musical» cuja laboração está prevista para o fim deste ano.

A obra intitula-se «The Chorus Girl Murder Mistery» (O Mistério do Assassínio da Corista) e será dirigida por Michael Bennett, um dos realizadores teatrais mais cotados da Broadway vencedor de um «Tony» (o óscar teatral) e do Pulitzer deste ano.

REDFORD FILMA AVENTURAS

William Goldman está a preparar a encenação de um filme do género aventureiro «Mr. Horn» para protagonista do qual conta com Robert Redford.

O actor já trabalhou em filmes preparados por Goldman e ele próprio exigiu que fosse Goldman a adaptar ao cinema o livro dos jornalistas do «Washington Post» Carlo Bernstein e Bob Woodward, sobre o escândalo «Watergate», que foi o seu primeiro filme como produtor. Aliás, neste filme «All the President's Men» — Redford também actuou como actor, representando a figura de Woodward.

«SUSPIRIA»

Três actrizes consagradas Jessica Harper, Joan Bennet e Alida Valli — E a jovem Daria Nicolodi, formam o quarteto feminino protagonista do novo filme de Dario Argento «Suspiria».

A interpretação masculina deste novo «Electrizante» está principalmente a cargo de Flavio Bucci e Miguel Bosé.

MORÁVIA DE NOVO NO CINEMA

O «Carnet de Viagem» do escritor italiano Alberto Moravia, relativo à Mongólia, vai ser levado à tela pelo realizador Andrea Andermann. O escritor colaborará estreitamente na realização do filme.

Alberto Morávia esteve na Mongólia no mês de Julho deste ano, quando assistiu em Moscovo ao congresso dos escritores russos. «Os Mongóis», salienta o romancista italiano, «passaram, a partir de 1921, da vida pastoril a um socialismo livre de recordações desagradáveis. A população conta numerosos búlgaros, checos, romenos, alemães orientais, húngaros e russos».

JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

II FESTIVAL DE MÚSICA
DA COSTA DO SOL

Quarta-feira, 18 de Agosto de 1976, às 21.30 horas

PAVILHÃO DE CONGRESSOS — ESTORIL

RECITAL

TANIA ACHOT ☆ PIANO

PROGRAMA:

J. S. BACH — Suite inglêsa em sol menor
SCHUMANN — Humoreske
CHOPIN — Nocturno em fá menor,
três valsas e Balada n.º 4

PREÇO ÚNICO: 30$00

Em ALVALADE-SADO o DIÁRIO DE LISBOA está à venda na PAPELARIA MARIA ADELAIDE

Geral

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

ADORAVEL JULIA, DEPLORAVEL TEMPO

Noite de teatro. Em francês. O que desde logo retira ao serão grande parte do seu interesse. A legendação, num país como o nosso, com parte de analfabetismo que por aí graça (analfabetismo de várias qualidades) é um obstáculo difícil de transpor, particularmente quando, como ontem, as palavras voam à velocidades supersónicas.

Fora isso, acredito plamente que a burguesia francesa ou inglesa delire com aquele género de teatro e de histórias. Coitados, eles têm de se entreter com alguma coisa para não pensarem. E vê-se, pelos aplausos da plateia que são tão felizes quando não pensam, quando admiram aquele «grande» amor do pequeno teatro e o pequeno teatro de tão «grande» amor mor, feito de traições h, coisa sem importância! de rasteiras bem, rasteiras civilizadas le alçapões liás à vista de todos...

Vivemos um momento em Portugal em que a construção de um teatro deste género se apresentaria como um absurdo. O processo de libertação do nosso povo, que tomou clara expressão depois do 25 de Abril, não se desenvolv com estas peças sociais-democratas pra burguês ver. Este género de teatro faz parte da cultura perdão!, da incultura burguesa. Não é para aí que estamos virados.

Claro que vimos trabalhar essa máquina de teatro chamada Madeleine Robinson. Foi a grande vantagem do serão de ontem.

MAS É MESMO?

A cr na Televisão Portuguesa actual na, quem diria! R forma Agrária uma grande conquista da R volução Portuguesa.

Vai daí, a propósito da Reforma Agrária, que faz o Telejornal? Com a maior das naturalidades, vai ouvir o Sindicato Agrícola de Santarém e...a CAP.

Para quê, meus senhores? Para quê colocar lado a lado os representantes dos trabalhadores e os representantes dos agrários? Para quê pôr no mesmo pé esses de quem depende o futuro de Portugal e esses de quem depende a desgraça de Portugal?

. Em resumo, para quê, meus senhores, pôr a falar sobre a R forma Agrária quem é inimigo jurado da R forma Agrária?

. Para quê semear a confusão? Acham que é assim, com a *legalização* elevisual lo Casqueiro, que se defende a R forma Agrária?

. Mas é mesmo a R forma Agrária que o *Telejornal* pretende defender? um...

AS VOLTAS QUE A VOLTA DÁ

Começou a volta a Portugal em bicicleta. Diga-se que a Televisão lhe tem dado umar duzida, uma ínfima cobertura: o depoimento, há dias, de um responsável pouco mais.

Alves Barbosa, antes da reportagem filmada da primeira etapa, falou-nos da controvérsia gerada à volta da Volta. Com todos os seus defeitos, lembrou-nos aquilo que no fundamental dá carácter a esta Volta: o seu carácter de amadorismo, a supressão da mentira do antigo «profissionalismo». Do desenvolvimento do ciclismo amador, da sua prática generalizada, sairão os atletas capazes de passar a dura prova que é a Volta a Portugal.

Joaquim Andrade, homem muito rodado nestas andanças, dedicou a vitória na primeira tapa aos seus patrões da *Sofina* considerou que esta volta perigosa para muitos ciclistas pois alguns *mal sabem andar de bicicleta.*

Pode ter razão. Todos os cuidados são poucos. A quipa de médicos estará vigilante para verificar quando a continuação na prova se torna prejudicial para o concorrente. No ntanto, recordo-me qu o célebr *Faísca* também era acusado disso mesmo: de nem sequer saber andar de bicicleta e ganhou a volta...

E verdade: o secretário da Juventude Joaquim de Sousa, não assistiu à primeira pedalada, nem vestiu ao corredor a camisola do *Totobola*. Que pena, desperdiçar assim mais uma oportunidade de promoção pessoal através da Televisão...

DUAS NOTAS DE DOMINGO

I

Os professores Mário Silva e José Urbano vieram falar-nos do Museu Pombalino.

Os museus, como se sabe, são poderosos meios de cultura. Assim se ame a cultura, assim se facilita a criação e aproveitamento desses meios; assim se tema a acultura, assim se despreza e se fecha e se abandalha o museu.

O ódio do fascismo à cultura fazia parte da sua natureza. No que suspeita aos museus os exeplos podem multiplicar-se. O prof. Mário Silva trouxe-nos ontem mais um testemunho ao referir-se ao doloroso calvário do Museu Pombalino.

Que felizmente está prestes a acabar, depois do imenso trabalho da sua reorganização. O levantamento do Museu, o seu acordar dentre as cinzas foram-nos comunicados pelo prof. Mário Silva.

Ah, como sabe bem assistir a estas vinganças sobre as trevas...

II

Anunciaram as agências com pé na catástrofe da cidade italiana, que certos países pensavam instalar as indústrias perigosas e altamente poluentes no estrangeiro.

Em Portugal, por exemplo.

Pelo que o **Telejornal** quis saber que droga era essa, e foi ao Ministério da Indústria, mais exactamente à Direcção-Geral da Qualidade e Segurança, onde entevistou o eng.º António S. Gonçalves. Então como é? Pode impedir-se essa história?

? Que sim. Que se pode. Para se instalar a indústria necessita-se de uma autorização. Mas«... se **olharmos para trás, verificamos que não tem havido força para impedir essa implantação.**»

O caso já vem muito de longe. Desde 1953, até antes mesmo, instalaram-se em Portugal umas sete fábricas de pasta de papel e aglomerados de fibras de madeira.

O eng. António S. Gonçalves esclareceu que depois do 25 de Abril se criaram condiçoes para mais fortemente fiscalizar e intervir.

Ora ainda bem. Que todos os mecanismos se movimentem no sentido de impedir que a qualidade de vida dos países ocidentais melhore à custa do nosso. Estás a ouvir, governo P. Só?

«Amiguinhos» mas nao tanto...

DISCOS NOVOS

Jesse Green e os Abba à cabeça na Europa

. O disco «Nice and Slow», de Jesse Green, está neste momento em segundo lugar em dois «hit-parades» europeus destacando-se, assim, entre todos os discos actualmente mais vendidos na Europa Ocidental. «Nic and Slow» é segundo na Bélgica, atrás de «Show Me the Way», de P ter Frampton, e na olanda, depois de «Kiss and Say Goodbye» pelos Manhattans.

Na Itália, o disco mais vendido durante a semana passada foi «Fernando», pelos Aba, enquanto nas discotecas de Madrid se vendeu preferentemente «Fly Robin Fly», dos Silver Convention, logo seguido por um produto em lingua castelhana, «Me Gusta Amar», de Tina Charles. «Fernando» também aparece na lista dos melhores em Espanha ainda que no décimo posto.

Outros tops: «Patrick Mon Cheri», por Sheila, em França, «Ein Bett im Kornfeld», de Jurgen Drews, na Alemanha Federal.

Movimento Alfa

«O movimento «Alfa» está e estará sempre disposto a colaborar com as Forças Armadas e pensa que a colaboração das Forças Armadas, com a estrutura organizativa que tem montada em todo o País, será indispensável para a prossecução de um plano nacional de alfabetização» ublinharam os elementos da coordenadora. Aliás o movimento teve um contacto com a Região Militar do Sul que pôs à sua disposição tendas e material de campanha.

«O movimento nunca se referiu às Forças Armadas nem a qualquer militar em particular» . centuaram.

Estudantes das três universidades do País, organizados pelo movimento «Alfa», levam a cabo no Sul, Centro e Norte do País uma actividade alfabetizadora de animação cultural e desportiva e de intervenção médico-sanitária.

. No Alentejo, por exemplo, além do trabalho de alfabetização tem havido um trabalho de apoio a clubes desportivos e implantação de novjs estruturas e surgiram já crupos de teatro em cooperativas agrícolas, que irão representar peças relacionadas com a sua participação na Reforma Agrária.

Foi salientado na conferência de Imprensa o interesse de pessoas já alfabetizadas da região em tirarem cursos de alfabetização para podersm prosseguir este trabalho, no campo da intervenção médico-sanitária apontam-se como aspectos fundamentais a educação materno-infantil, higiene alimentar, planeamento familiar, primeiros socorros, criação e funcionamento de creches e combate a doenças infecto-contagiosas.

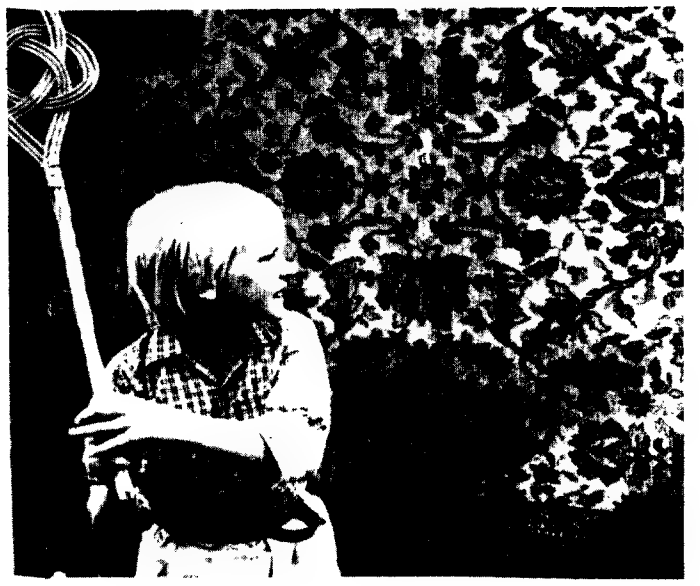
Suvlinhando que têm recebido de comissões de moradores e trabalhadores o pedido para trabalharem em bairros e empresas, a coordenadora do movimento «Alfa» acentuou que «A acção prática e a adesão popular são a melhor resposta aos seus detractores».

Brecht continua no Teatro Aberto

A peça de Brecht «O círculo de giz caucasiano» continua em cena no Teatro Aberto do «Grupo 4», na Praça de Espanha, todos os dias excepto às segundas-feiras.

Viram já o espectáculo os trabalhadores da Caixa Geral de Depósitos, da Cooperativa Nacional de Navegação, do Cénico Caldense, da Standard Eléctrica, da CUF-Barreiro, da Cooperativa Agro-Pecuária de Divor, da Cooperativa «Seis de Agosto» de Arraiolos, e a Comissão de Moradores e trabalhadores rurais de Alpiarça.

Hoje



«A Pedra Branca»

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **«A Ilha do Tesouro»**
19.25 **«A Pedra Branca»** — série filmada, com Júlia Hede e Hasseltorpe. Realização de Geran Graffman.
19.55 **Ver** — arte comprometida é liberdade — um programa produzido e realizado por José Elyseu.
20.20 **Uma História para o João Pestana** — «A Cabra Cabrês»
20.30 **Telejornal** — 1.ª edição
21.05 **«O Grande Amor de Balzac»** — «A Condessa» com Pierre Meyrand (Honoré de Balzac) e Beata Tyezkiewicz (Mme Hanska). Realização de Guy Perol.
22.10 **Terça à Noite** — como vai a emigração e o que mudou no Conselho da Revolução. Um programa de Joaquim Letria.
23.00 **Telejornal** — 2.ª edição — inclui um resumo da etapa do dia da Volta a Portugal em Bicicleta
23.15 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **«Wickie, o Vicking»** — desenhos animados.
20.25 **«Os Goodies»** — um programa da BBC.
20.55 **Passatempo** — magazine quinzenal.
21.50 **Telejornal**
22.25 **Trio op. 110, n.º 3, de Schumann** — interpretação de José Luis Delerue (violino), Isabel Delerue (violoncelo) e Teresa Xavier (piano). Programa gravado no Museu Romântico do Porto.
22.55 Fecho

Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **19.00**: Abertura e «Volta ao Mundo em 80 Dias» — Zoogmatismo — um programa da Arca-Filmes; **20.00**: Educação Permanente; **20.30**: Telejornal — 1.ª edição; **21.05**: «O Homem das 7 Vidas» («The Secret Life of Walter Mitty») — com Virgínia Mayo, as Goldwin Girls, Boris Karloff e Danny Kaye; **23.00**: Telejornal — 2.ª edição; **23.30**: Fecho.

II PROGRAMA

. . . . **20.00**: Abertura e «Roman Holidays» — desenhos animados; **20.25**: Programa dedicado a Sofia de Mello Breyner; **20.55**: «Sweeney» — série filmada com John Tahwno episódio «Condutor para um Golpe»; **21.45**: Telejornal; **22.15**: Sabe Como se Faz Chá? — programa realizado e apresentado por Ruy Ferrão; **23.10**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Pandemónio a cinquenta e tal à hora

Neves de Sousa nosso enviado especial

Pois é, amigos leitores: só visto. Em Vila Moura aconteceu de tudo e mais um pouquinho. Simplesmente, não houve um acidente de grandes proporções porque Deus estava com a mão a segurar os ciclistas e acompanhantes, porque não fora isso e teríamos agora a lamentar qualquer caso de muita gravidade, tal foi o pandemónio que presidiu à feitura da prova, desde o momento em que nela puderam entrar incipientes pedaladores e, mais incipientes ainda, directores, «técnicos», e aqueles que (por vezes) até conduzem carros sem estarem habilitados para tanto.

Contemos primeiro como foram as coisas: Venceslau e Marco Chagas com as camisolas de campeões nacionais. É a volta a partir um minuto atrasada. Logo, porque o corredor indicado para largar em primeiro lugar, um senhor chamado 108. É que nunca a graça teve mais piada, o 108 não apareceu nem se chegou a saber sequer a quem pertencia. Portanto, o corredor das 16 largou às 16 e tal. Aliás, a volta que devia começar às 16, começou às 16 e tal. Ligeiramente atrasada. Deus queira que não se vá assim arrasando até terminar na etapa Vila Franca de Xira-Lisboa.

Pedro Rodigues com muitos nervos: O dr. Barreiros Magalhães à sua volta. Ficámos então a saber que o ciclista sofre de crises nervosas porque abusa (não lhe chamarei propriamente barbitúricos) dos intoxicantes para dormir mais facilmente. Daí que ele tenha alinhado sob rigorosa vigilância médica, e seja um dos corredores sobre quem os olhos do dr. Barreiros de Magalhães estão mais atinadamente poisados.

Aliás, uma boa dúzia e meia de franganotes com mais facilidade para usarem coeiros do que para andarem nesta coisa da pedalada, arrisca por aqui a integridade física e não será estultícia prever-se que amanhã, o mais tardar na abalada para a Sertã, 40 a 45 destes rapazes já tenham tomado o rumo de casa ou estejam irremediavelmente perdidos, com grandes atrasos, na tabela da classificação geral.

Faltaram várias coisas à jornada inicial desta Volta a Portugal: não houve o desfile das equipas, como o colorido e a garridez dos seus fatos, a graça de se apresentar um por um os ciclistas ao público que enchia por completo o circuito de Vila Moura (que eram muitos milhares de pessoas), não houve sequer a lembrança de alguém dedicar um minuto de silêncio à morte de um camarada de pedalada, chamado João Curto, que morreu inteiro no seu lugar de trabalho.

Houve uma série de incidentes, qual deles o mais hilariante, ou não fosse, afinal, ser muito chocante uma grande parte, um grande lapso, um incomensurável número de factos ocorridos a provocarem também o ar de sensação que já se previa. Isto é: a quantidade de pessoas que anda nesta Volta jamais percebeu alguma coisa de (e do) ciclismo, que não fosse, muito certamente lá nas suas terras, ver passar o homem do correio com a mala às costas.

IMAGENS INSÓLITAS

Largou um rapaz chamado António Machado, do Porto, e já ele ia uns quilómetros para diante do percurso quando o carro de apoio do F. C. Porto arrancou na sua peugada. Sucede ainda que como Armindo Lúcio, da Costa do Sol aconteceu o primeiro percalço mecânico, logo aos 20 metros. Imagine agora o leitor que o rapaz do Porto que abriu a Volta tem um minuto de fraqueza ou qualquer avaria mecânica e necessitava de apoio técnico? Ele escasseava-lhe de imediato: o seu carro andava a planar por entre a multidão. Os ciclistas continuavam a caminhar, ou na bicicleta ou fora dela, no sentido inverso da corrida atrapalhando os colegas que iam largando com 1 minuto de intervalo para devorar os 8 km do circuito algarvio. Inacreditavelmente, e apesar dos protestos do júri da corrida, nenhum director técnico teve a coragem de chegar junto dos seus rapazes e recomendar-lhes uma vez ao menos (e de princípio), o respeito pela integridade dos concorrentes, de todos quantos andam na mesma labuta, ou pelo menos no respeito pelos seus emblemas. Isso nunca aconteceu.

E fartámo-nos de ver, por exemplo, coisas que nos deixaram muito para pensar: João Vieira (da Madeira) com o braço direito em ferida, a alinhar assim mesmo, com um sujeito a dar-lhe palmadinhas nas costas e a dizer-lhe: «isto não é nada, amanhã estás melhor»; Manuel de Oliveira (do Pinheiro de Loures) insolitamente a despejar água nos sapatos porque (dizia ele) «assim eu corro mais depressa»; e no meio deste regabofe de uns que não sabiam o que fazer e de outros que são autodidactas, viam-se entregar as licenças dos ciclistas mesmo à hora da partida por quem estava ali mais à mão, ou, noutros casos, abalarem os corredores sem a situação devidamente regulamentada.

Na verdade, um pandemónio a toda a prova. A certa altura, no meio daquela bagunça toda, um dos carros de apoio da Costa do Sol raspou pelas costas do juiz da partida sem dizer água vai e um moço de Pinheiro de Loures (Fernando Fernandes de seu nome) perderia um minuto antes de começar a correr: estava cá atrás e o trânsito, a aglomeração de povo e a quantidade de pessoas que discutiam ou enchiam pneus, barafustavam ou continuavam a mandar vir, impediram o pobre moço de chegar à linha de partida na ocasião. Ele faria uma boa corrida, mas ninguém remediaria o prejuízo de 1 minuto perdido antes de largar para a louca aventura.

José de Sousa Santos (do União de Coimbra) abalou sem levar peúgos o que, como se sabe, é antiregulamentar; Abilardo Lopes («lutei em Angola» dizia uma tatuagem do braço direito) a discutir com o seu técnico sobre a melhor maneira de engrenar as mudanças; António Fenandes (do Sangalhos) a apanhar António Ferreira (da Coelima) ainda antes de

Com mais 18 segundos que Andrade, José Amaro não deixou de ser a grande revelação do «crono» de Vilamoura e, sem dúvida, um dos amadores que aspiram ao triunfo final

percorrer metade do percurso, Carlos Cabral (da Madeira) com os pés grandes demais para entrar no pedal e, portanto, a fazer toda a força na ponta dos dedos, sem ninguém que lhe recomendasse que assim não valia a pena qualquer esforço; Fernando Fernandes, o tal moço do Pinheiro de Loures de quem falei há pouco, e Manuel de Almeida, um rapaz atrevidote (da Parede) foram os primeiros a chegar juntos. Isto quer dizer que o minuto perdido por Fernando Fernandes equivaleu exactamente ao período em que Manuel de Almeida esteve a preparar-se para a sua largada. Assim partiram, assim chegaram.

BENFICA COM NÚMEROS FALSOS

Belmiro Silva, portista jovem, é o primeiro homem com avaria nas mudanças logo à partida. E, entretanto, chega o tempo mais desejado: Firmino Bernardino, agora benfiquista, cobriá os 8 km em 11 minutos e 48 mas, passado algum tempo, «frissom» no meio do público. É que um rapaz de Paredes, chamado Manuel de Almeida, completara os 8 km em 10 minutos e 47 e só Belmiro Silva(o tal moço do Porto que teve avaria nas mudanças) faria melhor que ele durante um largo período (chegada-partida ciclistas): 10 minutos e 5.

Para que o leitor faça aqui uma pequena pausa em números, dizemos que foi confrangedor ver ciclistas (o camisola verde sem qualquer indicação do clube que lhe pertença: União de Coimbra) abalaram sozinhos sem alguém que lhes desse uma palavra de conforto, porque o seu apoio estava cá atrás entregue a outros ciclistas mais credenciados. Aconteceu ainda que neste período de «ninguém se entende e toda a gente manda», os ciclistas do Benfica resolveram aparecer com outros números diferentes daqueles que lhes foram atribuídos pela Organização e que terão de estar afixados nos dorsais. A explicação veio pouco depois, reduzindo a quase nada essa «Cowboyada» que alarmou o pagode: é que o director benfiquista esquecera-se dos números em casa, e só hoje poderá rectificar o erro cometido ontem, mas era preciso que o Benfica partisse e ele partiu mesmo com os números trocados.

Manuel Gomes é outro dos homens que, com a maior facilade apanhou um contrário: o madeirense António Reis que é um dos que veio para aqui apenas para cheirar o ar do Algarve. E mais um homem a bater o tempo anterior: o antigo sangalhense Joaquim Sousa Santos, rapaz que está a um passo do curso de medicina e representa o União de Coimbra, voava sobre a máquina e fazia 9 minutos e 52 segundos do percurso irregular e muito sinuoso que marcava este circuito de Vila Moura, porta de abertura e primeiro contacto entre ciclista e o povo que adora o ciclismo.

Achámos curioso que um clube chamado S. Jorge representasse, afinal, uma firma de construções civis de Pevidém (Guimarães). Explicou-nos o seu director técnico: Pois é, eu não percebo muito de ciclismo, mas gosto muito de ver a Volta. Achei que era altura de todos aqueles que gostam deste espectáculo colaborarem um pouco. Assim, nós viemos com uma equipa. Comece a entender, leitor: o que animou muitos destes D. Quixotes da bicicleta a arrancarem dos pátrios lares e virem por aí abaixo até ao Algarve cheirar o que é uma Volta.

FEBRAS DE PORCO NÃO EMBEBEDAM

Manuel Tiago como director técnico e, afinal, como o grande homem de uma colectividade que se apresentou a criar o primeiro grande impacto no público. É que, enquadrado como conselheiro técnico apareceu Manuel Graça, secundado pelo mecânico Araújo, que como toda a gente sabe é uma sumidade na matéria,e, além de servir o Sporting anos a fio, foi também o mecânico da Selecção Nacional em todas as suas abaladas para o estrangeiro: Manuel Tiago explicava-nos isto do seguinte modo: O Pinheiro de Loures vive do

Continua na pág. 17

TOTOBOLA

CLASSIFICAÇÃO GERAL INDIVIDUAL

		M.S.
1.º	Joaq. Andrade (Safina)	9 32
2.º	José Amaro (P. Loures)	9 50
3.º	V. Fernandes (Sang.)...	9 52
4.º	S. Santos (U. Coimb)...	m. t.
5.º	Alfredo Gouveia (C. Sol)	9 54
6.º	José Madeira (Tavira)...	9 57
7.º	J. Carvalho (C. Sol) ...	10 03
8.º	Belmiro Silva (F. C. P.)	10 05
9.º	C. Santos (P. Loures)...	m. t.
10.º	José S. Santos (U. Coim)	10 10
11.º	Manuel Durão (Sang.)...	10 12
12.º	Manuel Pereira (Benf.)..	m. t.
13.º	José Sá (Coelima)	10 13
14.º	João Sampaio (Coelima)	10 14
15.º	Américo Silva (Maniq.)	10 16
16.º	José L. Pacheco (Alfen.)	10 17
17.º	António Valente (Lousa)	10 18
18.º	F. Henriques (Safina)...	m. t.
19.º	Manuel Sliva (F. C. P.)	10 19
20.º	Marco Chagas (C. Sol)	10 20
21.º	C. Raimundo (P. Loures)	10 21
22.º	Manuel Rêgo (Coelima)	m. t.
23.º	João Marta (Lousa) ...	m. t.
24.º	M. Marques (Coelima)..	10 22
25.º	A. Barradas (Almod.)..	m. t.
26.º	António Alves (Fafe)...	10 25
27.º	João Costa (P. Loures)	m. t.
28.º	A. Cardoso (S. Jorge)...	10 26
29.º	Joaquim Cruz (Lousa)...	m. t.
30.º	Luís Gregório (Sang.)...	10 27
31.º	Manuel Gomes (Safina)	m. t.
32.º	Luís Teixeira (Coelima)	m. t.
33.º	João Duarte (Maniq.)...	m. t.
34.º	Abilardo Lopes (Maniq.)	10 28
35.º	Alexandre Ruas (C. Sol)	10 28
36.º	Luís Gomes (Benf.) ...	10 30
37.º	Orl. Alexandre (Maniq.)	m. t.
38.º	Floriano Mendes (Sang.)	m. t.
39.º	Joaquim Leite (Coimb.)	10 32
40.º	António Beirão (Loul.)	m. t.
41.º	Fernando Viera (Benf.)	m. t.
42.º	Ant. Marçalo (C. Sol)	10 38
43.º	Abel Coelho (Lousa) ..	10 39
44.º	Manuel Cardoso (Pared.)	m. t.
45.º	G. Rocha (F. C. P.). ...	m. t.
46.º	António Brás (Benfica)	10 40
47.º	H. Oliveira (U. Coimb.)	10 41
48.º	João Silva (Almod.)....	10 45
49.º	Joaquim Lino (Coimb.)..	m. t.
50.º	Fernando Costa (Pared.)	m. t.
51.º	Manuel Almeida (Pared.)	10 47
52.º	F. Bernardino (Benf.)...	10 48
53.º	Armindo Pereira (Benf.)	m. t.
54.º	Rui Azevedo (Sang.) ..	m. t.
55.º	M. Caetanita (Almod.)	10 49
56.º	Joaquim Maria (Alfen.)	10 51
57.º	José Pedro (P. Loures)	10 55
58.º	H. Silva (U. Coimb.)...	m. t.
59.º	Manuel Costa (F. C. P.)	10 58
60.º	Joaquim Pinto (Coimb.)	10 59
61.º	J. Martins (Coimb.).....	11 00
62.º	M. Carvalho (F. C. P.)	11 01
63.º	Carlos Cabral (Madeira)	11 03
64.º	Ant. Fernandes (Sang.)..	m. t.
65.º	Mário Pereira (S. Jorge)	m. t.
66.º	Adelino Teixeira (Lousa)	11 10
67.º	Manuel Martins (Fafe)..	m. t.
68.º	Manuel Mendes (Alfen.)	11 11
69.º	João Barros (Madeira)...	11 12
70.º	M. Nascimento (Loulet.)	m. t.
71.º	José Santos (Coimb.) ...	m. t.
72.º	Ant. Ferreira (Pared.)...	11 13
73.º	Vítor Rocha (Lousa) ...	11 14
74.º	José Andrade (Madeira)	11 16
75.º	António Faia (S. Jorge)	11 17
76.º	Eusébio Pereira (Loulet.)	11 19
77.º	C. Machado (Madeira)..	11 20
78.º	Pedro Rodrigues (Lousa)	m. t.
79.º	António Castro (Pared.)	11 20
80.º	Franc. Revés (Almod.)	m. t.
81.º	Carlos Pereira (Facar)..	11 25
82.º	S. Mendes (Loulet.) ...	11 26
83.º	M. Claudino (Maniq.)...	11 27
84.º	J. Lima (U. Coimb.)...	m. t.
85.º	José Afonso (Loulet.)...	11 29
86.º	M. Oliveira (P. Loures)	m. t.
87.º	António Reis (Madeira)	11 31
88.º	Vasco Monteiro (Benf.)	11 33
89.º	Ant. Machado (F. C. P.)	11 35
90.º	Armindo Lúcio (C. Sol)	11 36
91.º	Fern. Silva (F. C. P.)...	11 42
92.º	Raul Silva (Coimbrões)	11 45
93.º	Fern. Fernandes (Sang.)	m. t.
94.º	Ant. Oliveira (Manique)	11 46
95.º	Júlio Lopes (C. do Sol)	11 51
96.º	Alf. Queirós (Coimb.)	m. t.
97.º	José Bispo (Sangalhos)	11 55
98.º	João Sena (Manique)	11 56
99.º	Dom. Barbosa (Coelima)	11 59
100.º	Ant. Ferreira (Coelima)	12 03
101.º	M. Magalhães (Par.)	12 25
102.º	Luís Santos (Madeira)	12 34
103.º	João Vieira (Madeira)	12 35
104.º	José Monteiro (Fafe)	12 39

A média do vencedor foi de 50,349 Km/h.

O controlo encerrou com o tempo de 12,46.

CLASSIFICAÇÃO POR EQUIPAS

		M. S.
1.ª	Pinheiro de Loures ...	30 16
2.ª	Costa do Sol	30 17
3.ª	Safina	m. t.
4.ª	Sangalhos	30 31
5.ª	União de Coimbra..	30 43
6.ª	Coelima	30 48
7.ª	F. C. Porto	31 03
8.ª	Lousa	31 05
9.ª	Manique	31 11
10.ª	Benfica	31 14
11.ª	Almodôvar	31 56
12.ª	Paredes	32 11
13.ª	Coimbrões	32 16
14.ª	Alfenense	32 19
15.ª	S. Jorge	32 46
16.ª	Louletano	33 03
17.ª	Madeira	39 31
18.ª	Fafe	34 14

TOTOBOLA Para ganhar... tem que apostar!

Reportagem DL está na VOLTA com FIAT

FAÇA VOCÊ MESMO COM Black & Decker

pitralon 2000 O after shave do homem moderno

beba clok cerveja beba clok cerveja beba clok cerveja

Desporto

Continuação da pág. 16

ciclismo e para o ciclismo. Fizemos algumas festas que nos renderam meia dúzia de tostões, e com o dinheiro que conseguimos reunir em rifas e no assar de um porco que vendemos em febrazinhas, conseguimos reunir dinheiro para vir de cabeça levantada, sem dever nada a ninguém. É assim que pensamos acabar a Volta, se possível com alguém colocado num bom lugar. (Mal sabia Manuel Tiago que, ao cair da tardinha um dos seus pupilos (José Amaro estaria colado à sola do primeiro líder desta Volta a Portugal em Bicicleta).

A certa altura veio a notícia de lá do meio: um dos carros de apoio do Benfica, chocara com uma viatura particular. Soma e segue. O pandemónio era indiscritível. Para não ficar por aqui, acontece que Orlando Alexandre (do Manique) corria com calções que tinha a palavra Benfica bem escarrapachada. Acontece também que há uma discussão, acesa, porque o carro do Paredes estorvava um ciclista do Porto, e os «técnicos» de um e outro emblema, por mais um pouco, chegavam a vias de facto. Acontece, ainda, que quando largou, Joaquim Andrade estava para se preparar um tremendo embróglio: é que o homem que já venceu a camisola amarela, largando 1 minuto depois do madeirense José Paulino Andrade, logo apanhou o rapaz da Camacha, ao fim de 1 quilómetro, um quilómetro e meio se tanto. E daí a pouco, em alto berreiro, o técnico António Simões, da Selecção da Madeira, chegaria junto do Júri e, apostrofando todos quantos o cercavam, diria mais ou menos textualmente: Isto é uma fantochada. Boicotaram o meu corredor mais credenciado e o Joaquim Andrade foi rebocado, durante 2 quilómetros, por um motociclista (P-515) da Brigada da G.N.R.. Vou apresentar c meu protesto e se não for atendido largaremos hoje mesmo para o Funchal.

Houve um pequeno mar encapelado. E depois, quando Joaquim Andrade regressava, já José Amaro andava pelo meio do troço. Andrade diria: Mal sabem andar de bicicleta e logo se comparam com as pessoas crescidas...» Acompanhei, então, a corrida do homem que é o n.º1 do Pinheiro de Loures: o antigo sportinguista José Amaro, rapaz sereno e calmo que veio à Volta para fazer coisa a sério.

Senhor de uma já vasta experiência profissional, com o amador e depois como profissional autêntico, teve no carro contínuos gritos de incitamento do dirigente Manuel Tiago e do mecânico José Araújo. O repórter estava lá no meio daquela torrente de palavras que iam de encontro ao ciclista (que mal as podia ouvir), todo dobrado em arco sobre o selim, entre muitos milhares de pessoas que o aplaudiam vibrantemente, ficou a reter uma imagem apenas: uma luta, um sacrifício, uma triologia a convergir para um ideal. Mas será isto desporto?

Soube depois que a camisola amarela pertencia a Andrade. Que Amaro ficara a 18 segundos. E depois que todos os homens que o seguiam nos primeiros lugares, esteshommens, credenciados, eram também figuras que todos jáconhecemos, desde, Joaquim de Sousa Santos até ao Jose Madeira, agora regressado ao seu Tavira.

O BAILE DA VOLTA METE GALIFÕES

Quer dizer: as vedetas acautelaram-se logo à partida, os franganotes ficaram pelo caminho, logo ao primeiro tiro. E Andrade, rodeado por muita gente e à espera que Jorge Lara lhe vestisse a camisola amarela, virou-se para os representantes dos orgãos de Comunicação Social e desabafou: «Olhem: eu corri durante um quilómetro com o pé direito desapertado. Depois, quase tive de parar para consertar a correia. Tudo me podia acontecer. Agora, com dois colegas, vamos a ver o que pode ser».

Agora, Andrade, escorrendo suor, é um homem feliz:

É verdade que os rapazinhos da Madeira quiseram embirrar comigo, mas não sei o que eles pretendem com isto. Já lá corri e sei que apareci por lá em Dezembro com um grupo de colegas que também estavam destreinados (o Mendes, o Martins, uma data deles) e, num célebre 31 de Dezembro, os madeirenses ficaram a assobiar-nos nas botas. Se isto é a Selecção da Madeira muito mal está o ciclismo de uma terra que quer implantar-se logo aos primeiros contactos. É preciso que a Madeira apareça, mas só depois de os seus filhos do ciclismo saberem, pelo menos, equilibrar-se nas bicilcletas.

«Eu não tenho valor para ganhar um contra-relógio? É conveniente dizeram a esse senhor chamado Simões, que manda nos rapazinhos da Madeira, que eu já muitas vezes participei na Volta e ganhei contra-relógios em que estavam o Agostinho, o Mendes e o Martins, e outros que eram grandes especialistas.»

Eu o que sei é que para fazer ciclismo é preciso muito entusiasmo: mas não convém derrotar aqueles que já chegaram primeiro, que sabem melhor como isto se faz. Faltam alguns valores, mas é igual o entusiasmo, embora andem aqui 30 ou 40 rapazes sem a mínima condição para fazerem qualquer Volta. Daqui a 3 ou 4 dias, metade deles já foram para casa, e oxalá isso não esmoreça o entusiasmo de muitas colectividades que para o ano devem aparecer também, mas mais treinadas e com valores mais aptos para poder competir.

Quanto a este percurso escolhido aqui, em Vila Moura, para o prólogo, devo dizer que quem dera haver na Volta à França um percurso inicial com esta beleza.

E Andrade conclui, abraçado por muita gente: «Vamos a ver se eu, o Gomes e o outro rapazinho conseguimos que um clube que nunca ninguém tinha ouvido falar nas altas rodas do ciclismo, inscreve pela primeira vez o seu nome com alguém a vencer uma Volta. Mas isto é muito difícil, porque há 30 galifões e muito peixe miúdo.»

Tarefas para amanhã

Amanhã, no largo fronteiro aos acessos à pista de Loulé, pelas 10 horas, partem os corredores em demanda de Tavira. Percorridos 16 quilómetros, os ciclistas entram em Salir, à direita e pela Estrada Nacional n.º 124, e 9 quilómetros depois, em Barranco do Velho, à esquerda e pela Estrada Nacional, n.º 2. Após uma meta de passagem, segue-se por S. Brás de Alportel, à esquerda e pela Estrada Nacional n.º 270, com nova meta de passagem, com prémios. Segue-se Santa Catarina, ao quilómetro 49 do traçado, e terceira meta premiada, para se chegar a Tavira, após 66 quilómetros de estrada, cerca das 11.42 (se não houver qualquer outra bronca antes). A contagem na pista local será cronometrada à segunda passagem pela meta.

À tarde, na pista onde pela manhã «desembarcaram» os sobreviventes desta 38.ª edição da Volta a Portugal em bicicleta, teremos mais um (e outros virão, não se esqueçam) contra-relógio individual, idêntico, regulamentarmente, ao de Vilamoura, com todos os inconvenientes (?) daquele.

Alterações ao regulamento

Na reunião do juri da prova, a que preside Idalino de Freitas, com os representantes dos órgãos da Informação que acompanham estas pedaladas portuguesas, depois de se ter avistado com os dirigentes dos clubes que participam na corrida.

Na reunião com os representantes da Imprensa escrita e falada os dirigentes da Volta informaram que, por acordo dos delegados dos clubes, ficaram assentes duas alterações que constituem outras tantas novidades, portanto não previstas no regulamento.

Assim, nesta Volta, o abastecimento sólido terá de ser dado a pé e passará a ser entregue aos ciclistas através do carro de apoio, à posição do qual terão que descair na marcha da corrida.

A outra inovação reporta-se ao facto de aos ciclistas deixar de ser permitido atravessar passagens de nível quando estas fechadas. Em caso de tal acontecer, a corrida será neutralizada, mantendo-se depois os corredores pela ordem e diferenças de tempo para a parte restante da etapa.

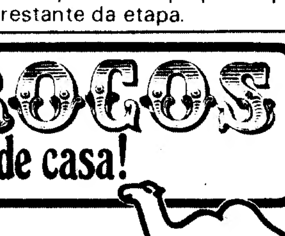
clok cerveja

Bicicletas IBA
IBA, Limitada
LISBOA — PORTO

PHILIPS

Europeia
a experiência ao serviço do turismo

MARROCOS
...país exótico ao pé de casa!



FINS de SEMANA
1 SEMANA (cidades imperiais)
desde 2 390$
colaboração royal air maroc
INFORMAÇÕES & RESERVAS Europeia
AV. LIBERDADE 233 TEL 536121 LISBOA 2

FUTEBOL AOS SOLUÇOS

Vitória do Braga empate do Académico

Procurando rodar, incitar os seus jogadores, entrosar os seus conjuntos, foram várias as equipas que do escalão principal e secundário se encontraram em espécie de «apronto» no passado domingo (e sábado), de Norte a Sul do País.

Para que o leitor fique com uma ideia aproximada e provisória dos encontros disputados, damos-lhe aqui três exemplos:

SPORTING DE BRAGA, 2-ESTORIL, 0 — Estádio 1.º de Maio, em Braga. Árbitro: Aventino Ferreira (Braga). Ao intervalo, 2-0.

Braga — Fidalgo; Mendes, Ronaldo, Fernando e Manaca; Paulo Rocha (1), Pinto e Marinho; Zézinho (1), Chico Gordo e Marconi (Canavarro, Artur Beck e Garcia).

Estoril — Rui Paulino; Vieira, João Carlos, Amilcar e Carlos Pereira; Eurico, Nelson Reis e Quim; Torres, Clésio e Cepeda (Fernando Martins, Zuledo, Oscar, Carlos Gaspar e Manuel Fernandes).

VARZIM, 1-ACADEMICO DE COIMBRA, 1 — Estádio Varzim. Árbitro: Moreira Tavares (Porto). Ao intervalo: 1-0.

Varzim — Freitas; Cacheira (Lima Pereira), Washington (ex-Espinho); Albino (ex-Famalicão) e Montoia (Leopoldo); Manafá (Festas, ex-Leça), Eliseo (ex-Leixões) e Marco Aurélio N'Habola (ex-Famalicão), (Jarbas), Horácio e João (1) (ex-Riopele) (Rúben).

Académico — Helder; Martinho, Rui Rodrigues (ex-V.Guimarães), Alhinho (José Freixo) e Paulo Costa; Gervásio (Vítor Manuel), Gregório e Vala (Rachão, ex-Montijo); Joaquim Rocha (1) (João Carvalho), Costa (Freitas) e Rogério (Manuel António).

PORTUGAL

S. LORENZO DE ALMAGRO

A equipa de futebol do San Lorenzo de Almagro, que se encontra em digressão por Espanha, defronta o F.C. do Porto no Estádio das Antas, na noite da próxima quinta-feira, em jogo de carácter particular. Os argentinos são esperados no Porto amanhã, procedentes de Madrid.

VOLEIBOL

Os clubes filiados na Associação do Porto são convocados para uma assembleia geral ordinária, marcada para 3 de Setembro próximo, pelas 21 horas, na Casa do Desporto. Ordem dos trabalhos: 30 minutos para discussão e apreciação de quaisquer assuntos de interesse para a modalidade; leitura, discussão e aprovação da Acta da Assembleia Geral anterior; e eleição dos corpos gerentes para a época de 1976/77.

Se à hora marcada não tiver comparecido o número legal de sócios colectivos, a assembleia reunirá, em segunda convocatória, 30 minutos depois, com qualquer número de delegados presentes.

PORTUGAL GANHA TORNEIO DE TORONTO

A selecção portuguesa de hóquei em patins que com vista à sua preparação para o Mundial da especialidade que no próximo mês se efectua em Oviedo, ganhou sensacionlmente o Torneio de Toronto, disputado em esquema quadrangular, no qual também participaram a Espanha, a Itália e a Alemanha Federal.

A equipa portuguesa vincou bem a sua superioridade, parecendo em forma bastante apurada e colectivamente superior à temporada finda, quando, por duas vezes, fomos subjugados pela melhor preparação dos espanhóis. Aliás, isso mesmo ia acontecendo no encontro final, renhido e vibrante, que opôs os dois «galos» do Mundo: Portugal e a Espanha.

Aos cinco minutos vencíamos já por 3-0, mas em poucos minutos apercebemo-nos que a vitória seria difícil. E os espanhóis, duros, marcando (após o 0-3) bem os nossos hoquistas (Ferrer a Livramento e Edo para Chana) chegaram ao empate (3-3) a um inuto do termo. E foi necessário um prolongamento, no qual os portugueses, sem dúvida melhores, ditaram a sorte do troféu em disputa com um disparo fulminante de Cristiano.

Eis os resultados dos sete encontros dirimidos:

PORTUGAL-ITÁLIA, 6-3. Ao intervalo: 2-2. PORTUGAL: Ramalhete (Reis); Júlio Rendeiro (1), Garrancho (Sobrinho), Livramento (2), Chana (3) e Salema.

ITÁLIA — Calceri; Sacardo, Faccini, Batistela (1), Fona (1), Golin (1) e Righi.

ESPANHA, 9-ALEMANHA FEDERAL, 2.

ITÁLIA, 2-ALEMANHA FEDERAL, 1.

PORTUGAL, 4-Espanha, 3 — Árbritro: Ruck (Alemanha Federal). Ao intervalo: 3-0. No final do tempo regulamentar: 3-3.

PORTUGAL — Ramalhete; Júlio Rendeiro, Garrancho (2), Chana (1), Livramento, Cristiano (1) e Sobinho.

ESPANHA — Truliels; Ferrer, Vila Puig (1), Nogué (1), Giralt, Edo (1) e Villacorta.

Classificação final — 1.º, Porrugal; 2.º, Espanha; 3.º Itália; 4.º, Alemanha Federal.

VILAMOURA É ISTO

1600 hectares de terreno, 52 km quadrados de estrada...

Antigo empório de um senhor feudal que, pelos vistos, espezinhava os seus trabalhadores à custa de um prémio que lhe foi dado pelo reizinho daquela altura. Vilamoura, simplesmente. Moura vila...

Esgotos, estradas, electricidade, captação de água, um porto de recreio (Marina), tudo isto com 63 por cento de capital privado e o resto do Banco Português do Atlântico. Dois molhes (?) com capacidade para 615 barcos de recreio: mais tarde haverá até 1200 postes de amarração, água, telefone, televisão, electricidade, tudo fornecido para bordo dos iates, que ficam (soberanos) encaixados no azul das águas. Convém lembrar ainda que tudo isto é Vilamoura. E que, sem ter alguma vez recebido procuração de quem quer que seja para fazer o apanágio do que poderá ser um belo período de férias, convém citar que, bem vistas as coisas, isto é local apenas para milionários: o pobre «turista português», aquele que mal ganha para sustentar a si e à família, não deve, com certeza, ter dinheiro para vir aqui passar as suas «vacances». E, no entanto, era um dos locais onde o turismo português mais podia fazer afluir os trabalhadores sindicalizados, os estudantes, todos quantos no nosso país também precisam de ar, sol e mar. Não podem se estas paragens apenas privilégio dos estrangeiros desta trindade deliciosa.

Tem aldeamentos, um casino, 5000 camas com possibilidades de ampliar, aldeias a crescerem, ruínas romanas a proporcionarem um museu ao ar livre, golfe que será o melhor da Europa, um hotel aqui, outro hotel acolá, mais além a previsão de um Mundial de Golfe em terras algarvias. Afinal, tudo isto pertencia a um senhor chamado D. Francisco Barreto que, segundo rezam as crónicas, foi vice-rei da Índia e, à custa dos «excelentes trabalhos» prestados à corte foi contemplado, como Morgado de Quarteira, com esta vasta extensão de terreno, que foi passando de pais para filhos e chegou a manter em exclusividade, o direito (outorgado regiamente), de poder moer cana do açúcar no Algarve. 90 rendeiros (a grei) foram os últimos homens a ser explorados por esta família Barreto: hoje, esses trabalhadores estão em Vilamoura e apraz-nos registar que são, afinal alguns dos seus melhores funcionários.

230.000 contos já foram investidos na Marina, 1 milhão de litros de água por dia é gasto (bem ou mal) a regar os campos de golfe. Há campos de ténis, piscinas, uma exploração agro-pecuária estendida por 600 hectares, há 9000 litros de leite diários, tomate, espargos, morangos, vinho, um centro hípico. Afinal, há aqui milhares e milhares de estrangeiros: pena que neste paraíso não tenha entrado em quantidade maciça o pobretana do português que vive a ver passar os combóios.

LÁ FORA

XADREZ

O Campeonato Mundial de Xadrez Universitário, em que participam 22 países, e que se está a disputar em Caracas, entrou na sua fase mais importante, após a derrota do grande mestre cubano Guillermo Garcia (que até à data se mantinha invicto) pelo brasileiro Neto Gio, que o derrotou em 27 lances. No grupo «A», Israel e Suíça suspenderam as suas quatro partidas, os Estados Unidos derrotaram a Venezuela por 3-0 (com uma suspensa), a U.R.S.S. leva vantagem sobre a Polónia (1,5-0,5), com duas partidas suspensas, e o Brasil conseguiu um ponto sobre Cuba, com três partidas suspensas. No grupo «B», a Escócia vence a Costa Rica por 2-1 (com uma suspensa), a Colômbia vence, também por 2-1, o Iraque [illegible] o México, com uma suspensa, [illegible] as suas quatro partidas. A Islândia ganha por 2-0 ao Porto Rico, com duas partidas suspensas.

Geral

AMADORA

Sobe para seis o número de mortos

Com a morte de João Baptista Junqueiro, de 61 anos, sobe para seis o número de vítimas mortais do trágico desastre ferroviário ocorrido na passada sexta-feira, 13, a cem metros da estação da Amadora. O sexagenário não conseguiu resistir aos ferimentos, tendo falecido ontem à tarde no Hospital de S. José.

Entretanto, e enquanto prossegue o inquérito ordenado pela CP às causas do acidente, um comunicado do Ministério dos Transportes e Comunicações refere que «o Governo decidiu ordenar um rigoroso e completo inquérito às condições de segurança das circulações ferroviárias».

Duplica o contrabando

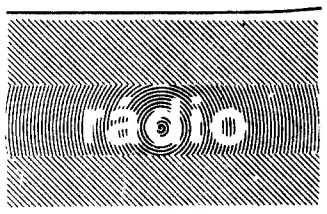
Um comunicado distribuído pela Guarda Fiscal, refere que ao longo do segundo trimestre deste ano, o valor das mercadorias apreendidas em passagem fraudulenta de fronteira agintiu a cifra de 15 mil contos. Esta valor corresponde a cerca do dobro do valor observado no primeiro trimestre de 1976.

No referido valor (15 mil contos) pesaram bastante as apreensões de tabaco estrangeiro (cinco mil contos) e o incremento das transgressões (seis mil contos) uma parte das quais se relaciona com o tráfico ilegal de viaturas.

Quanto à apreensão de divisas e outros valores (ouro e prata) o valor total foi de 1700 contos, repartido respectivamente em 1100 e 600 contos.

O movimento de passageiros nas fronteiras — acrescenta a G.F. — sofreu um aumento superior a 500 mil pessoas, registando-se no entanto, um saldo negativo quanto a nacionais (4000), compensado por um saldo positivo de 27 000 relativo a estrangeiros.

Acrescenta o comunicado da Guarda Fiscal que o aumento dos resultados nas apreensões se deve não só ao «aumento de efectivos» e à «melhoria conseguida de alguns meios de actuação», mas também ao «incremento de tentativas de tráfico de valores de mercadorias» em consequência das diferenças de preço dos mercados.



1.º Programa

16.00: Musica variada; **17.00**: 38.ª Volta a Portugal em Bicicleta — 2.ª etapa — apontamento de reportagem na Pista do Louletano — canções da Europa; **17.30**: Conjuntos; **18.00**: Música portuguesa; **18.30**: A casa e a vida, por Aquilino Ribeiro; **19.00**: Poemas poetas, por Herminia Lojal — música variada; **20.00**: Jornal da noite; **20.30**: Melodias; **21.00**: Pedaladas da «Volta» — contraponto — editorial; **00.00**: Último jornal; **00.30**: Jazz; **01.00**: Música na noite.

2.º Programa

16.45: O conjunto Mozart de Viena, dirigido por Willi Boskovvsky; **17.15**: Intercâmbio musical; **17.40**: Música sinfónica; **18.45**: Intérpretes célebres; **20.00**: Música sinfónica; **21.05**: Música religiosa; **22.00**: Sonata em si menor, op. 58, de Chopin; **22.30**: O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco; **23.00**: A cantata «Endimione e Cintia», de Scarlatti; **23.50**: Solos de piano; **00.20**: Sinfonia n.º 4, de Vaughan-Williams; **01.00**: Fecho.

3.º Programa
Nacional e Regional (294 m)

16.00: Variante (continuação); **16.15**: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **16.40**: Discorrendo, por Bernardo Brito e Cunha; **17.10**: Vamos ao médico, pelo dr. José Matildes; **17.30**: Cinema em variante, por Carlos Pina; **18.00**: Contacto; **21.00**: Música, só música; **21.30**: Quando o telefone toca; **23.05**: Novas de alegria; **23.20**: A música e as vozes.

3.º Programa
Local (187,5 m)

18.00: Entardecer — de vez em quando; **19.30**: Romance de uma cidade (repetição) — cartas a ninguém; **21..**): Fecho.

4.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: Canções; **18.00**: Apenas música; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Orquestras; **21.00**: Concerto; **22.00**: Auditório; **24.00**: Prisma; **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; **18.05**: Trechos seleccionados; **18.15**: Igreja em notícia — palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos da Rádio Renascença; **20.00**: Objectivo; **21.05**: Pentagrama; **21.30**: Ao encontro da grande música; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos; **23.05**: Trifónico; **00.00**: Meditando; **02.00**: Encerramento da estação.

Plantações de liamba em dois liceus do Porto

PORTO, 17 — Depois de descobertas pela P. J. do Porto duas plantações de liamba (nos jardins do Passeio Alegre e num quintal de S. Mamede da Infesta outras foram detectadas pelas autoridades, duas das quais em liceus e outra num terreno camarário.

A lista das plantações é a seguinte: 1 pé, no liceu de Carolina Michaelis; 1 pé no bairro camarário do Carriçal; 4 pés no lugar de Carreiros (Gondomar) num terreno de Manuel Mendes Oliveira; 172 pés em Carreiros (Rio Tinto) de Isodoro Lemos; 1 pé no Liceu Nacional de Matosinhos e 3 pés na Areosa, de Abílio Ferreira.

Também, a P. S. P. detectou alguns casos de plantações num terreno da Rua de Angola e em quintais da Av. da França e do lugar de Lamelas (Santo Tirso). Aquela polícia procedeu, ainda, à captura de alguns implicados na proliferação da droga.

Abusos no autocarro em nome da "liberdade"

Três indivíduos meteram-se ontem num autocarro, na Rua Morais Soares, provocando forte sarilho que só acabaria na Esquadra. Dentro do autocarro, eles estiraram-se nos bancos (não permitindo que outros passageiros se sentassem), fumaram (apesar da proibição) e chamaram **otários** aos polícias. Perante a indignação geral, eles perguntaram «então não há liberdade?».

Trata-se de Adalberto Tenreiro, 24 anos, solteiro, rádiotelegrafista dos CTT de Angola (retornado), Eduardo Lourenço, 18 anos, solteiro, paquete de uma firma comercial, e Adrião Correia, 21, solteiro, pintor da construção civil.

Uma vez na esquadra, os três indivíduos continuaram a defender o seu conceito de liberdade, e chegaram a fornecer à Polícia moradas falsas, ao mesmo tempo que brindavamos agentes com o epíteto de «otários».

O Adalberto trazia consigo uma ampola de «Pervitin», medicamento à base de estupefacientes.

À intervenção do cobrador do autocarro, Manuel Pereira Soares, ficaram os delinquentes a dever o facto de não terem sido julgados e punidos pelos outros passageiros, privados da sua liberdade, em nome da «liberdade» daqueles três.

Ponta-e-mola na Av. de Roma

Tinha contra si um mandado de captura, um individuo que na noite de ontem, na Av. de Roma, agrediu a soco e pontapé duas mulheres e um homem.

À aproximação da PSP, o agressor, Luís Ferreira dos Santos, 24 anos, atirou para longe uma navalha de ponta e mola, com a qual ameaçava as suas vítimas.

Joaquim Pena vai dirigir o gabinete jurídico do Ministério do Trabalho

O dr. Joaquim Penha, recentemente afastado do cargo de director geral do Trabalho pelo ministro Marcelo Curto, foi agora nomeado para dirigir o gabinete jurídico do Ministério do Trabalho. As funções de director-geral do Trabalho passam a ser exercidas, cumulativamente com as de director de serviços do trabalho, pelo dr. José Manuel da Rocha Pimentel, que sucede, neste último cargo, ao dr. Valdemar Mota.

O despacho de nomeação do dr. Joaquim Penha invoca a conveniência e a necessidade dos serviços dependentes do ministro «disporem de técnicos altamente competentes e experientes», constatando que «o esforço que é pedido ao Ministério do Trabalho em termos de revisão e formulação de novas leis do Trabalho dentro da nova orgânica democrática constitucional impõe que o gabinete jurídico seja objecto de especial atenção no sentido do seu reforço e eficiência». O despacho reconhece ao dr. Joaquim Penha os atributos necessários para a realização de tais objectivos.

No que respeita à nomeação do dr. José Pimentel, esta não prejudica modificações orgânicas e estruturais no Ministério, que o respectivo despacho anuncia, prevendo a sua realização dentro de curto prazo. O novo director de serviços do Trabalho mereceu da parte do ministro a referência de «pessoa dotada de alta competência técnica».

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral pouco nublado e o vento era fraco e havia neblina no litoral oeste a norte do Tejo.

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA
Máxima 34º
FIGUEIRA C. RODRIGO
Mínima 14º

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado; vento fraco soprando moderado de noroeste durante a tarde na faixa costeira a sul do Mondego; neblina matinal no litoral oeste.

TEMPERATURAS DO AR
09.00 H.

COIMBRA	20º
PORTALEGRE	24º
LISBOA	24º
FARO	29º

MARÉS DE HOJE

	PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
	8.14	3,3 m	1.54	1,6 m
	21.07	3,2 m	14.22	1,8 m
Dia 18				
	9.46	3,2 m	2.53	1,8 m
	22.33	3,1 m	15.35	1,9 m
Dia 19				
	11.08	3,2 m	4.10	1,9 m
	23.45	3l1 m	16.59	1,9 m

AMANHÃ
NASCER AS 6.53
OCASO AS 20.28

DIA 18 DIA 24 DIA 1 DIA 8

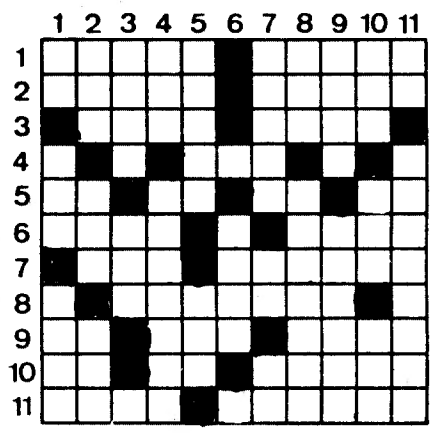
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11446

HORIZINTAIS

1 Efemina. Ilha pertencente à província de Macau.
2 Picantes. Zombaram.
3 Pronome indefinido. Erva-doce.
4 Quinhentos e quatro em romano.
5 Átomo. Nota musical. O sono das crianças. Artigo indefinido.
6 Namorado ridículo. Existe.
7 Pronome pessoal. Escavaras.
8 Governara.
9 Rio da Rússia. Sai frequentemente à rua. Encolerizar.
10 Miriare. Autores. Constara.
11 Rezem. Atravessar.



VERTICAIS

1 Em partes iguais. Cidade de França. Lago de Itália.
2 Setecentos em romano. Possui. Botequim.
3 Lavrai. Víscera dupla.
4 Medicina. Defumaram.
5 Guarnecida de asas. Despida.
6 Tem ocasião de.
7 Amargor. Centiare. Apelido.
8 Rio de França. Órgão genital feminino onde se originam os óvulos.
9 Caminharia. Indignaras.
10 Utensílios domésticos. Nome de fruto. Arara.
11 Amontoa (s.q.). Instruir.

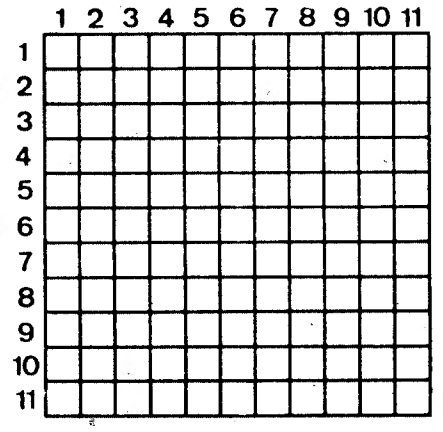
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7606

HORIZONTAIS:

1 Aluga.
2 Samário (s.q.). Fortificai. Crómio (s.q.).
3 Pronome possessivo. Estou. Olé.
4 Caixões funerários. Cobrir.
5 Emparelha.
6 Prefixo de negação. Cálcio (s.q.).
7 Suspiros. O sustenio. Ruído.
8 Observe. Zombem.
9 Pedaços. Equipes.
10 Rezo. Rio da Suíça. Base aérea portuguesa.
11 Triturasses com os dentes



VERTICAIS:

1 Manha. Semelhança.
2 Rio da Europa central que atravessa a Áustria e desagua no Dravo, na Hungria. Atormentara.
3 Mulher de baixa estatura. Tamancos.
4 Antiga unidade monetária da Alemanha. Ferro temperado. Porco.
5 Da Rússia. Avaliai. (fig).
6 Herdade delimitada por marcos. Transpira. Praia (s.q.).
7 Mareante. Rezara.
8 Quinhentos e um em romano. Fileira. Distar.
9 Capa sem mangas. Uma das Espórades.
10 Partido. Pratica.
11 Conduziriam para cá. Sádias.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11445

HORIZONTAIS:

1 Descoser. Am.
2 AMOR. Ebália.
3 Nariz. Op. Dó.
4 Ao. Aramá.
5 Dar. Apara.
6 Ar. Graça. Ce.
7 Trago. COM.
8 Ari. Tole.
9 Omita. Remói.
10 Sonata. Caça.
11 Arcos. Cremos.

VERTICAIS:

1 Danadas. Osa.
2 Ema. Ar. AMOR.
3 Sorar. Trino.
4 Crio. Gritas.
5 Ará. At.
6 SE. APAGA. Ac.
7 Eboraco.
8 Rapara. Tece.
9 Ma. Comam.
10 Aida. Coloco.
11 Mão. Semeias.

Provérbio: AMOR, COM AMOR SE APAGA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7605

HORZONTAIS:

1 As. Ocelo. Ul.
2 Marca. Urano.
3 Acuam. Costa.
4 Aa. Até. Ao.
5 Sór. Ror.
6 Ás. Cá. Não
8 Samos. As. MC.
9 Tios. Aa.
9 Ari. Se. Caim.
10 Vadios. Oboé.
11 Amor. Ossa.

VERTICAIS:

1 Ama. Gastava.
2 Saca. Sairam.
3 Ruas. Moído.
4 Oca. Ocos. Ir.
5 Câmaras. Só.
6 Peso.
7 Lucerna.
8 Oro. Oásicos.
9 Ásaro. Aba.
10 Unto. Maio.
11 Loa. Recames.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO A-1

TODA A NOITE

ALMIRANTE REIS
Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A (T.41269)
ALVALADE
Zil, Av. da Igreja, 9-D/E (T.711780)
AVENIDA DA LIBERDADE
Galénica, R.das Pretas, 12-14 (T.322588)
AVENIDAS NOVAS
Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 288-A (à Feira Popular e Av. 28 de Maio) (T.973016); Cardeira, Av. Duque d'Avila, 32-C (esquina da Av. da República) (T.43495)
AMEIXOEIRA
São Bartolomeu, Av. Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (T.790969)
BELÉM
Gomes, R.da Junqueira, 326 (T.638193)
BENFICA
Benfiluz, E.de Benfica, 444-A (T.782606)
CAMPOLIDE
Nova, R.de Campolide, 297-C (T.687475)
CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro, Rua de Campo de Ourique, 131-133 (Tel. 68660).
CONDE BARÃO
Marcos do Nascimento, C. do Marquês de Abrantes, 36-A (Tel. 664238).
OLIVAIS
Olivais, R.Alves Gouveia, 19 (T.311237)
RATO
Soares, Av. Alvares Cabral, 1 (T.684282)

TURNO A-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Bairrão, R.Prior do Crato, 25 (T.661321)
ALVALADE
Lusitana, Av. de Roma, 18-A (T.725443); Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (à Av. dos Estados Unidos da América) (T.721409)
AVENIDAS NOVAS
Sá da Bandeira, R.Marquês de Sá da Bandeira, 36-42 (T.41961/54672)
BAIRRO ALTO
Pinharanda, R.da Rosa, 94-96 (T.321534)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, P.Norte, 11-A (T.311216)
BAIXA
Silva Carvalho, R.dos Fanqueiros, 26 (T.326575)
CAMPOLIDE
Ronil, R.Rodrigo da Fonseca, 153 (T.683438)
CAMPO DE OURIQUE
União, R.Saraiva de Carvalho, 145-F (T.663643)
ESTEFÂNIA
Estefânia, Rua Pascoal Melo, 90, (T. 44438)
LAPA
Neves, Rua da Bela Vista, à Lapa, 37 (T. 661251)
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B (T. 791131)
PENHA DE FRANÇA
Carrondo, R. Padre Sena Fretas, 10-A (T. 842518).
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (T. 720703-99385)
SÃO VICENTE
Santo António, R.Leite de Vasconcelos, 72-C (T.862333)
XABREGAS
Conceição, C.de D.Gastão, 30-32 (T.381279)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. C.G.Guerra, 29 (T.2112081)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R.Costa Pinto, 184 (T.2432034). Toda a noite
OEIRAS
Godinho, R.Cândido dos Reis, 98 (T.2430090). Até às 8 22 horas
NOVA OEIRAS
Leal. Até às 22 horas
CARCAVELOS
Central. Toda a noite
S.DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (T.260085). Até às 22 horas
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho, B.das Caixas de Previdência (T.2472948). Toda a noite
MURTAL
Primavera, R. das Parreiras 2 (T.2472278). Toda a noite
AMOREIRA
Amoreira, Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
Lopes, R. Hangar, 3 (T.260008). Toda a noite
CASCAIS
A.Costa, R.Freitas Reis, 24-C (T.280214. Até às 22 horas; Cordeiro, Av. C.G.Guerra, 40 (T.280170). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I, 9-B (T. 932756); Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (T.932210); Igreja, P.da Igreja, 22-A (T.937740); Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T.938424)
DAMAIA
D.João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T.970461)
QUELUZ
Correia, L.do Mercado, 3 (T.950906)
CACÉM
Araújo e Sá, E.de Paço de Arcos, lote 1-B (T.2940781)
MEM MARTINS
Miranda Garcia, E.de Mem Martins, 173-B (T.2912038)
S.PEDRO DE SINTRA
W Valentim (T.980456)
SINTRA
Marrazes, Vila (T.2930155)
COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L.António dos Santos Jorge, 15 (T.234100)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T.204250)
ALMADA
Galeno, R.Capitão Leitão, 85 (T.2760565)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E.Nacional, 244-A (T.2040141)
BARREIRO
Normal, Av. Alfredo da Silva, 88 (T.2073035)
COVA DA PIEDADE
Morgado, R.Cadoda Boa Esperança, 25-A (T.2767356)
MOITA
W Silva Rocha, P.da República, 16 (T.239029)
MONTIJO
Montepio, R.Almirante Reis, 93 (T.2310035)
SESIMBRA
Lopes, R.Cândido dos Reis, 21 (T.2233028)
SETÚBAL
Oliveira, L.da Miresicóridia (T.22488); Louro, R.Frei António Chagas, 24-A (T.24491)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (T.2218580)

PORTO

TURNO 2

ATÉ AS 22 HORAS

Boavista, R.da Boavista, 601 Cosme, R.de Costa Cabral 584 S.Diniz, R.de S.Diniz, 428; Soeiro, R. de Santos Pousada, 71 Vitalia, P.da Liberdade, 34 Antunes, R.do Bonjardim, 485 Pereiro, R.da Preciosa, 35

TODA A NOITE

Nacional, R.Senhora da Luz, 156, Foz Alberto Ferreira, R.da Estação, 100 Antero de Quental, R.Antero de Quental, 520; Herculano, R. Alexandre Herculano, 384.

COIMBRA

Cruz Viegas, R.do Brasil, 154 (T.22961); Donato, R.Ferreira Borges, 2 (T.22603); Rainha Santa, R.Figueira da Foz, 11 (T.24737)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ADÓQUE
20.30, 22.30 (18 anos)
«A Grande Cegada»
VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«Fanshen»
TEATRO ABERTO
21.15 (13 anos)
«O Circulo de Giz Caucasiano»

LISBOA/Cinemas

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Relações Escaldantes»
CAPITÓLIO
20.30 e 22 (18 anos)
«Garganta Funda»
EUROPA
21.30 (18 anos)
«Vampira»
SATÉLITE
21.15 (13 anos)
«Eram os Deuses Astronautas»
PARIS
21.30 (10 anos)
«Rei Sem Coroa»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«A Adolescente»
LUMIAR
21.15 (18 anos)
«Fim-de-Semana Ilegítimo»
OLÍMPIA
21.00 (13 anos)
«Eram Todos Filhos da Mãe»
IDEAL
21.15 (18 anos)
«Os Vikings»
PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«Duas Raparigas num Pijama»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
Oxford
21.15 (6 anos)
«Os Barbeiros da Secilia»
CASCAIS
S. José
21.15 (13 anos)
«Punhos de Aço»
PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«O Homem da Pistola Dourada»

LINHA DE SINTRA

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«As Noites Loucas do Hotel Lua de Mel»
AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Os Perversos»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (18 anos)
«Se Te Encontro Mato-te»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Noites de Cabíria»
ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Morrer ao Sil»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«A Quadrilha dos Doberman»

PORTO/Cinemas

ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Passado Inesquecível»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Chove em Santiago»
TRINDADE
21.15 (10 anos)
«My Fair Lady»
S. JOÃO
21.15 (13 anos)
«Henessy, o Militante»
BATALHA-BEBÉ
22.00 (13 anos)
«Os Violinos do Baile»
VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Jesus Cristo Superstar»
TERÇO
21.05 (6 anos)
«A Grande Evasão»
BATALHA
21.15 (13 anos)
«Aventuras em Mar de Espuma»
CARLOS ALBERTO
21.15 (13 anos)
«Aventura é Aventura»
JÚLIO DINIS
21.15 (6 anos)
«Os Malucos do Estádio»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«O Monstro do Pântano»
COLISEU
21.15 (18 anos)
«O Assassino de Saias»
SA DA BANDEIRA
22.00 (18 anos)
«Garganta Funda»
ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«Os Canhões de Navarone»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«As Aventuras Heróicas dos Três Mosqueteiros»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«A Insatisfeita»

cinemas

CASTIL

Tel. 630194 — 15, 17, 19 e 21.15

Colorido Int. a menores de 18 anos
3.ª semana
Quando o amor livre tem encanto... não é imoral!
AMORES SEM FREIO
Real. Gerard Kikoine Alex Nubarr Alain Van Dame

IMPÉRIO

T. 555134/5 — 14.30, 18.00 e 21.15

M. 10 anos
LAWRENCE DA ARÁBIA
Peter O' Toole-Alec Guiness e Omar Sherif
7 óscares-37 prémios internacionais
3.ª semana

POLITEAMA

T. 323805 — 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

Um êxito ultra-sensacional-Int. men. 18 anos
ÊXTASE SEXUAL DE MACUMBA
ESTE FILME PODE SER CONSIDERADO PORNOGRÁFICO

VOX

T. 720808 — 15.15, 18.15 e 21.15

Para todos
O maior êxito em comédia musical!
CHITTY CHITTY BANG-BANG
Dick Van Dick - Leonel Jeffries

ROMA

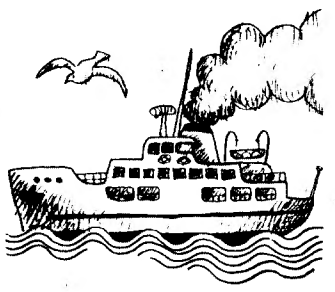
Tel. 727778 — 15,30, 18,30 e 21,15

Interdito a menores 18 anos
EMMANUELLE A ANTIVIRGEM
Este filme contem cenas eventualmente chocantes
14.ª Semana

MUNDIAL

Tel. 538743 — 14,15, 16,30, 18,45, 21,15

Não acons. a menores de 18 anos
A ÚLTIMA NEVE NA PRIMAVERA
o filme começa 5 mn. ap. a sessão



Cruzeiro a Troia

Dias 25 de Julho
8 e 22 de Agosto
5 e 19 de Setembro

Uma iniciativa do GITUS levada a efeito numa das modernas embarcações dos Caminhos de Ferro Portugueses

Preços adultos 150$00
crianças 70$00
Suplemento para almoço 50$00

Horário estação do Terreiro do Paço
embarque 08.00 horas
desembarque 20.30 horas

bilhetes à venda nas estações de Lisboa no GITUS
(telef. 53 98 71-36 25 01-68 11 78)
e no teu Sindicato

Caminhos de Ferro Portugueses

BARES • BOITES
RESTAURANTES TÍPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13, (Tel. 364859, 368197). Marta Mónica Strip-teaseuse.
CASINO DO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 264621/264946.

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 — 15.00 e 21.00

Não aconselhável a Menores de 13 anos
Uma história imortal! um filme eterno!
E TUDO O VENTO LEVOU
com Clark Gable Vivien Leigh Leslie Howard
11.ª semana

EDEN

T. 320768 — 14,00, 16,30, 19,00 21,15

Não acons. a men. de 13 anos
Nunca os sete mares foram devassados por tal aventura!
O PIRATA NEGRO
com Bud Spencer e Terence Hill

ODEON

T. 326283 — 15.15-18.15 e 21.15

Maiores 14 anos
2.ª Semana de enchentes
Um filme que revive o drama das mães solteiras
O DIREITO DE NASCER
com Aurora Bautista e Julia Aleman
Um problema em louvor da existência dos filhos do pecado

APOLO 70

Tel. 763311 — 14,00, 16,30, 19,00, 21,15

Não acons. men. 18 anos
YAKUZA
Hoje às 24 h.
Grupo D M. 18 anos
O ÚLTIMO DESAFIO
com Glenn Ford

CASINO ESTORIL

T. 264521/264996 — 17.00 e 21.15

Int. men. 18 anos
SERÁ TODA A NUDEZ CASTIGADA

S. JORGE

Tel. 54153/4 — 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. a men. 18 anos
«MR. HÉRCULES CONTRA KARATE»
Colorido-Panavision

RESTELO

Tel. 67037 — 21.00

Não acons. a men. de 18 anos
MENINAS BEM

AVIS

Tel. 47163 — 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos
BOBBY
7.ª Semana

ESTÚDIO

T. 555134 — 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos
TUDO A POSTOS, NADA EM ORDEM
o novo filme de Lina Wertmuller

ESTÚDIO 444

Tel. 779095 — 15.30, 18.30 e 21.15

não acons. m/18 anos
FERIAS VIOLENTAS
um filme de Yves Boisset

CARLOS MANUEL — SINTRA

Tel. 2903 14 — 21.1

Não acons. men. 18 anos
AS NOITES LOUCAS DO HOTEL LUA DE MEL

D. JOÃO V — DAMAIA

Tel. 971794 — Às 21.15

Não acons. men. 18 anos
PRIMOS CARNAIS

UNIVERSAL

Tel. 774402

Às 16.30, 22.30 (N. ac. m/18)
LÁGRIMAS E SUSPIROS
de Ingmar Bergman
Às 14.30, 20.30 (Int. m/18)
A VERGONHA
de Ingmar Bergman
Sábado às 00.30
LÁGRIMAS E SUSPIROS

CONDES

Tel. 322523 — 14.00, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. men. 13 anos
CAVALGADA FANTÁSTICA
com Lee Van Cleef - Catherine Spaak

BERNA

T. 776098 — 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Para todos
A partir de hoje às 14 h
Lerry Lewis/ Joan Blackman em
JERRY
PRIMEIRO TURISTA NO ESPAÇO
um filme de Norman Taurog

LONDRES

T. 8[illegible]313 — 14, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. men. 18 anos
O filme de Ingmar Bergman
O AMANTE
(The Toud)
c/ Bibi Andersson e Eliott Goul

ROXY

Tel. 48550 — 14,15, 16,30, 18,45, 21,15

Não acons. a men. 13 anos
OS SUSPEITOS
O melhor policial da temporada
c/Mimsy Farmer-Renand Verley e Bruno Cremer

TIVOLI

T. 570595 — 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
O maior êxito de gargalhada do cinema francês
O GENDARME CASA-SE
2.ª semana
Com Louis de Funés

ALVALADE

Tel. 897480 — 14,15,16.30,18,45, 21,15

Int. men. 18 anos
BARCELONA KILL
c/Linda Hayden-John Justin

PATHÉ

T. 821933 — 14.15 16.30 18.45 e 21.15

Interdito a men. 18 anos
FOGO NO SANGUE
Um filme super-audacioso
Contém cenas eventualmente chocantes
5.ª semana

NIMAS

T. 574313/574313

14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. menores 18 anos
8.ª semana de lotações esgotadas
CHOVE EM SANTIAGO
o Chile de Allende a Pinochet

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

CR ESTÁ REUNIDO

Provimento de vagas e actividades terroristas serão debatidos

. Encontra-se reunido no Restelo o Conselho da Revolução.

Embora como já vem sendo habitual a agenda de trabalhos inclua um único porto — «a análise da situação político-militar» — pensa-se que nele serão inseridos temas como o provimento de vagas no Conselho da Revolução e as nomeações dos novos comandantes das Regiões Militares do Centro e Sul, além de outros assuntos como as oeprações de combate ao terrorismo que se vêm desenvolvendo e a situação do ex-general Spínola.

Recorda-se que o preenchimento das vagas e a nomeação dos novos comandantes parsa por indicações a fornecer pelos chefes dos Estados-Maiores do Exército e da Força Aérea, nomeadamente, no primeiro caso, quanto a Pires Veloso, Franco Charais e Pezarat Correia e, no segundo, quanto a Pinho Freire. Até ao fecho desta edição não foi possível obter confirmação quanto à hipótese destes lugares ficarem preenchidos durante a reunião de hoje do Conselho da Revolução.

Os nomes mais falados continuam a ser os do tenente-coronel Hugo dos Santos (R.M.do Centro) e do coronel Artur Beirão (R.M.do Sul), e ainda o do coronel Garcia dos Santos para ocupar o lugar de conselheiro deixado vago pela saída de Pires Veloso. Quanto ao substituto de Pinho Freire não se adiantam, por enquanto, nomes. Um comunicado do E.M.F.A. informa que «a vaga de conselheiro da Revolução deixada pela saída do general Pinho Freire só será preenchida depois do chefe do Estado-Maior da Força Aérea, representante legítimo deste ramo das Forças Armadas, ter ouvido os membros do Conselho da Revolução representantes da Força Aérea, bem como os comandos e órgãos superiores da Força Aérea e não como alguns órgãos de Informação, por desconhecimento por certo do cecreto-lei que regula a designação de novos membros, dizem ser da decisão do Conselho da Revolução».

Quanto aos temas Spínola e terrorismo, o Conselho deverá examinar a evolução dos dois casos. Nomeadamente quanto a Spínola é muito provável que o objecto de discussão passe pelas acusações que lhe são formuladas como responsável pelo M.D.L.P., num processo de acusação movido já após o seu regresso e ao qual não seria estranha uma intervenção do próprio Presidente da República e chefe do E.M.G.F.A., Ramalho Wanes. No que se refere ao terrorismo adianta-se que o plano de combate actualmente a decor4er teria na sua origem a acção do próprio chefe do E.M.E., brigadeiro Rocha Vuira.

CIMEIRA DOS NÃO-ALINHADOS

Secretário-geral da O.N.U. propõe isolamento do regime ilegal da Rodésia

. Com a abertura da quinta cimeira dos Países Não-Alinhados — ontem de manhã na capital do Sri Lanka, antigo Ceilão — começam a concretizar-se as intenções dos 85 países que integram o Movimento. Essas intenções básicas são de duas ordens: políticas, em primeiro lugar, tudo indicando que principiarão a adopatar osições conjuntas na Assembleia Geral da ONU; económicas, em segundo lugar, com o crescimento da tendência para exigir aos países ricos, compradores de matérias primas e exportadores de produtos manufacturados uma remuneração das matérias primas mais consentânea com o valor cobrado, pelos bens exportados, para o Terceiro Mundo.

As questões internacionais mais em foco na cimeira e como tal abordadas nas intervenções dos «leaders» do movimento são os blocos militares, que os não-alinhados pretendem ver desmontados, a situação no Líbano, no Sahara Ocidental e na África Austral.

«É preciso isolar o regime ilegal de Ian Smith» disse o Secretário-Geral da ONU, na abertura dos trabalhos dando o tom ao que iria passar-se, de então até agora, na capital do Sri Lanka

Situando os pontos chave onde se verificam essas confrontações, Waldheim falou da África Austral.

«Haverá uma crescente confrontação na África Austral se não forem encontradas soluções justas», disse ele. «A disseminação da violência na região poderá ter reprecussões internacionais afectando a paz e segurança no mundo».

Pediu uma rápida transferência de poderes para a maioria na Rodésia.

«Enquanto o regime minoritário ilegal recusar reconhecer a realidade ou escutar a razão, o conflito continuará inevitavlemente a espalhar-se», disse.

«É minha convicção que apenas uma rápida transferência para um regime de maioria pode trazer uma solução justa e duradoura para este problema. Devemos manter os nossos esforços para isolar o regime ilegal», acrescentou.

BOUMEDIENNE: «O IMPERIALISMO PROCURA A DESINTEGRAÇÃO DO NÃO-ALINHADOS»

O presidente Boumedienne deu o tom de tendência progressista à quinta cimeira dos não-alinhados, ao acusar «as capacidades de resposta do imperialismo para manter a supremacia» e ao abordar, de frente dois controversos assuntos: os problemas do Sara ocidental e do ibano.

Referindo-se às «novas estratégias do imperialismo» para recuperar as posições perdidas, o presidente Boumedienne deu, a propósito, o exemplo do Sara Ocidental onde, em sua opinião, o processo de descolonização foi posto na esfera perigosa da ocupação militar, depois de uma «transferência arbitrária» do poder.

«Para disfarçar a perda de supremacia, o imperialismo tenta minar o nosso movimento por dentro, e tentando provocar por qualquer preço, clivagens ideológicas que oponham entre si os membros do movimento, com detrimento dos superiores interesses da nossa comunidade» afirmou Boumedienne.

«O episódio mais trágico desta estratégia de desintegração está a ter como cenário o ibano, cuja unidade nacional e integridade do território se mostram gravemente comprometidas e cujo povo, bem como centenas de milhar de palestianos, é vitima de um verdadeiro extermínio», disse.

Quanto às relações económicas, Boumedinne disse que se tornaram «a área principal de confrontação», onde os os que defendem a velha ordem são atirados contra os que tentam «encontrar o seu caminho, em dignidade e liberdade, em direcção ao progresso e prosperidade».

As tácticas de retardamento utilizadas pelas nações desenvolvidas procuram «adiar, qualquer modificação real nos mecanismos das relações económicas internacionais» salientou ainda, acrescentando: «somos forçados a notar que apenas a nossa determinação em impor o respeito aos nossos direitos abrirá caminho a negociações em pé de igualdade».

Kissinger felicita Medeiros Ferreira

O secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, enviou ao ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo Português, Medeiros Ferreira, um telegrama de feticitações pela sua recente nomeação para aquele cargo.

A informação provém do próprio Ministério e dela consta que mais cinco ministros dos Negócios Estrangeiros de diversos países enviaram idênticas felicitações ao seu homólogo português. São eles Jean Sauvagnargues (França), Puja Frigyes (Hungria), Petar Mladenov (Bulgária), Ismail Fahmy (Egipto) e Y. B. Chavan (India).

ROUBO AUDACIOSO

"Ratos dos esgotos" atacam em Paris

. PARIS, 17 (R) Gatunos abriram um tunel através do sistema de esgotos e esvaziaram 200 cofres de deposito do banco Société Generale, em Paris, numa operação parecida com o espectacular assalto a um banco de Nice por individuos que ficaram conhecidos como «ratos dos esgotos», segundo revelou hoje a Policia.

As autoridades revelaram uque os homens abriram caminho através de uma parede subterrânea de cimento para entrarem nas casas fortes do banco na Ile Saint-Louis, onde residem muitos astros cinematográficos e politicos franceses.

Assalto na 24 de Julho

. Um adulto e dois menores, foram ontem detidos pela PSP., momentos depois de terem assaltado, na Av. 24 de Julho, um carregador do Porto de Lisboa, reformado.

O assalto ocorreu por volta das três e meia da madrugada, quando Francisco de Sousa Lobato por ali passava, e, de repente, se viu abordado pelos três meliantes, de faca em punho. Na ocasião roubaram-lhe o relógio de pulso (no valor de dois contos e duzentos) rebentando a bracelete.

O chete do grupo, de 24 anos, vai ser remetido para os calabouços da Judiciária, enquanto os menores, ambos de 14 anos, serão enviados ao Tribunal Central de Menores.

Acrescente-se que a recuperação de menores, na Tutoria, «deixa muito a desejar», segundo opinião mais ou menos generalizada.

Ofensiva antiterrorista

Continuação da pág. 1

trital da PSP do Porto, que tudo indica ter colhido de surpresa não só importantes figuras da rede terrorista como até certos meios politicos reconhecidamente de direita.

Entretanto e apesar das pressões de significativos meios politicos as investigações prosseguem acompanhadas de detenções. É o caso de prisões efectuadas já em Lisboa, e de que se mantém por enquanto sigilo no sentido de não se prejudicarem as diligências em curso. Podemos adiantar que se trata de dois civis, cuja captura poderá levar a novas indicações sobre a rede bombista.

Mais suspeitos foram já referenciados, não sendo de excluir a hipótese de alguns deles terem abandonado o País na intenção de se porem a salvo de qualquer interrogatório e eventual detenção. Neste caso teriam escolhido o Brasil ou Espanha. Tais hipóteses não são confirmadas nem tampouco desmentidas pela PJ.

Finalmente, anuncia-se que o comandante da Polícia de Segurança Pública do Porto, major Mota Freitas, continuará preso no Forte de Caxias, não devendo ser libertado até que as investigações terminem, para não as prejudicar.

Quanto ao major Sampaio Cerveira, a desempenhar interinamente as funções de comandante da PSP do Porto, as circunstâncias fazem supôr que venha ser ouvido como declarante ou testemunha.

Por último, e enquanto altas instâncias procuram que o prestigio da PSP não seja afectado com o caso do major Mota Freitas, não há ainda qualquer indicação sobre a eventual substituição daquele major no comando da Policia de Segurança Pública no Porto.

À medida em que prosseguem as investigações policiais, visando a captura de terroristas, comissões de moradores e de trabalhadores exigem que os culpados sejam julgados pelos atentados bombistas que, nalguns casos, fizeram vitimas pessoais.

. O comandante da Polícia de Segurança Pública do Porto, major Mota Freitas, continuará preso no Forte de Caxias, não devendo ser libertado até que as investigações terminem, para não as prejudicar.

Quanto ao major Sampaio Cerveira, a desempenhar interinjmente as funções de comandante da PSP do Porto, as circunstâncias fazem supor que venha a ser ouvido como declaclarante ou testemunha.

Por último, e enquanto altas instâncias procuram que o prestígio da PSP não seja afectado com o caso do major Mota Freitas, não há ainda qualquer indicação sobre a eventual substituição daquela major no comando da Polícia de Segurança Pública no Porto.

À medida em que prosseguem as investigações policiais, visando a captura de terroristas, comissões de moradores e de trabalhadores exigem que os culpados sejam julgados pelos atentados bombistas que, nalguns casos, fizeram vítimas pessoais.

«RECORDAÇÃO DE GUERRA»?

Diverso material de guerra, foi recentemente encontrado abandonado numa lixeira no lugar de Cabeda, Armezinde.

Em contacto com a GNR, um porta-voz desta corporação disse-nos que a descoberta levou à abertura de um processo de investigação, embora tudo indique que o material foi ali despejado por alguém que dele se quis desfazer. Tratar-se-ia de simples «recordação de guerra»?

. Vejamos o tipo de «recordação»: cinco granadas (uma de morteiro, outra de bazuca e três de mão) e vinte e seis cartuchos de diferentes calibres.

EANES RECEBE EMBAIXADOR DA RDA

. O Presidente da República, general Ramalho Eanes, recebeu esta manhã, «em visita de cortesia», no Palácio de Belém, o embaixador da República jemocrática Alemãl em Lisboa, dr. Erich Butzke.

De tarde, Ramalho Eanes presidirá ao Conselho da Revolução.

tome nota

PROGAMA DE LUTA

Desde qu se transformou em grande defensora do Erário público, «A Luta» tem-se mostrado preocupada com o défice do «D.L.», e com os da Imprensa estatizada em geral. Consta, nalguns círculos, mas não garantimos a autenticidade que o lúcido vespertino se prepararia para apr sentar ao Governo um conjunto de medidas consideradas nec ssárias para defender o Erário público: encerramento das empr sas de comunicação social deficitárias, o qu englobaria, al m do «D. L.» da Radiodifusão e da Televisão, os restantes jornais estatizados.

Como medida complementar, «A Luta» xigiria ao seu camarada Arnaldo Matos, que o MR.P.P. pagu imediatamente os milhares de contos qu deve às empr sas que têm impresso a folha «Luta Popular», sem o que seria l vantado imediato inqu rito para determinar r sponsabilidades atinentes à «abertura» desses «cr ditos» ao MR.P.P..

AMEAÇAS DA CAP

. A CAP, com o celebérrimo Casqueirro na batuta, realizou no passado fim-de-semana mais um dos seus (ultimamente pouco concorridos) plenários. O tema oficial foi a fruticultura. O objectivo real, como sempre; agitar, manipular. O resultado: se até ao dia 5 de Setembro, o Governo não der is subsídios que a CAP reclama, o Casqueiro, promete «maçãs na rua».

Para os agitadores de Rio Maior, pouco importa que nos últimos anos do regime fascista os grandes agrários e intermediários tenham multjplicado de modo desordenado, sem olhar a terrenos, a variedades, a qualidade, a cultura da fruta, e da maçã em particular. Vivia-se um período altista, e os lucros assim o exigiam.

Simplesmente, agora o reverso da medalha: existem largas dezenas de toneladas de maçã que não encontram comprador. Exportá-la para a Europa... nem pensar, tal é a concorrência no mercado europeu. Os pequenos produtores são uma vez mais as grandes vítimas do sistema, que a CAP do Casqueiro pretende perpetuar. Mas isso não importa quanto o objectivo é agitar e daí as ameaças: guerra da CAP, a exemplo do que «fazem os agricultores na Europa evoluída», se o Governo socialista não der já os subsídios.

Curiosamente, o maestro da CAP, enquanto ameaça com formas de luta «como fazem os agricultores na Europa evoluida», vai dizendo que algumas das exigências salariais dos trabalhadores não são compatíveis com a economia portuguesa.

Os CAP's agitam-se. Ameaçam. Até quando?

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS ANTERIOR: 48 601 EXS.